vol.01
n.02
2023

pedagogia da ANCESTRALIDADE

PYNDORAMA
UFRJ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
NIDES Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social Órgão Suplementar do Centro de Tecnologia da UFRJ
HOJU

Concepção
Primeira turma do curso de extensão "Pedagogia da Ancestralidade"

Produção e edição
Roberta Tomaz Cendon Gil
Kaká Portilho
Carlos Alexandre Rodrigues Pereira

Revisão
Primeira turma do curso de extensão "Pedagogia da Ancestralidade"

Realização e publicação
Coletyva Pyndorama
Rua Angelita lt 07 Qd 19, Campos Elysios, Duque de Caxias.
CEP 25223-590

Promoção
Instituto Hoju
Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social - NIDES
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Capa e contracapa
Arte "Onça", por Isis Costa do Carmo

Revista produzida e editada no Canva Pro

Classificação da Informação
As informações contidas neste documento são direcionadas para fins educativos. Direitos autorais cedidos pelos autores à Coletyva Pyndorama. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

Contato: coletyvapyndorama@gmail.com

Rio de Janeiro, agosto de 2023

pedagogia da ANCESTRALIDADE

Volume 01, número 02, ano 2023

sobre o NIDES

NIDES é o **Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social**, um órgão suplementar do Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi criado em 2013 a partir da experiência de diferentes grupos já existentes na UFRJ dedicados ao tema Tecnologia e Desenvolvimento Social.

O **NIDES** tem como objetivos: realizar pesquisas e desenvolver soluções e tecnologias, de forma integradora e interdisciplinar, para problemas complexos que afetam setores sociais com interesses diversos e com capacidades de atuação desiguais; assessorar movimentos sociais e poder público no intuito de construção de Políticas Públicas; formar professores para o ensino técnico na perspectiva politécnica; desenvolver projetos de extensão em municípios do estado do Rio de Janeiro, contribuindo com a estratégia de interiorização da UFRJ e de incorporação à pauta acadêmica científico-tecnológica de temas de interesse da sociedade; contribuir para a popularização da ciência e da tecnologia; participar no ensino da graduação e pós-graduação na perspectiva sociotécnica; articular, a partir do Centro de Tecnologia a contribuição acadêmica interdisciplinar da UFRJ no fortalecimento da vinculação institucional aos interesses da sociedade civil.

O Núcleo é composto por programas e projetos que fundamentam suas ações de extensão, pesquisa e ensino nos princípios da solidariedade, alteridade, cidadania, transparência, do respeito à diversidade cultural e ao meio ambiente.

São diversos os projetos de extensão e pesquisa em andamento, que inspiram e se conectam com as diferentes ações de ensino, entre as quais destacamos as disciplinas para graduação, abertas a estudantes de quaisquer cursos como disciplinas livres, e o Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Tecnologia para o Desenvolvimento Social, que oferece o mestrado profissional na perspectiva interdisciplinar.

Para saber mais sobre o Nides, acesse: https://nides.ufrj.br/ ou escaneie o código QR abaixo

NIDES
Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social
Orgão Suplementar do Centro de Tecnologia da UFRJ

sobre a COLETYVA PYNDORAMA

PYNDORAMA

COLETYVA LYVRE DE ESTUDOS EM SAÚDE, AMBYENTE, EDUCAÇÃO E CULTURA AFRYCANA, YNDÝGENA E DYASPÓRYCA

O Coletyvo Pyndorama foi criado em 2020 devido à dificuldade de formalizar, no espaço universitário, ações educativas e de pesquisa na temática das ciências, tecnologias e culturas africanas, indígenas e diaspóricas e de conseguir apoios para a sua realização.

Inicialmente, o Pyndorama foi proposto como um programa institucional de ensino, pesquisa e extensão universitária, mas depois ganhou a identidade de coletivo independente, livre e popular, com o intuito de incentivar e defender ações sobre as temáticas de interesse, dentro e fora da universidade.

Essa mudança ampliou a identidade do coletivo e gerou a possibilidade de expandir para fora do ambiente universitário o seu alcance e engajamento. Mais tarde, já em 2023, ganhou a identidade de Coletyva, em honra ao berço civilizatório matriarcal que orienta o pensamento e a organização social na África negra, conforme descreveu Cheik Anta Diop.

A grafia é com Y, que na tradição de algumas línguas indígenas como o Tupy-Guarany, é vogal sagrada. Sua utilização na escrita em português expressa o manifesto, uma demarcação indígena na língua do colonizador, conforme defende o artista indígena potiguara Jução Nyn.

A Coletyva Pyndorama utiliza como proposta metodológica a construção partilhada de conhecimento. Por isso, dialoga com uma ampla rede de pessoas e instituições comprometidas com o contra-colonialismo e contra-racismo, bem como com a justiça histórica e cognitiva para com sociedades negras e indígenas. Aqui você encontrará informações sobre as ações que apoiamos e os materiais que produzimos. Desejamos a você que nos visita uma ótima experiência.

Para saber mais e apoiar a Coletyva, acesse: https://www.coletyvapyndorama.com/ ou escaneie o código QR abaixo:

sobre o HOJU

O **Instituto Hórus Cultura, Educação e Desenvolvimento Humano**, publicamente apresentado como **Instituto Hoju**, está diretamente ligado às matrizes civilizatórias e aos valores culturais dos grupos étnicos: a) que já habitavam as terras brasileiras, antes da invasão portuguesa, os Povos da Floresta, Pindorâmicos, Indígenas, Povos Originários; b) os grupos humanos que foram sequestrados do continente africano, no período da Escravidão Atlântica, para serem escravizados nas Américas, e principalmente no Brasil; Povos e Comunidade Negras Tradicionais de Matrizes Africanas; Afrodescendentes; Afro-brasileiros; Afro-diaspóricos.

Nascido em 1998, no Morro da Mangueira, uma favela localizada entre a Zona Central e Norte da cidade do Rio de Janeiro, o Hoju foi parido por MULHERES NEGRAS, MÃES e organicamente EDUCADORAS, preocupadas com a recorrente violência policial e sua ostensiva presença nas favelas da cidade e do Estado do Rio de Janeiro. Elas iniciaram a organização de atividades socioeducativas e culturais, buscando valorizar a "prata da casa". Sistematizando uma pedagogia autoral, hoje denominada Pedagogia da Mãe ou Pedagogia Matriarcal, elas iniciaram a restituição da feminilidade afroindígena realocando da periferia para o centro, a Mãe, o feminino co-criador do universo, (re) organizador do caos social. A valorização da Mãe como matripotência (Oyewumi, 2016) e matricentralidade (Amadiume, 1987), teve sua efetividade e legou frutos inestimáveis à instituição: desde o sucesso no alcance das metas de projetos e ações, até as mudanças comportamentais positivas, das pessoas beneficiadas nos projetos.

O público prioritário, mas não exclusivo, são famílias pretas e pardas, com foco para crianças adolescentes e mulheres mães, população que historicamente vivenciou no passado e vivencia no presente um alto grau de vulnerabilidade social e econômica.

O Instituto desenvolve projetos e atividades continuadas voltadas ao desenvolvimento integral da pessoa humana, organizadas em quatro eixos (Educação, Política, Ambiental e Economia), transversalizados pelos eixos Cultura e Serviço Social, com foco na inclusão socioeconômica, cívica e cultural.

Para saber mais sobre o Instituto Hoju, seus projetos e ações, acesse o site http://www.institutohoju.org.br/ ou escaneie o código QR abaixo

HOJU

SUMÁRIO

EDITORIAL 09

por Carlos Pereira

REFLEXÕES

Comida e Ancestralidade: a amorosidade em ação 10

por Cláudia Lima

Ervas e Plantas 18

por Potyra Krykati Guajajara

Ancestralidade Afetiva 25

por Mônica Dias

SEÇÕES

Na força e na Raça 43

Oportunidades 44

por Carlos Pereira

Carta para uma amiga, mulher negra, que assim como eu, sofre racismo no trabalho e suas questões são consideradas “problemas de socialização” 58

por Silvana Holanda

Carta de Rayane Freitas para a mãe 60

por Rayane Freitas

Poesia 62

por Leiliana Rodrigues

Corporeidades 64

Carta ao meu corpo 66

por Ariane Moreira

Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho... corpo, ancestralidade, terra – dimensões cosmoperceptivas 71

por Kaká Portilho

E esta corpa aqui 83

por Ariane Moreira

Escrevivência 84

Escrevivência 84

por Cecília Esteves

Baú das minhas lembranças 86

por Erick Carneiro

As minhas lembranças 87

por Lúcia Cabral

Meus queridos ancestrais 88

por Marlene da Silva

Amor 90

Sem problemas 93

por Bitta Bardo

Flores morrem e florescem ao meu redor 94

por Guerra Tapuio

Amado 96

por Estefanne Nascimento

Declaração de amor 98

por Milu Almeida

Querida Bitta 100

por Bitta Bardo

Arte e expressão 104

por Carlos Pereira, Estefanne Nascimento, Carla Albuquerque, Claudia Lima, Natan Duarte, Guerra Tapuio, Fernanda Gonçalves, Silvana Holanda, Daiane Eilert, Bitta Bardo, Ariane Moreira, Socorro Brasil

Brincadeiras 123

por Fernanda Gonçalves, Lidiane Guedes, Lúcia Cabral, Irá Santos, Elba Brito, Socorro Brasil, Carla Albuquerque, Estefanne Nascimento

ESPECIAL

Povos e comunidades tradicionais em defesa da memória e ancestralidade 128

por Socorro Brasil

SOBRE A REVISTA 134

AUTORIES NESTE SEGUNDO NÚMERO 136

NOSSOS AGRADECIMENTOS 138

ÍNDICE ARTÍSTICO 140

Colagem - sempre vivas. Por Carlos Pereira

EDITORIAL

Seja bem-vinde ao segundo número do primeiro volume da Revista Pedagogia da Ancestralidade, idealizada peles participantes do curso de extensão que recebe o mesmo nome. Nossa revista é um espaço de compartilhamento de produções textuais e artísticas em diferentes formatos e que abordam diferentes temas, sempre na perspectiva da ancestralidade, entendida aqui como modo de vida.

Nosso material tem como referência as matrizes civilizatórias negras e indígenas, como forma de contribuirmos aos processos de promoção de justiça histórica e cognitiva para com povos originários de África e das Américas, processo que é protagonizado por negres e indígenas em movimento nos mais diferentes tempos, territórios e segmentos. É uma forma de honrarmos os esforços de nossos antepassados, muitos dos quais silenciados e marginalizados. Que por meio de nossas bocas elus falem. E que nunca mais se calem.

O processo de apagamento resultante dos projetos e ações etnocidas e epistemicidas contra sociedades negras e indígenas foi e continua sendo real, deixando nas corpas-territórios que materializam modos de vida e cosmopercepções tradicionais marcas históricas muito profundas e violentas. Sofrem pessoas humanas, sofre a Mãe Terra, sofre a mata, a água, a montanha, o céu, o raio, o mineral: formas-vida parentes, que compartilham conosco a origem do grande útero, o sopro primordial, a matéria desde o início. Já dizia Ailton Krenak que nós também somos estrelas e nossa matéria circula no universo desde o início de tudo. Esquecemos destes elos de ligação e interinfluência e acreditamos que passaremos imunes à destruição ambiental. Que a destruição de uma comunidade tradicional não nos trará prejuízos. Mas está tudo interligado, e cada ação gera uma reação num processo vivo em cadeia que, nos tempos acelerados de hoje, nos leva cada vez mais rápido ao nosso sufocamento. O fracasso do processo civilizatório ocidental capitalista que é eurocêntrico e antropocêntrico já há muito tempo é denunciado pelos povos e comunidades tradicionais que, por meio de seus modos de vida, nos ensinam, todavia, que outros mundos são possíveis.

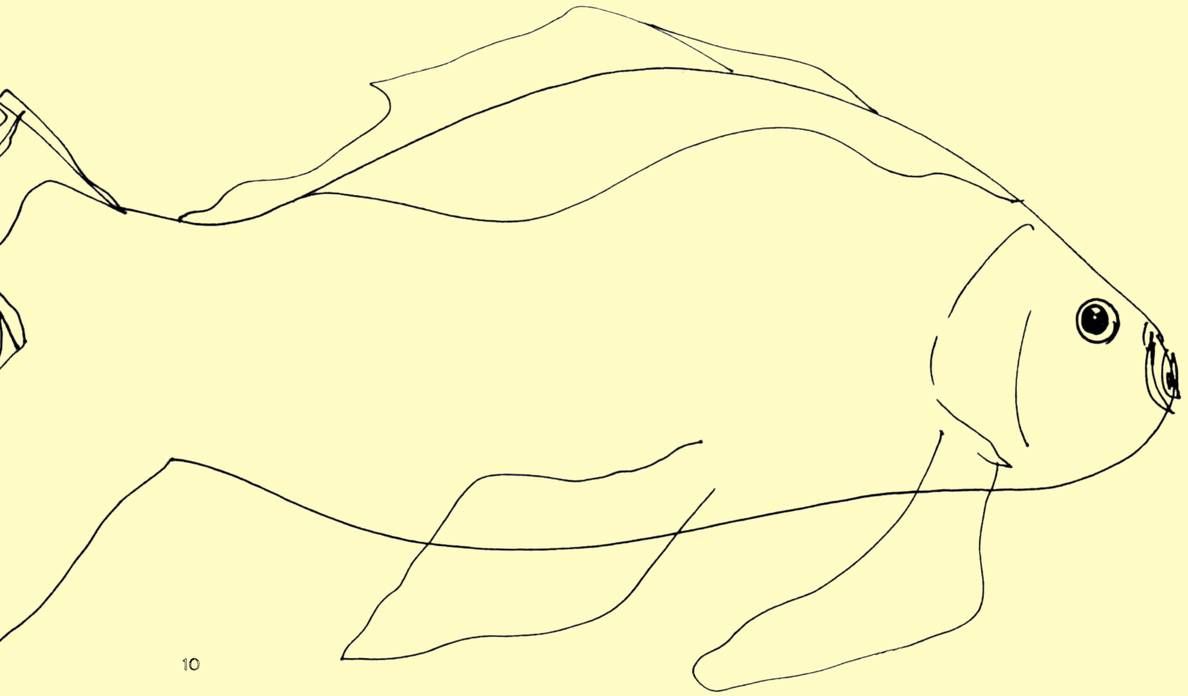
Gostaríamos de inspirar a sua reflexão sobre as grandes mudanças que precisamos provocar no nosso tempo e espaço, e de apresentar os caminhos possíveis a partir da ancestralidade como modo de vida, experimentado e preservado por comunidades negras e indígenas onde valores de colaboração, socialização e integração são fundantes.

Neste segundo número, abordamos alimentação, ervas e plantas, ancestralidade afetiva, oportunidades, corporeidades, escrevivência, brincadeiras, artes e expressão, amor, defesa da ancestralidade e memória. Esperamos que esta revista seja inspiradora no seu processo de bem-viver; particular, porém referente e integrado a uma realidade coletiva, possível de se identificar a partir dos nossos próprios processos de construção de identidade e pertencimento, de experimentação de ser corpo-território consciente. Que seja bom, que seja potente. Degustemos!

Carlos Pereira

Comida e Ancestralidade:
a amorosidade em ação

por Claudia Lima



O último da minha linha direta ancestral prepara-se e nos prepara para o momento do seu ENCANTAMENTO.

Meu pai, Eladio Malcher Lima, não foi um homem com habilidades culinárias. A ação de cozinhar não lhe apetecia, tão pouco a mim parece, a produção ou a compra desse ou daquele ingrediente. Ah! Sob a perspectiva da comida, sua grande habilidade estava em comer, disponibilizava todos os sentidos, colocava-os a serviço. Como se autointitulava "sou bom de boca", acrescento eu: e de prato.

Homem amazônida e petroleiro baseado na Amazônia, filho de um cientista e naturalista também amazônida, viveu a floresta – o que ela oferece e pede, aquilo que dela se aprende – com muita honra e pertencimento. Tornou-se parte. Comer ou ser comido, sempre me pareceu uma questão de perspectiva ou necessidade, a partir da sua visão. Em assim sendo, tudo aquilo possível de alimentá-lo para manter corpo e mente ativos, e alma regojizada, comia.

Peixinhos. **Arte de Roberta Gil, 2023.**

Arriscando um pouco daqui do lugar onde estou, diria que para além de suprir suas necessidades, estava em comer uma prática poderosa de conexão com os diversos lugares e culturas por onde passou. Por gosto, era afeito às comidas de caça e ao sentir prazer, um fluxo de espirros contínuos somados no máximo em dez, seguiam-se após as primeiras garfadas.

Começo a escrita dentro de um avião em pleno voo e tenho por destino a despedida, nesse plano, minha com o papai.

Mulher paraense, nascida em Belém, faço parte da quinta geração familiar nascida e criada no Brasil. Minha constituição ancestral se dá nos territórios do Norte e Nordeste, a comida vem antes de mim, me guia e acompanha.

Quando bem nova, pude observar e muitas vezes participar do fluxo da comida no cotidiano da minha família. Mamãe, Laura Emília Alves Miranda, para além de uma cozinheira de "mão cheia", carregava a sabedoria sobre a relação direta entre uma boa comida e a qualidade da sua produção. Comprava direto do pequeno produtor, costumava fazer pequenas viagens para chegar aqueles que não vinham às feiras livres em Belém.

Chamava pelo nome, conversava sobre a vida e, no caso de verificar um preço de venda distorcido, originado pela necessidade do produtor, logo avisava "está muito barato" e regulava o preço, sugerindo um ajuste mais justo, pagando assim a nova quantia. Era o momento exato quando a Madinha, minha madrinha e irmã da mamãe, movia-se para o outro lado da feira. Comerciante, afeita à barganha, criou um jargão que a acompanha até hoje, quando quer sinalizar algo que lhe parece estar acima do preço: "é pra D. Laura? Então é mais caro".

Enquanto escrevo, trago na memória sabores e saberes. Invade os meus sentidos o cheiro e as imagens do casco da tartaruga com sarapatel e picadinho, da farofa de miúdos, servidos à mesa no almoço do Círio, com os avós, tios, tias, primos. Minha criança vai longe, descasca a pupunha embebe no melaço e come. O cheiro me leva ao Ver-o-peso, ao mercado de peixe, às barracas, às erveiras e suas ervas, aos banhos. Sou do canto do mundo que tem banho pra tudo! E, do açaí grosso servido com pirarucu e farinha baguda.

Entre um voo e outro, uma conexão que não encaixa. Agora em Guarulhos, percebo aquela velha conhecida chegando de mansinho, a ansiedade. Com ela a notícia que vem de Natal, parece indicar a proximidade da despedida, papai não come já tem alguns dias e talvez seja submetido a uma cirurgia. O veio Eladio está na jornada da sua 93ª volta ao sol. Recorro ao *cappuccino*, a ser tomado naquela franquia que lhe apetecia e tantas vezes sentamos juntos: ele com o *cappuccino* e eu o café.

Ah, o café! E quando percebo já não me sinto em Guarulhos, o café pegou a minha mão e me desembarcou nas salas das casas das mulheres da minha família na hora do lanche da tarde. Humm, bolinho de tapioca assado no forno, servido com café e suco de bacuri, cupuaçu, muruci, beriba…, tantas possibilidades e todas dependiam da época para serem servidas. Desde garota acompanho as mais velhas no lanche com café, entre choros, gargalhadas e as falas sobrepostas umas às outras.

Os cheiros e sabores da minha comida agora se fundem com o cheiro e gosto plastificado do *fast food* no saguão do aeroporto. A espera é longa, hoje por aqui almoço.

Entre a expectativa da espera ao novo voo à informação sobre a cirurgia a qual o papai se submeterá ou não, observo o tempo e subitamente as memórias me levam ao tempo do cozinhar, ao tempo lento do fazer, do cozimento, da maniva e da maniçoba. Horas no fogo, o panelão, a cozinha do porão, o revezamento das mulheres cuidando que ao expurgar o veneno a maniva não queime e sim, apure o sabor.

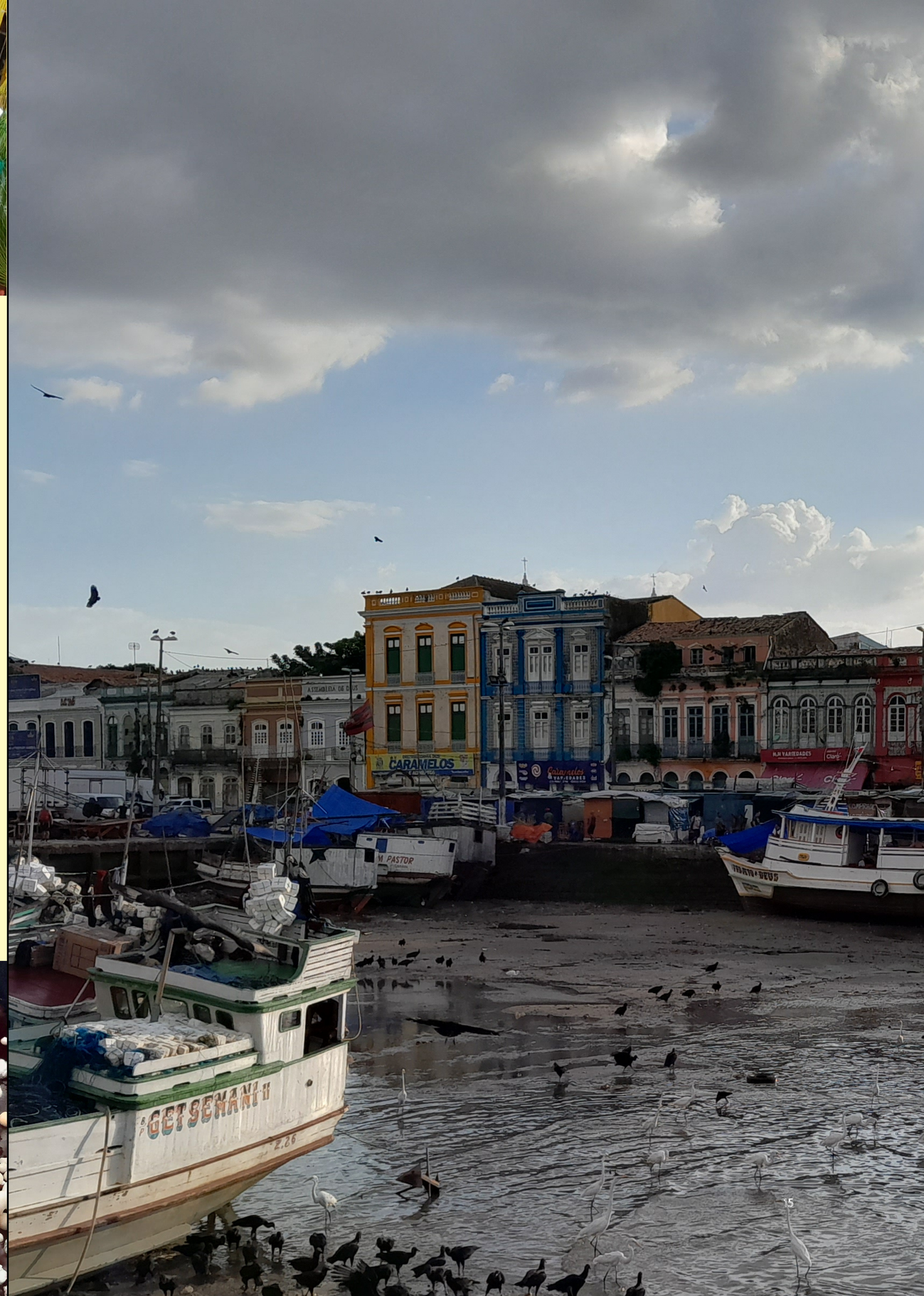
O tempo que é guardião do tempo, aquele que nos permite viver e sentir o tempo do preparo do solo, de espreitar a caça, de semear, de abater, de colher, de preparar e comer. O tempo que honra as memórias e histórias dos nossos mais velhos e nos acompanha entre pausas e ações, o tempo do hoje que é ontem e será o amanhã. O tempo de nascer e renascer.

A minha comida é ancestral, não ficou com meus antepassados, ela permanece a cada escolha daquilo que como no cotidiano alimentar da minha vida, a minha ação é amorosa carrega memórias e acolhe as novidades.

O último dos meus ancestrais diretos encantou-se, por alguns dias fechou a boca, o que aqui lhe estava sendo servido não mais o emocionava. Torno-me assim parte da nova linha dos mais velhos da minha família e peço aos meus ancestrais, que apoiem a minha caminhada.

Claudia Lima
09/04/2023

Fotos:
Páginas anteriores, da esquerda para a direita: Pupunha cozida, Cuia com Tacacá, Banca de peixes no Mercado de Macapá, Banca de ervas e temperos no Mercado de Macapá.
Nesta página, acima: Legumes e tempeiros na feira em Macapá. Abaixo, da esquerda para a direita: cuia com Bacaba e farinha de tapioca, cuia com Açaí e farinha de Tapioca. Ao lado: paisagem do centro histórico de Belém, próximo à região do Ver-o-peso.



Frutas. **Aquarela por Isis do Carmo, 2023.**

Ervas e Plantas

por Potyra Krykati Guajajara [1]

Minha relação com a medicina da floresta começa com meus avós, depois com minha mãe. A minha vó Guajajara trabalhava mais com medicina. Ela só pegava uma planta e dizia: “isso aqui é pra dor de barriga”, “isso aqui é pra isso”, “isso aqui é pra isso”, e ela fazia a questão de levar a gente até a planta pra gente reconhecer a planta. E depois com minha mãe. A minha mãe falou assim: “você não precisa tomar remédio”, até mesmo porque a gente não tinha farmácia, não existia farmácia por perto. Então a gente ia só na planta e a gente já tava bem. Eu cresci sem tomar remédio nem vacina, porque a aldeia era muito distante da cidade. Então, por isso, eu aprendi a lidar com as ervas. Tem que respeitar, tem que cuidar e tem que plantar. Às vezes a gente não está bem, mas a gente pega uma planta e aí, já já, a gente fica bem. Toma um chá e já já fica bem.

Temos também os círculos do sagrado feminino, que é uma grande história. Começou lá no Cesac [2], onde a gente trabalhava com Centro Cultural da Arte e Cultura, no Alemão. A gente viu que todas as necessidade da gente indígena também tinha na comunidade que a gente vivia lá. E aí a gente começou a ajudar as mães que não conseguiam trabalhar. Eu organizei um grupo e a gente ficava com os filhos delas, em grupo. De manhã ficava um grupo, de tarde ficava outro grupo com as crianças pra elas poderem trabalhar, pra poderem sobreviver. Então eram duas de manhã, duas de tarde pra cuidar das crianças de algumas mães que precisavam trabalhar, que não tinham pais, ou que não tinham trabalho em casa e os filhos estavam passando necessidade. Se trabalhava de noite, eram outras meninas que ajudavam. E a gente cuidou, fez isso. E achei a necessidade, também, de trabalhar com essas mães porque elas ficaram muito felizes com essa ajuda, mas elas não não conheciam, não sabiam o que que tava acontecendo com os filhos delas ali no local. Aí eu falei que era importante envolver as mães, no sábado, no momento em que elas não estavam trabalhando.

Aí, como a gente vai trazer essas mães? A gente fez uma capoeira para os filhos, pra elas poderem participar. A gente fez um sopão. Foi na quarta e depois mudou pra sábado, justamente pra elas participarem. Eu tinha ajuda de outras pessoas também, mas eu que mais busquei isso, dizer pra elas que elas tinham que ver o que estava acontecendo com seus filhos de bom, que eles estavam aprendendo a capoeira, estavam aprendendo a ler, escrever, coisa que eles não conseguiam, que estavam aprendendo sobre a cultura.

Pintura: *Maracujá*, **Aquarela por Isis do Carmo, 2023.** Foto: Boldo de Jardim. Por Carlos Pereira, 2023. Foto: Potyra durante aula sobre plantas medicinais na Aldeia Maracanã, por Potyra Guajajara, 2023

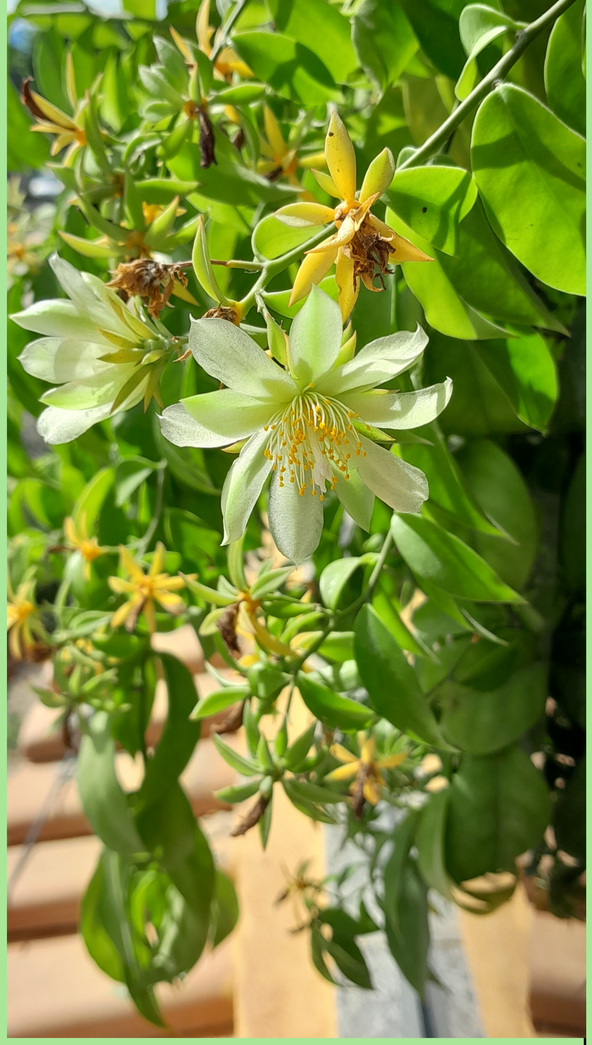
Tinha alguns jovens, que tinham nove anos, e outros onze, que tinham problemas na escola. Aí a gente ia lá e buscava saber “como assim, foi expulso da escola? Aconteceu alguma bagunça?” E aí eu comecei a trabalhar com eles.

Eu trabalhei o que a gente tinha de bom dentro da comunidade e disse: agora você faz um desenho sobre o que tem dentro da comunidade de bom. Aí eles botaram metrô, ônibus, botaram escola, o Cesac, aí foram botando padaria, escola… E eu falei: “nossa, tem muita coisa boa. Então, não tem só coisa ruim. Tem muita coisa boa na comunidade, além do que você acha ruim”. A gente foi trabalhando isso com eles e a gente queria que as mães vissem que eles tavam crescendo ali dentro do Cesac.

Depois a gente achou a necessidade de trazer o círculo do sagrado, pra trabalhar as mães. Foi aí que começou. Tem mais de dez anos o círculo do sagrado, pra apoiar essas mães no local e também trabalhando as crianças, ao mesmo tempo, junto com elas. E aí a gente ficou igual psicólogo, a gente ouvia muitas mães, ouvia as crianças também, e trabalhava aquilo que a gente poderia. A gente não poderia trabalhar tudo. Mas agora o Cesac está lá, tem outras pessoas, eu vou lá de vez em quando.

A minha filha que fica lá direto. Tem o Verdejar que está lá apoiando com plantação, com medicina também, e fazendo várias coisas lá. Aí a gente trouxe o círculo pra cá. Como é que a gente trouxe o círculo sagrado pra cá? Na época da retirada, 2012, 2013. Nessa época tinha muitos indígenas aqui e a gente viu que as mulheres que vinham aqui achavam que poderia ficar com o marido da outra e estava tudo certo porque as etnias aceitavam, todo mundo aceitava, mas eu falei que não era assim, cada etnia tem uma maneira, cada etnia tem um jeito. Tinha muitas brigas das mulheres que ficavam aqui, e até minhas Guajajara com outras etnias ou com outras apoiadoras. Eu e outras meninas que estavam aqui na época, começamos o grupo pra trabalhar o círculo sagrado, pra falar um pouco da cultura que não é igual pra todo mundo. Então a gente buscou o círculo sagrado pra falar sobre as medicinas, falar sobre a saúde da mulher, falar sobre o respeito. Foi aí que veio o círculo sagrado e até hoje o círculo sagrado é um grupo todo de mulheres indígenas daqui. Mesmo que eu esteja de frente, é o grupo todo que eu puxo pra ficar aqui, porque mais tarde ou mais cedo eu não vou estar aqui. Então elas tem que seguir.

Esse trabalho do sagrado feminino eu consigo transmitir um pouco do que eu sei sobre medicina tradicional. Mas a gente tá escrevendo também um livro, porque é difícil se passar tudo dentro de duas horas de encontro.



Ora-pro-nobis em flor. Fotografia por Carlos Pereira, 2023

A cada ciclo a gente fala um pouco sobre uma planta, fala sobre uma coisa, fala sobre a mulher e aí todas vão ter voz, então eu não posso cortar a voz de outra mulher, porque é o momento delas. Então a gente fala um pouco, mas a gente, eu, a Luciana e a Bianca, a gente está escrevendo um livro sobre as plantas e a gente vai falando da flor da planta até a raiz, que foi o que eu aprendi. Vai ser um grande livro, mas a gente vai falar um pouco das plantas. Não é muito, porque em um livro não cabe todas as plantas, então a gente vai falar mais das plantas que são mais importantes e que estão no local, como o Jenipapo, o Algodão… Então são as plantas que não podemos deixar de falar.

O mais importante é que a cada dia a gente já mostra pros alunos sobre as plantas, o respeito, a cura que a planta faz e a gente fala sobre cada uma quando eles vem aqui. Fala sobre a importância do algodão, que faz roupa, que cura, mas também que protege, que faz chá, que faz banho. Entre os Guajajara esse trabalho da medicina é feito muito pelos mais velhos e pelas mais velhas. As mulheres também trabalham muito a arte, que são as redes, as bolsas e tudo que vem do algodão. Elas trabalham a erva, trabalham com a benzedora, trabalham com o pajé, todos juntos. É aqui que tem muita separação, e isso é muito ruim.

As mulheres Guajajara são muito decididas. Quando elas querem, elas reúnem dez mulheres aqui e dizem: hoje o Zé vai ser o cacique. Ele não sabe, mas elas vão lá e resolvem, entendeu? Elas são decididas, não tem que chamar fulano, sicrano, não. Nós somos assim. Não posso viver sem planta. A medicina é muito importante pra fazer chá, pra fazer banho, pra curar também. Então, eu não posso viver sem planta. Lá no Cesac eu tenho planta, aqui eu tenho planta, aonde eu tô eu tenho planta. Porque eu vivi com planta, eu acordava com planta, com as flores, os beija-flores e tudo cantando ao mesmo tempo, as árvores e a terra. A terra é que nos dá todos os alimentos que a gente come. É muito importante a gente cuidar da terra. A terra é mãe também. E ela cura também. Faz os nossos alimentos, de todos os dias, eles vêm todos da terra. Tem que ter mesmo esse cuidado pra não destruir a terra.

A importância da mulher e da terra: as duas são importantes. A mulher pare a vida. A terra nos dá alimento para a vida.

[1] Esta é a transcrição da fala de Potyra Guajajara em um encontro feito na Aldeia Marakanã, no dia 21 de março de 2023, pela manhã.

[2] CESAC é o Centro de Etno-conhecimento Sócio-cultural e Ambiental Cauieré, que existe desde 1993.

Foto: Potyra na Quinta da Boa Vista durante ensaio que faz parte de uma pesquisa sobre monumentos em espaços de memória indígena na cidade do Rio de Janeiro, 2023

Cajus, por Isis do Carmo
Pintura em Madeira, 2022

Ancestralidade Afetiva

por Mônica Dias [3]

Resumo
Este ensaio trata de questões relativas a pertencimento identitário pela via da *Ancestralidade Afetiva*, sendo esta considerada uma forma de reconhecimento via engajamento, recurso de intencionalidade que se faz uso em instâncias coletivas, em lugares considerados autorizados a promover a cultura ancestral. Diz respeito a dinâmicas culturais de produção de narrativas e contra-narrativas baseadas no passado histórico, no legado, na herança e nas possibilidades imaginativas da vida social em reinventar-se.

Antropologias e afecções
Este ensaio reflete uma caminhada junto a comunidades tradicionais, em terras indígenas e em terras remanescentes de quilombos. Diz respeito a proximidades etnográficas que afetam profundamente o pensamento [4], chacoalhando sentimentos, trazendo novas questões e modos de perceber as coisas diante de algo que denominamos por situação etnográfica. Nestas reflexões vão impressas as trocas feitas em campo, quando estive lá e escrevendo aqui junto àqueles que fazem parte do meu terreiro acadêmico [5], responsáveis pelos interfluxos da vida de pesquisador, vivente do *looping* antropológico [6]. Nesta abordagem seguem inquietações da pesquisa que encontra corpos de sujeitos que inscrevem sobre si, jamais como tábula rasa, uma história de pertencimento, recriando perspectivas diferenciadas sobre o conceito de ancestralidade e de identidade ancestral.

Encontramos sujeitos e coletivos, organizações sociais, que estruturam suas vidas a partir de noções sobre ancestralidade, sendo ponto forte de sua organização no mundo no diálogo com os grupos religiosos e políticos, que direta ou indiretamente atuam, bem como elemento instituinte de sua vida pessoal – "Nossos passos vieram de longe", é frase associada a ideia de longa trajetória, produtora de identificação, de valores e denotação de herança comum. A perspectiva afetiva da Ancestralidade mobiliza elementos identitários criando corpos de sentido, parte da inteligibilidade cultural das identidades construídas a partir de imersão em certas experiências e desejos de mundo. De alguma forma serve como confronto a perspectivas identitárias unívocas, hegemônicas e estáticas, dinamizando outros pressupostos existenciais, políticos, na sua constituição, além de pautar a transmissão de certos postulados culturais.

Aciona-se a identidade ancestral como herança familiar consanguínea, como legado próprio através do qual se invoca histórias e memórias dos parentes, sobre o passado dos seus ancestrais. Por vezes, tais memórias recuperadas, servem como título de pertencimento, de confirmação, de legitimidade e de aferição de autenticidade a certos comportamentos laureados pelo registro de um legado histórico, ancestral.

Bél Fènm, **por Guerra Tapuio**
Pintura, 30 cm x 41 cm, técnica mista sobre tela, 2023.

Bél Fènm, a própria divindade do amor e diversos elementos presentes nas pinturas criam um ambiente de terreiro: o altar, quartinha e pratos brancos, onde as flores, como rosas, a dama da noite, entre outras que se espalham pela imagem. Em sua estória, *Ezili* coloca a própria angústia no jogo do amor, oferecendo seu coração como seu ato em terra.

Outras formas de recuperação e identificação também são parte do jogo identitário em parentescos afetivos instituídos por diversos tipos de acionamentos de pertencimento a redes de cuidado e apoio, religioso e político, que conformam modos afetivo-políticos de construção de pertencimentos.

Notou-se, situações em campo do caso de jovens pesquisadores que padeciam do mal das "alteridades pessoal em aflição", crise identitária, que dificultava o encaminhamento de suas pesquisas entre indígenas e grupos de matriz afrodescendente. O questionamento a respeito de suas próprias origens produzia uma espécie de confusão interna, potência paralisante que os levava a questionar seus estudos. Ao que parece, o confronto identitário movimenta incômodos porque gera transformações em estruturas internas e externas até então consideradas imutáveis ou minimamente estáveis. As novas significações ou abordagens epistêmicas sobre si, o outro e o mundo vivido abalam convicções estabelecidas, transformando, como descreve Judith Butler, "*toda referência em deslocamento potencialmente ilimitado*" (2017,79).

O jogo das identidades em campo [7] é bastante complexo, não se trata de casos isolados, muito pelo contrário é preciso debruçar-se mais profundamente sobre estes processos de (des)territorialização de pesquisadores, conta-se com literatura antropológica específica [8], neste escopo, entretanto, a crise alheia serve para refletir sobre o circuito aberto das identidades, dos processos instituintes do ser compreendendo as mudanças de sentido, as transformações, os devires (DELEUZE, 2013). O campo semântico, ancestral, torna-se província ontológica que abriga associações e conexões que possibilitam compreender um pouco mais das estratégias de produção de identidade, de modo menos arbitrário, noutros mundos de sentidos, nos acionamentos relacionais cotidianos outros, que animam, inspiram, informam e conduzem a outros possíveis planos de ação dos sujeitos.

Mas de que tipo de ausência afligiam aqueles jovens? Por que importava tanto a ideia da necessidade de uma espécie de genealogia de si? Quais motivos alimentavam valores referentes a um passado/povo como parte de si de sua herança identitária/ espiritual? Como elaboravam a ideia de resgate ou recuperação de algo determinante de seu modo de viver e elaborar mundos possíveis?

Estive imersa no caldeirão da *Ancestralidade Afetiva*, que ainda embala meu "espírito ancestral", inspiração do ventre e do coração, citados, respectivamente, como aquele que guarda a origem e a capacidade de reconhecê-la. Envolve também os pensamentos que o Quilombo da Machadinha e que sua gente, que seus seres ancestrais, força espiritual, me trouxeram ao som dos tambores do jongo, do seu casario centenário e suas histórias, reconhecendo, como ensinou o já citado antropólogo Clifford Geertz (1989), que a prática antropológica envolve a dinâmica etnográfica do escrever apurado, um esforço comunicativo de partes, de fragmentos, da junção de elementos reconstruídos quando aquilo estava quente, no fervo da história, já esfriou.

Da ciência antropológica alimento meu espírito como quem busca escutar e compreender a linguagem dos pássaros ou barulho do rio, reconhecendo a partir deles a possibilidade de chuva. Mais ainda, aguardando e confirmando esta verdade. Treinada para escutar, ver e escrever a partir de sinais e signos que ajudam a compreender a partir de hipóteses em diálogo com o que nos informam, transformando (se) também nas situações vividas.

Refletindo sobre alteridades, apresento, por fim, uma pequena reflexão sobre etnografia numa perspectiva afetiva, considerando que "Etnografia é produzida por afecção, não é método", como afiança Peirano (2014). Afecção antropológica é parte do envolvimento, um misto de faro, sentimentos, de estudos "apurados", que aguçam sentidos, que colocam o pesquisador numa certa direção, por vezes num limite de envolvimento, ponto quase sem volta nas relações de alteridade, nós-o-outro, limiares do estar-lá-e-aqui.

Na maior parte dos casos, no processo de afecção os sentidos se confundem, quase como perda de rumo tamanho o deslocamento interno, sem direcionamento imediato. No decorrer das incursões de pesquisa, "alterizando", seguimos em buscas das questões iniciais, por vezes delimitadas por marcos epistemológicos e conteúdos introdutórios, que nos impulsionaram na busca dos lugares/sujeitos/práticas.

Neste caso, do caminho-devir, numa espécie de rumo incerto, amplia-se vínculos no território, estreitando relações que envolvem atravessamentos de histórias pessoais, familiares, políticas, entre outras que se tornam parte do viver daquele momento "suspenso" entre outros, mas vivido como ímpar de reestruturação de si porque lida com a matéria pensamento/vida. Por via de regra, este torna-se um pensar-viver praticamente não-pensado, "involuntário", apenas sentido-vivido, porém constituído de agências diferenciada, usualmente envolto em crises que (talvez) se desfazem no processo futuro de restauro da ordem antropológica interna e produção do material final.

Estas entre outras questões orientaram a reflexão destas linhas sobre a *Ancestralidade Afetiva* enquanto elemento político potente que inspira a produção de parâmetros para recriação de existências e estratégias de vida, algumas delas cuja narrativa é romper com o predomínio de subserviências e devires afins, além de servir como forma de produção de laços sociais, facilitando a promoção de reestruturação e ressignificação de estruturas de parentesco.

Quais seriam as histórias e memórias, os valores, os sentidos e as representações acionadas e recriadas na reformulação de novos pertencimentos? Que passados? Quais sujeitos? Que situações? Ideias acerca de: lutas, resistências, simplicidade, que envolvem relação com a terra e tudo que diz respeito à um modo de pensar a natureza em equilíbrio, com um *bouquet* de pureza. Ritos são estruturados de modo a garantir a partilha de sentidos. Histórias, danças e alimentos são compartilhados e afetivamente ressignificados, apropriadas como passos próprios, vivências que preenchem lacunas para sujeitos e seus coletivos.

Arruda. Imagem disponível no banco de imagens do Canva Pro

Ancestralidades e seus paradoxos

As linhas de fabricação da Ancestralidade Afetiva se entrelaçam aos jogos das identidades situadas, das alteridades próprias ao relacionar-se. Diz respeito aos papéis criados-assumidos; das estruturas instituídas e instituintes, como descreveu Bourdieu (2013); das lutas identitárias por direito; dos processos e fenômenos de reformulação social do eu coletivo perpassados por tramas de cunho político, religioso, profissional, festivo, econômico, enfim, das diversas manifestações da cultura e de suas emanações imateriais, daquilo que informa o que popularmente muitos denominam de "espírito da coisa".

Em tese, possibilita-se assim a criação de novos esquadros, de referências que podem gerar alinhavos, rupturas ou amálgamas em processos de reconstrução das desejadas origens, que servem, neste sentido como espécie de linha mestra, orientadora de percursos e guia por tempos não vividos e passados irrecuperáveis. Entre os efeitos deste retorno está o discurso, a narrativa, de ruptura com relatos únicos e hegemônicos de desconstrução decolonialistas. A escolha por outras narrativas contra-hegemônica nem sempre resulta em múltiplos olhares, alguns dos novos paradigmas atuam igualmente no sentido de mão única da história, recriando um ambiente tipicamente estático de "ancestralidade".

De quais ancestralidades nos referimos? Inúmeras, impossível circunscrever qual e tal, mas apontar para as "experiências de ancestralidade" onde são acionadas histórias e entendimentos sobre elas a partir de um certo conjunto de entendimentos e valores particulares, ainda que no das identidades múltiplas, onde índios passam a ser reconhecidos como indígenas, na diversidade de povos originários, geograficamente diverso, mas, por vezes aprisionados numa versão de ancestralidade. Da mesma forma, para muitos que se abrigam nos afetos dos povos de matriz afrodescendente, instituindo uma África tão quimérica e exótica quanto os colonialistas que combatem nas suas desconstruções epistemológicas.

Ao que tudo indica, tais reconstruções servem como espécie de mapa afetivo-cultural. Sujeitos e coletivos tornam-se herdeiros de histórias coletadas em diferentes ambientes, nas comunidades rurais – terras de preto; nos territórios de remanescentes de comunidade quilombola (TRCQ); em territórios indígenas (TIs); nas comunidades de terreiro, entre outras, que no seu cotidiano vivenciam suas histórias, seus parentes (presentes e ausentes), seu modo de pensar e organizar suas vidas e modos de pensar mundos. O chão, o território e o tempo de vida nele determinam quem são, descrevem sua trajetória identitária - elemento discricionário, que é parte do marco reivindicatório de consideração, respeito e direitos.

Na busca por reconhecimento de ancestralidade, por novas genealogias, recriam-se narrativas que servem às tais reformulações identitárias, coleção de micro acontecimentos frouxos no tempo-espaço, mas que fornecem elementos necessários à forja da compreensão existencial. Qual o sentido da busca pelas origens? Muitas pessoas com as quais conversei relatavam uma espécie de angústia que se transformava completamente após descobrirem ou assumirem certas identidades coletivas. Finalizava assim a busca por explicação a respeito de trajetos familiares interrompidos ou núcleos desfeitos inúmeras vezes e a falta de uma coesão na própria história familiar. A porta de entrada nesta questão relacionava-se a relação entre sujeito e família, considerando suas cisões pessoais como parte de fraturas sociais.

Zane Zapopyr, **por Felipe Sousa de Souza, 2022.**
Desenho à mão, digitalizado.

Nos processos de identificação afetiva surgiam novos vínculos que podiam iniciar com os mais próximos dos novos núcleos de convívio e, posteriormente, nas suas redes de familiares e amigos. O contato com certas realidades abria possibilidade de compreender melhor o silêncio das mulheres de sua família e o seu próprio; a inegável margem de pouca ou nenhuma escolha de certos planos de vida, de trajetória profissional, por exemplo, ou por oposição, a construção de um projeto rígido de vida. A compreensão de certas situações como "herança" torna-se um recurso libertador para muitos sujeitos. Em princípio, neste processo de identificação, narrativas particulares são reconhecidas como "comuns a", base da noção de herança, e as narrativas particulares, situadas, se reconstroem infinitas vezes, sendo coletivizadas, fazendo parte do todo como se a ele pertencesse – o que de fato acaba por acontecer.

Faz tempo que o conceito de cultura é analisado a partir de especificidades locais e conjunturais, que abrigam noção de tempo diferenciada – estrutura e conjuntura (SAHLINS, 1979), a partir de dinâmicas culturais locais, da processualidade dos fatos e eventos e das múltiplas relações sociais envolvidas. Compreender as relações a partir da lente da cultura é atentar-se para as diversas possibilidades de criações e interpretações simbólicas a respeito do universo do pensamento e das práticas que os engendram e vice-versa. A via da Ancestralidade Afetiva, numa perspectiva antropológica da cultura, reforça a ideia de que os sistemas interpretativos não são fechados sobre si mesmo como narrativa única, apropriações de sentidos e ressignificações são parte da dinâmica cultural, das agências próprias aos sujeitos e de suas intencionalidades e relações de poder envolvidas numa finalidade "X", escolhas que partem das teias de relações das quais é parte, perpassada por relações de conflito, de solidariedade, de rivalidade, entre outras interações das relações de poder (ORTNER, 2007), que se entrecruzam e se somam, ampliando o espectro de apropriações, de reinvenções e de estratégias sociais.

A noção de Ancestralidade Afetiva, portanto, é expandida, foge de uma narrativa linear de genealogias (ainda que esta possa estar presente), como a figura mítica de "ouroboros", do grego antigo: οὐρά (oura) βόρος (boros), que respectivamente significa "cauda" e "devora", aquele(a) que devora a própria cauda, evoluindo sobre si como circuito fechado próprio da interpretação linear da ancestralidade-herança. Entretanto, torna-se circuito antropofágico, onde se recria um renascimento. Neste sentido, recupera-se a dinâmica social da mudança onde o passado é herdado de outra maneira, utilizado a partir de demandas dos dias atuais e legitimado por reconstruções epistemológicas distintas que usam da História, do seu apelo de origem, mas sob outros códigos, pistas e agenciamentos que dinamizam o passado e seu sentido de herança.

Há movimentos sociais étnico-raciais que apontam para a urgência de revisão historiográfica que recomponha a história e memória do povo preto brasileiro, pauta significativa para remodelação das identidades étnicas e, sobretudo para as relações étnico-raciais brasileiras. A busca por recontar ou reescrever outras versões sobre certos fatos relativos à escravidão brasileira e pós-abolição, vêm demonstrando a importância de outras narrativas contra-hegemônicas, que faz surgir neste cenário para perspectivas que dinamizam outros modos de relacionar-se com o legado da escravidão, impactando, no campo jurídico, científico, político e cultural. Gera também movimentos em novos constructos narrativos, como os referentes da Ancestralidade, na (re)produção de identidades e sociabilidades específicas que confrontam comportamentos estruturalmente racistas.

Considerando a ideia de Ancestralidade como legado familiar ampliado, a recuperação de certas narrativas como algo "pertencente a" produz crises acerca do "lugar de fala", por exemplo,

compreendido como direito próprio daquele/daquela que enuncia sua narrativa. Destaca-se que aquele que fala torna-se tão mais importante quanto aquilo que propriamente está sendo dito, do narrador e de sua narrativa (RIBEIRO, 2017), considerando sua competência em sustentar com sua própria trajetória aquele discurso. Aponta-se, neste sentido para visibilidades de sujeitos, histórias e causas.

"Lugar de fala" é determinante na demarcação do sujeito, da mensagem transmitida e do reconhecimento de ambos, considerando que muitas histórias foram negligenciadas e negadas, assim aqueles que as encarnavam. O debate sobre a questão, de quem teria autoridade e legitimidade para pesquisar ou contar determinada coisa, reflete um conjunto de disputas, que envolvem dinâmicas políticas de agenciamentos, de estratégias de poder, mas, sobretudo da evidência de um corpo diferenciado num cenário que se fez acostumado a uma história de mão única. Novos lugares de fala remontando o paradoxo de mundos co-existentes e de outros mundos possíveis, de transformação epistêmica e seus engendramentos provedores de ação inovadora (RICOEUR, 1990). Novos atos narrativos, que dizem respeito a intencionalidade da comunicação, considerando, valorizando e pleiteando quem está autorizado a contar certas histórias porque estão em seu lugar de fala.

Neste processo de evidências de novos lugares, sujeitos e histórias; de reconhecimentos e de reafirmação de lugares de pertencimento, recontam-se outras dos passados recompostos, que ocupam ausências e lacunas historiográficas. Reavaliam-se as tramas da história racista, tintura que inscreveu homens e mulheres escravizados como sujeitos descorporificados, como "coisa", patrimônio de alguém, eternizando em seus palimpsestos a ideia de ausência de agência. Séculos de apagamentos e de silenciamentos metaforizam o legado afrodescentente, elemento significativo para as construções atuais da *Ancestralidade Afetiva*.

Ressurge no cenário contemporâneo outras ideias a respeito da afrodescendência, inscritas em narrativas baseadas em cotidianos cujo fio da memória atravessa tempos-espaços, restituindo vida a trajetórias eclipsadas, que catalizam sentimentos que movimentam processos de identificação, como as experiências líricas das escrevivências de Conceição Evaristo, atual inspiração deste gênero. "Becos da Memória" (2017) é exemplo, que como foice afiada utilizada para abrir caminhos subterrâneos, tuneis do tempo de angústias que soterram não somente uma personagem, mas centenas de outras identificadas com sua trajetória de vida. Sua obra vai além do texto, inspira a revisão de trajetórias e impulsiona identidades subterrâneas acionadas por uma dimensão passado-presente-futuro porque diz respeito a cotidiano, onde se desenrola mudanças nas estruturas através de novas práticas (DE CERTEAU, 1994).

O modelo "escrevivências" tornam relatos de vida passíveis de serem ressignificadas pelas experiências pessoais do leitor que, de alguma forma, é convidado a ser narrador de suas próprias histórias e vivências. Estas, aos poucos, coletivizam-se, sendo possível identificar no imenso patchwork os fragmentos que o compõe. A recriação das narrativas reflete um profundo processo de afetar-se por algo para a reconstrução de outra coisa, processo socio-terapêutico daqueles que anseiam por respostas para além de si, de sua existência individual, para considerar aspectos sociais como parte significativa de sua existência.

No conjunto de estruturas e significações que conformam processos identitários, a perspectiva da *Ancestralidade Afetiva* confronta essencialização ou reificações. Passa ao largo da etimologia do

termo “Ancestral”, como algo que se refere exclusivamente a hereditário consanguíneo, por exemplo para em sucessivas apropriações tornar-se instrumento político-afirmativo, marcador identitário e processo terapêutico, entre outras possibilidades que reconstroem ou possibilitam a recriação de novos centros informativos/formativos de identidades no mundo contemporâneo (HALL, 2006).

Via da Ancestralidade

Na generalidade, etimologicamente a Via da Ancestralidade remete a noção de legado, relativo aos antepassados, a antecessores, à coisa herdada. Remete a algo que advém de uma herança transmitida diretamente, ainda que possa ser relativo a aquisições por gerações anteriores. No sentido proposto possibilita refletir sobre a ampliação do sentido de Ancestralidade, sugerindo outra dinâmica que não ignora a perspectiva “imóvel”, mas que compreende ainda como elemento sociológico dinâmico, multisituado, ressignificado a partir de diferentes relações, lugares, interesses e intenções.

Trata-se de uma perspectiva pensada a partir das mudanças sociais em que a ancestralidade é compreendida no espectro social da inovação, da criação e da invenção, como apregoam os historiadores ingleses Hobsbawn e Ranger (1990) em seu estudo sobre ”tradição”, compreendendo-a como práticas de natureza ritual ou simbólica. Tais praticas teriam um papel significativo, contribuindo para inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição.

As identidades modernas rompem com a perspectiva iluminista de um sujeito centrado e unificado na sua própria consciência-ação. O sujeito da modernidade e, mais ainda, aqueles marcados por outras centralidades, como muitos povos de origem afro-ameríndia tem outro posicionamento sobre suas existências no mundo – a forja do pensamento é outra, em muitos casos esotérica. A *Via da Ancestralidade* torna-se elemento inovador para aqueles (as) que buscavam inovar suas relações consigo e a situação no/do mundo, além de recriar mundos possíveis para se viver e outros modos de viver neles.

Nesta perspectiva, reforça-se a Ancestralidade como “via”, como caminho de possibilidades para que sujeitos e histórias obliteradas possam ser lembradas e compartilhadas sob nova perspectiva, como ato político de amor, de respeito e consideração, pelos sujeitos e suas histórias, reconhecimento estratégico apropriado para diferentes fins. Trata-se, teoricamente, de redefinição de rumos político-afetivo, de pertencimento não consanguíneo, mas afetivo, forjado por histórias e práticas constituintes de laços produtores de afecção, recriação de reexistências.

A *Via da Ancestralidade* remove de seu caminho a historicidade em seu sentido lato, como *veritas* documental, produzindo alguns incômodos naqueles que restringem sua concepção às buscas das filigranas das origens, quando nela se apagam o tempo, o espaço e sua ação de vida, de morte e retorno, de recuperação e resgate num passado onde tudo está guardado com as coisas num lugar devido.

Ancestralidade e Pertencimento, **por Carlos Pereira, 2023.**
Colagem feita com recursos e imagens do Canva Pro e imagem Adobe Stock licenciada para uso.

Alguns desejam percorrer esta trajetória de resgate pelos labirintos da história na segurança do fio de Ariadne, se possível sem esbarrar em nenhuma parede. Caminho direto com algo belo e puro do passado, se possível uma realeza encantada. Outros descrevem processos de deslocamentos difíceis nesta experiência de descentralização pela Via da Ancestralidade, considerando ser praticamente impossível fazer uso do passado sem encontrar-se com histórias de apagamentos forçosos e de rupturas dolorosas que explicam sentimentos de solidão, de abandono e de dor em sua alma coletiva.

O que está sendo denominado como Via da Ancestralidade reflete sobre jornada de sujeito e grupos para refazimento de sentidos identitários, daqueles que buscam vínculos afetivos, desfeitos ou realmente não vividos ao longo de uma trajetória de vida. São relações de / por afinidades que dispensam por completo os laços de consanguinidade, atuando como se de fato o fosse, refazendo sentidos de parentesco. Povos indígenas costumam chamar de parente toda a rede comum, sem relação de consanguinidade ou territorialidade. Vivencia-se este tipo de relação de proximidade em alguns quilombos e povos ribeirinhos. Algumas localidades no norte também fazem uso do termo "parente" na construção de certa proximidade com o outro.

O sentido de vínculo afetivo relaciona-se, em oposição a desestruturação afetiva. Tal estrutura remonta uma série de desejos expressos nas redes de solidariedade, de apoio, de acolhimento e de cuidado, nas alianças afetivas que estruturam novos sentidos de pertencimento e de parentela, onde histórias tornam-se espécie de narrativa de família, como se consanguínea fosse.

A noção de Ancestralidade torna-se permeada por tais sentidos e relações, transformando a ideia de ancestral-legado, alterando o sentido de fixidez que remete às representações de antiguidade e de ascendência [9] para entendimento que se consolidam em vivências sociais identitárias fluídas. Relacionam-se a partir de micro relações socio-políticas que influem em pensamentos e ações que reforçam sentidos e práticas, saberes e fazeres dos seus antepassados. Grupos de referência que promovem relações geracionais do passado-presente-futuro, em busca de coexistências.

A via da Ancestralidade é poeticamente percorrida sustentando uma espécie de sorriso de complacência com os mortos, daqueles que foram negados e que assim retornam fortalecidos, reacendendo a esperança de alguns e assombrando a existência de outros, que acreditaram no eterno desterro. Reconhece-se a falência dos projetos de embranquecimento social e de suas teorias racistas, deixando rastro de dores e relações étnico-raciais aviltantes para pretos e pretas da nação republicana.

Lança indígena feita em madeira e adornada com penas, etnia e autoria desconhecidas.

Cachimbo em madeira, autoria desconhecida.

No contexto da valorização da *Ancestralidade*, o embranquecimento (inexistente) é combatido de diferentes maneiras. Empretecer o pensamento é uma delas, recuperando a histórias e éticas de comprometimento com um legado maior. Neste fluxo, na busca por "encontrar-se", depara-se com os territórios culturais ancestrais. Os espaços religiosos de matriz afrodescendente são verdadeiras nações político-espiritual, acolhendo cabeças-corpos que se reencontram com seus ancestrais e a partir de intensos trabalhos de refazimento da cabeça-corpo em corpo-mente-espírito tornam-se aptos a tornarem-se morada deles. Corpo-morada-ancestral mantidos e zelados tal qual seus antepassados.

Nas "nações", representa o lugar possível de se encontrar as gigantescas pegadas que escondem tantas outras, daqueles que, por opção, escolheram o mesmo caminho mantendo-se juntos, estratégia do mesmo passo para confundir quem os perseguia [10]. Tais passos são construídos a partir de vínculos espirituais-materiais-comunitários que conformam dádivas de dádivas de reciprocidade (dar-receber-retribuir) [11].

Nos circuitos de dom e dádiva são mantidas e fortalecidas alianças e pertencimentos, que não se restringem à dimensão religiosa, ainda que espaços religiosos sejam bastante apropriados a este tipo de relação. O formato comunitário religioso torna-se apropriado aos multifatores de existência ancestral, na presença dos antepassados e dos ensinos que por meio deles neste espaço se partilha e a partir dele se propaga.

A *Via da Ancestralidade* pode ser interpretada como "poder dos fracos". Restitui, àqueles que foram "destituídos", novas forças. Inverte noções como subalternidade/insubmissão, sendo acionamentos de investidura potente na mobilização de recursos para conquistas sociais, nas causas de políticas identitárias, por reconhecimento, respeito e outros direitos (saúde, educação, moradia, trabalho, etc.).

Tomemos como exemplo a referência de coletivos feministas de pretas que afirmam: "*Nossos passos vêm de longe*", acionamento de um legado coletivo. Sempre diz respeito a uma ética de coletividade. Além de compreender um coletivo, "povo", considera as histórias comuns das mulheres pretas – comunhão possível pela *Via da ancestralidade*.

O título de “antepassados” como legado pessoal-espiritual, recupera as relações familiares consanguíneas, remontando uma espécie de eu-família, descrevendo linhagens familiares, em pertencimentos espirituais e materiais.

O fator antepassado ordena também estas relações sociais dando formato a uma narrativa familiar que pode ser compartilhada porque é tecitura de histórias fragmentadas e recompostas mediante vontade, desejos, experiências e coexistências.

A *Via da Ancestralidade* diz respeito a inúmeras coisas que envolvem memórias coletivas potentes que recriam tecituras sociais significativas para sujeitos e grupos. As regras, valores e o universo simbólico partilhados dão sustentam à força coletiva do pertencimento. Costuma-se dizer que “Descobre-se a partir de” motivos e motivações para adesão àquele modo de viver, que contempla uma série de “coisas”. Encontra-se neste lugar de pertencimentos e vivências ancestrais um espaço próprio para solucionar problemas antes creditados a fóruns pessoais. O grupo cultural, político, terapêutico, educacional, religioso, acadêmico, ou qualquer outro perfil ou origem, pode funcionar como espécie de nação produtora de nacionalidade, recriando um povo imaginado, que é estimulado a vocalizar existências antes negadas; gritos contidos; revoltas; insurgências sufocadas e feridas latentes profundas. Nestes lugares apoiam-se fazendo ressurgir camadas de possibilidades de recriação de seus mundos, de suas existências, coletivas e individuais. Lugares antes negados por históricas práticas racistas são ocupados porque a rede de proteção se amplia com o crescimento de tais nações de pretitudes, de Ancestralidades.

A guisa de conclusão - Ancestralidade Afetiva em uso

A Via da *Ancestralidade Afetiva* torna-se, portanto, elemento de ação criativa do mundo, reafirmação modos de ser e estar no mundo. Via de regra, a ideia de ancestralidade está relacionada à noções de identidade étnica, perspectiva vinculada à diáspora africana. Entretanto, toma novas corporeidades no mundo atual se apropriam de parte ou do conjunto de elementos, de sentidos possíveis, presentes nas representações veiculadas na *Via da Ancestralidade*. Elementos de ancestralidades tornam-se capital simbólico vasto, recurso precioso utilizada reorganização de identidades performadas, servindo a composições de repertórios identitários. A utilização deste recurso de modo individual ou coletivo gera vínculos, instituindo a partir deles valores e sentimentos de pertencimento, que promovem sentidos de Ancestralidade Afetiva.

A partir da *Ancestralidade Afetiva* amplia-se o espectro de pertencimentos possíveis de reinvenção de si a partir de outras perspectivas epistêmicas. Vínculos sociais políticos-culturais, militantes ou espirituais, reconfiguram referências que, tal qual legado consanguíneo, é vivido de modo essencializador, com base histórias reificadas. Este recurso, que opera modos de viver, cria uma espécie de atuação, de identidade performada onde a etnicidade transforma-se numa espécie de camuflagem étnica.

Na promoção da Ancestralidade Afetiva estão, como abordado, uma série de ações, ritos, práticas, enfim, que recriam sentimentos, entendimentos e pertencimentos. Identificam-se também os provedores ou guardiões do legado ancestral, os especialistas. Estes mediam encontros e promovem dinâmicas próprias à de produção de vínculos comunitários, lançando mão de estratégias, que materializam e fixam (em algum lugar) a ideia de ancestralidade.

Corpas, música e dança, **por Carlos Pereira, 2023.**
Colagem feita com recursos e imagens do Canva Pro e imagens de Matthew Spiteri e Pedro Miguel Aires (ambas disponíveis para uso no Unsplash).

Na construção da Ancestralidade Afetiva, os espaços de ancestralidade, reconhecidos, autorizados e legitimados, torna-se extremante importantes. Neles acontecem as vivências, as trocas de experiências e as (re)formulações simbólicas. Nem todos os frequentadores e usuários destes espaços se apropriam ou consomem os produtos culturais oferecidos da mesma maneira.

A ideia de práticas cotidianas (CERTEAU, op.cit) nos ajuda a compreender e imaginar níveis de envolvimento/engajamento dos usuários culturais da ancestralidade afetiva. Podem ser frutos de atos contínuos, ao longo do tempo e em certos espaços, que resultam em mudanças sociais, cognitivas e afetivas, em trocas simbólicas, apropriações e ressignificação em um certo contexto social. Ou esporádicas, em ações descontínuas no tempo/espaço. São, sobretudo, ações estratégicas, controladas e programadas. Este é um processo cotidiano, de produção e reprodução de significados simbólicos.

As relações de proximidade e afetividade podem produzir certos vínculos que levam ao engajamento, a um tipo de envolvimento participativo, político. Este tipo de relação compreende o reconhecimento da trajetória do povo e de sua cultura historicamente constituída e, em alguns casos, a participação no debate que envolve uma postura de combate ao racismo estrutural, a estereótipos vigentes e às desigualdades étnico-raciais. Por outro lado, o uso descontínuo, de fragmentos culturais isolados do contexto mais amplo, pode levar a apropriações culturais que esvazia o conteúdo político das práticas de Ancestralidade, reforçando estereótipos, produzindo fraturas entre a prática e seus detentores-guardiões.

Nas terras remanescentes de quilombos, lugares marcadamente étnicos, as questões relativas ao processo identitário é baseado na elaboração e no reconhecimento de práticas e de valores ancestrais. Estes estão presentes de diversas maneiras, no modo de cuidar e curar; na gestão coletiva dos espaços; nas relações de parentesco; nos ritos, crenças e danças festivas, entre outros. Muitos quilombos realizam festas e outras atividades culturais abertas àqueles que se familiarizam com suas trajetórias, sendo espaço de partilha dos seus valores, seus saberes e das práticas de ancestralidade. As influências deste contato podem tanto serem transformadas em vínculos profundos ou em camuflagens étnicas, que geram apropriações indevidas. Estas são, sobretudo, criticadas como prática desconectada dos sentidos originários e das lutas que tais povos enfrentam em seu cotidiano. O consumo cultural da ancestralidade vem gerando tensões e conflitos.

Considerando a perspectiva da fabricação, os sentidos deste jogo social, que envolve a ancestralidade, encontram-se, por vezes, envoltas em tensões, em particular entre aqueles que se consideram legítimos herdeiros em oposição àqueles que recriaram seus pertencimentos, sem a relação esperada de vínculos de proximidade. Destaca-se também que é sobre pretos e pretas que a violência, fruto do racismo estrutural, recai e que nem sempre aqueles que usufruem da Ancestralidade Afetiva se dispõe a combater.

A invenção de tradições (HOBSBAWN & RANGER, 1990) em torno da Ancestralidade afetiva é uma realidade social significativa, potente instrumento de organização social, das relações que movimentam e transformam a estrutura social. Reinventam-se ritos e histórias que rementem a continuação ou rupturas com versões preexistentes. Este é o movimento da cultura ou a cultura em movimento. Lugares de memória (NORA, 1993), como os Territórios Remanescentes de co-

Comunidade Quilombola, escolas de samba, comunidades de terreiro, movimentos sociais étnicos, entre outros, não são estáticos, guardam compreensões de mundo, que vêm contribuindo para que a circulação cultural possa gerar outras formas de viver afetivamente a ancestralidade. A Ancestralidade Afetiva promove entrecruzamentos entre sujeitos e grupos, interfluxos que possibilitam recriações a partir de diferentes interesses e intencionalidades. A apropriação da Ancestralidade Afetiva auxilia na inteligibilidade de situações e de sentimentos, reorganizando pensamentos, entendimentos e a vida prática, tornando-se uma matriz através da qual os sujeitos se apoiam e tornam-se aptos para certas práticas culturais.

A opção por dinâmicas culturais de ancestrais pode ser ou não apaziguadora, serve ainda como abrigo à solidão diante do desencanto e dos desencontros produzidos pelo apagamento e silenciamento das histórias dos povos originários e afrodescendentes. Conforto, por identificar lugares onde se torna possível exercer determinados devires, que irrompem na zona franca dos processos de construção identitária. Paradoxalmente, ao incorporar às narrativas de *Ancestralidade Afetiva* versões de um passado épico, corre-se o risco de um presente descontínuo, fragmentado, carecendo de nuances e texturas de fluxo e movimento, e de reificar e tornar fixo o que merece ser dinamizado.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In.: GOMES, Angela de Castro. C. (Org.). **Escrita de Si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 183-191.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **O senso Prático** (Coleção Sociologia). Vozes: Petrópolis, 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O lugar (e em lugar) do método**. Série Antropologia (UnB), 1995.

CERTEAU, M.de. **A invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis:Ed. Vozes, 1996.

Clifford, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

DELEUZE, Giles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Giles. Uma conversa, o que é, para que serve? In: DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos.** São Paulo: Escuta, 1998.pp. 9-27.

DA MATTA, Roberto. "O ofício do antropólogo ou como ter anthropological blues". In: Edison Nunes (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIAS, Mônica. "A pesquisa tem 'mironga': notas etnográficas sobre o fazer etnográfico". In: Alinne Bonetti & Soraya Fleischer (orgs.). **Entre saias justas e jogos de cintura.** Florianópolis: Mulheres. pp. 75-94., 2007.

_____. Quem botou grife no acarajé? **Revista Especiarias**. Universidade Federal de santa cruz, UESC, Ano: 2010 | Volume: 13 | Número: 23

_____ Feijoada quilombola: chancela de etnicidade. **Contextos da Alimentação – Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade** Vol. 5 no 2, São Paulo: Centro Universitário Senac, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". Tradução de Paula Serqueira, revisão de Tânia S. Lima.

Cadernos de Campo, 13 :155 -161. Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP), 2005.
GEERTZ, Clifford. 1989. “Uma descrição densa”. In: _____. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
HOBSBAWM, Eric. e Ranger, Terence. A invenção das tradições. RJ: Paz e Terra, 1990.
Malinowski, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia (Série Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.
MARCUS, George. **Ethnography through thick & thin**. New Jersey: Princenton University Press, 1998.
MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____. **Sociologia e Antropologia**. v. II. São Paulo : Edusp, 1974.
OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília, DF: Paralelo 15, 2000.
ORTNER, Sherry B. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes antropológicos** 13.28 (2007): 375-405
PEIRANO, Marisa. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014
RIBEIRO, Dijamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017.
RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora daUnicamp, 2007.
_____. **Tempo e Narrativa**. Campinas, SP: Papirus, 1994, 3 tomos.
ROLNIK, Suely & GUATTARI, Felix. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2013.
WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Notas:

[3] Doutora em Antropologia que atuou junto aos povos de matriz africana e atualmente trabalha com o povo indígena xukuru de Ororubá (PE) no Projeto Medicina Sagrada pela Fiocruz (Manguinhos/RJ).

[4] A respeito do afetar-se compreende a leitura de FAVRET-SAADA, Jeanne (2005), “Ser afetado”, *Cadernos de Campo*, 13, 155-161. DIAS, Mônica. A pesquisa tem Mironga

[5] **Estar lá e escrever aqui** é título de um pequeno e potente texto do antropólogo americano Clifford Geertz que trata da comunicação antropológica, deste ofício de imersão num lugar e de reestruturação da experiência noutro. Ver: GEERTZ, Estar lá, escrever aqui, **Diálogo**, vol. 22, pp. 58-63, São Paulo, 1989.

[6] Marisa Peirano (2014) questiona o fazer etnográfico no texto *Etnografia não é Método*, discutindo o processo de registro de identidade. Reflete sobre a imersão etnográfica neste texto-conferência, quando os momentos de seu cotidiano são acionados para o debate sobre processos de produção de identificação.

[7] “Jogo” e “campo” são dois conceitos tomados de empréstimo de Pierre Bourdieu (2004), debate sobre a construção das regras sociais e das relações simbólicas que as permeiam.

[8] Cardoso de Oliveira (1995); Clifford James (1998), Marcus, G. E. (1998); Peirano (2014); Rolnik (2013).

[9] Verbete *Ancestralidade* in: Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [consult. 2016-07-29 15:26:52]. Disponível na Internet: http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ancestralidade; Dicionário Informal, disponível em: http://www.dicionarioinformal.com.br/ancestralidade/

[10] Marshal Sahlins (1990: 64) faz uso da analogia ao “único Grande índio”, caracterização de Elman Service dos índios de Fenimore Cooper "*enquanto anda em fila indiana ao longo da trilha, cada homem tem o cuidado de pisar nas pegadas de quem está à sua frente, de modo a deixar a impressão de que ali havia apenas um único índio gigantesco*”.

[11] A respeito da teoria da reciprocidade, apoia-se no trabalho do sociólogo francês Marcel Mauss (2003), o clássico Ensaio sobre a Dádiva. Se as relações de troca apontam para uma dimensão utilitarista das relações sociais, Mauss identifica relações diferenciadas, compreendendo aspectos simbólicos significativos na ação do dar presentes, por exemplo. Tal ação (fato social) seria reguladas por três obrigações interligadas: dar, receber, retribuir. Cada obrigação criaria um laço, um vínculo espiritual entre os atores da dádiva.

O Batuque como Cura e Memória Ancestral,
Fotografia por Bitta Bardo, 2023.

NA FORÇA E NA RAÇA

Fraternidade Malunga,
Pintura por Isis do Carmo, 2020.

Oportunidades

por Carlos Pereira

“ ‘Em minha mente eu vejo uma linha. E depois dessa linha vejo campos verdes, lindas flores e belas mulheres brancas com seus braços esticados para mim. Mas por algum motivo eu não consigo chegar lá. Eu não consigo me ver do outro lado daquela linha’. Foi Harriet Tubman que disse isso nos anos 1800. Deixe-me dizer algo: a única coisa que separa mulheres negras de qualquer outra pessoa é a oportunidade. Você não pode ganhar um Emmy por papéis que não existem. Eu dedico esse prêmio a todos os roteiristas, aquelas pessoas incríveis que (...) redefiniram o significado de ser bonita, ser sensual, ser protagonista, ser negra. E a todas as mulheres como Taraji P. Henson, Kerry Washington, Halle Berry, Nicole Beharie, Meagan Good, Gabrielle Union. Muito obrigada por nos levar para o outro lado da linha”.

Esse foi o discurso feito pela atriz *Viola Davis* quando ela recebeu o prêmio Emmy de melhor atriz em série de drama, em 2015. Nele, ela fala muito bem sobre oportunidades e, talvez, só esse discurso bastasse pra gente refletir sobre oportunidades para negres e indígenas na nossa sociedade de hoje em dia. Gostaria que nós analisássemos, juntes, cada parte desse discurso.

Viola Davis começa citando uma fala de *Harriet Tubman*, mulher negra que viveu entre 1822 e 1913. Filha de pais escravizados, ela não teve uma certidão de nascimento, então a data de nascimento citada é apenas suposta. Viveu sob a condição de escravizada até seus 27 anos quando fugiu e foi para a *Philadelphia,* onde a escravização, na época, não era permitida. Com o dinheiro que recebia pelo trabalho como faxineira e cozinheira, ela organizou campanhas à região de *Maryland*, onde nasceu, para resgatar outres negres da escravização. Sabe-se que, ao longo da vida, ela fez 13 viagens e resgatou cerca de 70 pessoas e ajudou outres 70, indiretamente, a chegar ao norte do país por conta própria (Corrêa, 2021).

Harriet Tubman.
Colagem por Carlos Pereira, 2023.

A fala de Harriet Tubman que é citada no discurso se refere a uma divisão, uma linha. Acredito que ela tenha se referido ao fato de que, seja por motivos explícitos, seja por motivos ocultos, o mundo será diferente para cada ume, conforme sua raça. A mundo, me refiro a território, trabalho, relações, qualidade de vida, expectativa de vida, oportunidades. E se tu for negre, ou indígene, você estará em lugar de subalternidade. E se incluir outras marcas de subalternidade, então! Imagina uma travesti, negra e gorda. Existem exceções? Claro! Mas elas não eliminam a regra, e elas funcionam como uma armadilha, pra tentar fazer a gente acreditar que nada disso que eu digo faz sentido e que as oportunidades estão aí pra todes.

Para Harriet Tubman, no lado de lá, onde havia coisas boas, estavam mulheres brancas que lhe estendiam a mão, mas ela não conseguia alcançá-las. A gente pode refletir sobre muitas coisas a partir desse pequeno trecho. Podemos pensar na mão estendida como um gesto de solidariedade. Mas essa questão da solidariedade precisa ser mais profundamente discutida na nossa sociedade, principalmente quando ela vem de pessoas que ocupam o lugar da hegemonia, ou seja, da branquitude. A branquitude é privilégio. A branquitude é racismo (e aqui não me refiro a ser branco, mas sim à brancura como normatividade). Pra mim, se o ato de solidariedade que vem da branquitude não vem acompanhado de um ato genuíno de rompimento com os determinantes que servem pra reproduzir esse lugar de privilégio quase que naturalizado para a própria branquitude, então não é solidariedade, é tutela. Aliás, é concessão e tutela. Digo isso porque não se quer abrir mão de privilégios, não se quer abrir mão de espaços, não se quer abrir mão de poder. A branquitude, e todo o aparato social que serve para a manutenção da sua hegemonia, continuam os mesmos. Não mudam, mesmo após o ato "solidário", mesmo havendo benefícios reais pra quem recebe esse ato "solidário".

Às vezes eu me surpreendo festejando o destaque social conseguido por algumes negres no mundo capitalista, por agora possuírem grande fortunas. Mas aí vem a contradição: no capitalismo, que se baseia na desigualdade da concentração de renda, pra alguém acumular, alguém foi explorade. Esses negres exploraram o próprio povo? Estão elus, agora riques, no papel de exploradores capitalistas? Se a base do capitalismo é o racismo, haver negres no topo da pirâmide significa que elus também estão contribuindo para fazer girar essa roda e reproduzindo racismo? Estamos festejando que chegamos no topo da estrutura criada por/ mantida pelo racismo? Não estou eu também querendo mudar de vida e subir nessa pirâmide?

Mas aí a cabeça volta ao lugar e, para não sofrer, tento deslocar essa contradição (ou frustração), para o próprio sistema. Porque, de fato, essa contradição não é minha, é do sistema. É ele que faz isso com a gente. Mas, de qualquer forma, fica a reflexão: já que uma das bases do capitalismo é o racismo, então, toda luta contra o racismo deveria ser contra-capitalista e toda luta contra o capitalismo deveria ser contra o racismo. Mas na verdade, não é. E a vida segue, e a gente sofre, e continuamos na subalternidade.

Mas voltando à questão da tutela e da concessão. Tutela porque se o que ofereço não demanda que eu abra mão dos privilégios associados à minha posição, se eu não abro mão de poder, então a oferta não me ameaça, eu continuo a mesma pessoa e isso não tem a ver com bondade, consciência, conhecimento ou intelectualidade.

Colagem por Carlos Pereira, 2023.

Arte na página anterior: *Tutela x Solidariedade.*
Colagem feita no Canva Pro por Carlos Pereira, 2023.
Aparecem na colagem: Princesa Isabel na antiga bandeira do império, e Clara Camarão, Tereza de Benguela, Dandara, Aqualtune, Maria Felipa e Adelina Charuteira envoltas por Camélias.

Tem a ver com trânsito social, privilégio mesmo. Por isso, defendo que este ato está na ordem da tutela e contribui pra que a gente acredite que precisa ser guiade por quem é legítimade no espaço, ou seja, que a gente depende da iniciativa da branquitude. Que existe a figura do branco salvador (no masculino mesmo). Sobre concessão é um pouco mais difícil de falar, pois está bem oculta nos ganhos sociais adquiridos. Já pararam pra pensar que o que a gente conseguiu (à base de muita luta) tem um pouco de concessão por parte da branquitude em, de certa forma, aceitar que essas mudanças acontecessem? Longe de mim desqualificar a nossa luta, o que eu quero é evidenciar a armadilha criada pela própria branquitude. Talvez se não houvesse certa abertura (concessão) por parte da branquitude, certos ganhos sociais protagonizados pelo nosso povo em movimento dependessem de mais luta e de um teor maior de esforço da nossa parte. Por isso, interpreto a mão estendida no relato de *Harriet Tubman* como algo solidário, porém perigoso, pois se assenta na lógica da tutela e da concessão.

Harriet Tubman, por mais que tente, não consegue cruzar a linha. Quer dizer, não é fácil chegar a esse lugar porque ele não foi pensado pra gente. O que é próprio pra nós são as comunidades, cidades e impérios indígenas e africanos. São as aldeias e os quilombos. As cidades ocidentais de hoje e sua ordem foram pensadas em uma época em que se acreditava que negres e indígenas nem eram gente. O Direito e a cidadania que regem o funcionamento das cidades ocidentais capitalistas não foram pensados pra gente, não foram pensados por nós. E estamos lutando o tempo todo pra fazer parte dessa estrutura que se esforça em nos jogar para fora dela. Outra contradição. Por isso, eu acredito muito que, para pessoas negras e indígenas, não é possível viver em paz, estar relaxado, alcançar um estado zen, se manter em good vibes, porque a gente está o tempo todo lutando.

e isso piora quando, pra além da raça, a gente considera outros fatores, a partir da interseccionalidade [12]. E essa luta não é de agora, está na memória das nossas células. Essa revolta que habita na gente vem de muito antes, ela nasce na época de Maafa [13], do sequestro, das injustiças que ainda não foram reparadas.

Como diz a canção Lugar/Tenente, de Paulo César Pinheiro na voz de Glória Bonfim e Leonardo Pereira:

"Quem me deu coração de revoltado foi Tereza de Benguela".

Acredito mesmo que meu coração de revoltado tenha vindo dela, daquela época. Está vivo na minha herança genética, na memória guardada nas minhas células. Decidir o que fazer com toda essa energia, todo esse conteúdo, é a grande questão. Tô tentando aquilombar e fazer coisas por mim e pelo meu povo, mesmo que seja na força do ódio. Aliás, como diz Carolina Rocha, a Dandara Suburbana:

"Nos recusamos a abolir a raiva".

E, complementando com as palavras de Tatiana Nascimento:

"Antirracismo manso é delírio colonial da branquitude".

Estamos no corre, mas a linha de chegada continua sendo deslocada pra mais longe sempre que a gente chega perto. Dificilmente vamos conseguir chegar do lado de lá. Algumas exceções conseguirão, mas a grande maioria de nós não vai. Por isso, eu acredito que a ideia da meritocracia não serve pra nós. E não sou somente eu que penso isso. Saiu uma matéria no jornal El País que dizia:

"a meritocracia é uma armadilha", porque ela "perpetua desigualdades", já que "a igualdade de oportunidades não existe". (FANJUL, 2021). Tem outro trecho que eu gosto muito nessa reportagem:

> **"'O talento e o esforço produzem pouco na ausência de um entorno social bem desenvolvido', diz o economista da Universidade Cornell Robert H. Frank (...), que também aponta um dos feitos perniciosos da meritocracia: 'As pessoas que minimizam a contribuição ao seu sucesso de um entorno propício estão menos dispostas a apoiar os investimento públicos necessários para manter esse entorno'. Nesse sentido, a meritocracia pode corroer as políticas sociais, o Estado de bem-estar, idealizados, justamente, para equilibrar o terreno social e diminuir as desigualdades".**

A gente tem visto tanta gente que defende corte nas verbas destinadas a políticas públicas, especialmente aquelas voltadas aos mais pobres. A gente vê gente questionando a política de cotas raciais, como se elas fossem algo injusto. Políticas públicas servem justamente pra reduzir os efeitos das iniquidades, que são as desigualdades injustas e evitáveis. E mesmo me servindo dessas políticas, ainda estarei sujeito a sofrer a influência da matriz de opressões que já mencionamos. Tomando como exemplo, novamente, a política de cotas raciais pra ingresso na universidade pública. A entrada não garante que não serei alvo de racismo durante a formação, que não haja diferenças nos acessos a oportunidades de estágio, extensão e pesquisa. Não garante que me sentirei representade no quadro de professores e nas obras escolhidas para eu estudar, que compõem o quadro de referência do meu curso. Por isso, é tão importante pensar nas políticas de permanência, no letramento racial, no debate sobre diversidade, por exemplo. Seguindo na nossa reflexão, gostaria de trazer outro trecho dessa mesma reportagem:

> **A inexistente meritocracia frequentemente é lubrificada com as fecundas ideias do mito do empreendimento, do coaching e do pensamento positivo (a happycracia descrita por Eva Illouz e Edgar Cabanas): você pode conseguir o que você quiser, você deve empreender, você deve sair da sua zona de conforto e romper seus limites. É uma doutrina própria do capitalismo vigente que premia especialmente o individualismo e a competição, sob a ideia meritocrática de que quem mais trabalhar será o mais bem-sucedido: o caminho ao sucesso costuma ser uma luta solitária e contra os outros, que não tem muito a ver com o progresso coletivo.**

Lembro que, no auge do distanciamento social imposto pela pandemia de Covid-19, era tamanha a quantidade de reportagens e notícias ensinando a gente a como aproveitar o tempo em casa, como empreender em casa, como aparecer bem nas videochamadas, como ser mais produtive… como se a gente não pudesse simplesmente parar um pouco e descansar, ou mesmo parar para assimilar tudo que estava acontecendo e se fortalecer mentalmente e fisicamente.

A gente tem medo do ócio, a gente foge do ócio.

Tanto que, em nossos momentos de lazer, na maior parte das vezes a gente está fazendo alguma coisa. Nós estamos sempre em atividade. E quando a gente pára, parece que a gente está cometendo um erro. E assim a gente vai esquecendo que ócio é saúde. Ter tempo é saúde.

Acho que isso é fruto do ato de trazer pra vida íntima esses valores do capitalismo: produtividade, esforço, empreendedorismo, controle. Trazemos, inclusive, essa ideia de sucesso e felicidade, a ponto de parecer que a gente não pode ficar triste! Como se não estar feliz fosse fracasso. E para além disso, compramos a ideia já concebida de vida bem sucedida e a perseguimos.

Se a gente perguntar pra quem está perto da gente o que elus pensam sobre o que é uma vida bem-sucedida, muita gente, especialmente pessoas pretas e pobres, vai responder que é se formar, conseguir um bom emprego, ter uma casa boa, em um lugar bom, ganhar dinheiro, formar família. E se a gente mudar a pergunta para: qual o seu sonho? É possível que as respostas sejam as mesmas, ou parecidas. Isso acontece porque a gente compra pra gente essa ideia de vida bem sucedida e passa a persegui-la. Mas aí está a questão: esses sonhos são genuinamente meus ou são coisas que o modo de vida capitalista me ensinou a perseguir?

Sinceramente, não sei a resposta.

NAO LEMBRO MEU SONHO...
Desenho por Roberta Gil, 2023.

Mas pude refletir sobre isso com uma pessoa muito querida, a Roberta, que fez uma arte que tinha uma frase mais ou menos assim: **já nem lembro mais qual o meu sonho.**

A gente ficou conversando sobre isso e sobre como a gente mergulha na luta diária pela sobrevivência, em tentar melhorar de vida, que acaba esquecendo da nossa essência e dos nossos sonhos mais genuínos.

Se não houvesse uma pressão pela sobrevivência e uma necessidade de ganhar dinheiro pra sobreviver, você gostaria de se ocupar com o que?

Eu acho que eu gostaria de me ocupar com dança e com cozinha. Amo! Mas estas não foram minhas primeiras opções na hora de fazer minhas escolhas profissionais, embora eu também ame o que eu faço.

O último trecho da reportagem citada fala, ainda, de uma coisa muito interessante: que a luta, no capitalismo, é solitária e de disputa.

É verdade. Não há boas oportunidades pra todes, então estamos sempre em disputa, sempre procurando diferenciais pra que tenhamos espaço na concorrência cotidiana. Isso nos torna solitáries. E vejo dois problemas nisso.

O primeiro, é que acreditamos que o nosso fracasso nesse sistema é responsabilidade única nossa, pois lutamos sozinhes. Então, se não conseguimos, é porque não nos esforçamos o bastante. Não acredite nisso. Lembre-se: como negres, indígenas, quilombolas, caiçaras, ciganes, de axé, lgbtqiap+, pessoas gordas, que vivem com deficiência, pobres, moradores de favela e de periferia, nós somos subalternidades, e pra nós sempre será mais difícil.

Tenho uma amiga muito querida, Élida, que sempre me diz que nosso trabalho como pessoas negras é mesmo impecável, porque nessa estrutura racista, só mesmo entregando trabalhos impecáveis pra não sermos dispensados. Somos obrigados a sermos excelentes naquilo que fazemos. Isso nos exige esforçar o dobro, o triplo do que os outros. Isso mostra como as oportunidades são desiguais e como nossa luta é intensa. Lembre-se disso. Lembre-se que todes estão na mesma corrida, mas nem todes tiveram o mesmo ponto de partida; algumes tiveram a vantagem de começar alguns metros mais adiante.

O segundo problema que eu percebo é que, na contradição em que vivemos, em que parece que vivemos em dois mundos (um que é a cidade capitalista e o outro que é a aldeia ou o quilombo, ou pelo menos o desejo que essas estruturas existam), o quanto mais mergulhamos na luta pela sobrevivência no capitalismo, mais solitáries nós ficamos e, assim, mais nos afastamos da luta e da existência coletiva.

O capitalismo nos quer cansades. Cansades e ocupades, assim não nos mobilizamos. Mas a aldeia, o quilombo, o terreiro do axé, nos convidam para a vida em comunidade, pra existência comunitária. Acredito que esse movimento de volta a essas comunidades é o que pode nutrir a gente da força e da saúde que a gente precisa pra estar na luta pela sobrevivência na vida capitalista.

Então, se posso dar um conselho, **busque estar em comunidade**.

Isso demanda tempo, muda nossa rotina, é cansativo, mas ali está o que precisamos pra romper um pouco com os efeitos e os valores do modo de vida capitalista, que nos subalternizam. Precisamos da comunidade para não nos sentirmos sozinhes, pois elas oferecem estabilidade, pertencimento e acolhimento. Assim, nosso sofrimento pode ser amenizado. Existem conflitos, contradições e decepções em comunidade? Claro. Nessas comunidades existe tudo que é humano. Mas até a resolução dessas questões ganha um contexto diferente. Por isso, mesmo havendo problemas, prefiro estar em comunidade.

Mas voltemos ao discurso da *Viola Davis*. Ela segue dizendo: *Deixe-me dizer algo: a única coisa que separa mulheres negras de qualquer outra pessoa é a oportunidade.* Eu concordo, porque acredito que as oportunidades são diferentes pra cada pessoa. O que determina minhas oportunidades? O que dificulta que eu as consiga? Muita coisa. O racismo é uma delas. Bia Ferreira dá o papo:

“Experimenta nascer preto, pobre na comunidade. Cê vai ver como são diferentes as oportunidades”.

Eu cresci ouvindo que não poderia ter cabelo grande, ou tranças, porque assim não conseguiria emprego. Faz sentido, eu sou preto. E quanto mais preto eu parecer na estética, mais me afasto da figura do ‘senhor do ocidente’ [14], e mais evidente fica: o mundo, aqui fora da aldeia e do quilombo, não foi pensado pra mim.

Viola, destaca nesse trecho, ainda, a questão de gênero: "*O que separa mulheres negras de qualquer outra pessoa*". Pensando nos eixos de opressão que se acumulam sobre a mulher negra, faz todo sentido esse destaque. Não dá pra pensar raça sem considerar, junto, questões de gênero, sexualidade, classe e território. É o convite que Maria Lugones faz ao defender um feminismo decolonial:

'Colonialidade' não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a produção de conhecimeno a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas (p. 2 e 3).

Então, mais que justo pensar a questão da mulher negra. E nossa sociedade brasileira deve muito a ela, que trabalha desde sempre, que teve sua mulheridade negada pelo regime escravocrata, que foi subalternizada, mas mesmo assim, foi o cerne da economia colonial, foi o cerne dos movimentos negros pró-libertação, foi o cerne dos aquilombamentos e dos processos de socialização, seja nos cantos, nas ruas, nos zungus, nos terreiros, nas senzalas.

Sei que não existe hierarquia de opressões. Quem sofre sabe onde dói, e a dor é real pra todes. Mas considero importante reconhecer que os efeitos desses eixos se acumulam na vida das pessoas de forma diferente, gerando contextos de vida marcados por diferentes graus de subalternidade e, talvez por isso, umes estão mais à margem que outres. A mulher negra é um exemplo. A mulher trans negra lésbica é outro, que, por se afastar demais da figura do 'senhor do ocidente' (Njeri, 2022), está em um contexto de grande subalternidade e, pra ela, poderá ser ainda mais difícil, ela poderá ter ainda mais oportunidades negadas nesse circuito convencional da vida. Por isso, precisamos tanto das vias alternativas, dos coletivos, dos movimentos, das possibilidades contra-hegemônicas, dos aquilombamentos e aldeamentos, dos circuitos comunitários. É principalmente nesses espaços que surgem oportunidades pra gente.

Continuando no discurso, *Viola* ainda fala: "*Você não pode ganhar um Emmy por papéis que não existem. Eu dedico esse prêmio a todos os roteiristas, aquelas pessoas incríveis que (...) redefiniram o significado de ser bonita, ser sensual, ser protagonista, ser negra*".

Ela fala de papéis de séries e cinema, mas podemos incluir outras representações e aparições em uma única palavra: discurso. Tais papéis não existem porque a arte, a literatura, a cultura ainda reproduzem, majoritariamente, o discurso e a percepção de mundo da branquitude. Por isso, é tão importante haver artistas como nós, mas também roteiristas, escritores, produtores, figurinistas, ilustradores, diretores, editores como nós.

Precisamos de uma rede e de todo o circuito de produção de arte e cultura protagonizado por pessoas como nós. Essa é a melhor forma, eu penso, para que nosso discurso ocupe os espaços de prestígio e as produções que vão alimentar o imaginário das pessoas e afetar a construção de suas próprias ideias de mundo, de gente, de vida, de justiça, de dignidade. Quero que o nosso discurso seja a base pras produções artísticas e culturais e que também seja a base pro livro didático e pros quadros de referências dos cursos e projetos. Assim, poderemos resignificar, em todos esses espaços, o que é ser negre, ser indígena, o que é beleza, o que é saúde, bem-viver, o que é cuidar da vida, o que é diversidade.

Viola termina seu discurso citando nome de artistas, todas mulheres negras, agradecendo-as por elas a levarem pro outro lado da linha: *...mulheres como Taraji P. Henson, Kerry Washington, Halle Berry, Nicole Beharie, Meagan Good, Gabrielle Union. Muito obrigada por nos levar para o outro lado da linha.* Essa é a parte mais bonita pra mim e gostaria de, a partir dela, pensar sobre duas coisas. Uma é sobre a solidariedade. Já falamos sobre isso antes, mas você nota a diferença? Aqui é de nós pra nós. É mulher negra levantando mulher negra! Isso, pra mim, é solidariedade autêntica, que não é mediada por aquele contexto de concessão e tutela do qual falamos. Expressa nossa potência em subir e levar nosso bonde com a gente.

Visão ingênua, preconceituosa e sectária. **Colagem por Carlos Pereira, 2023.**

Um dia, falando sobre questões assim, sobre raça e tutela, alguém (homem branco héterocis de classe média) disse que eu tinha uma **visão ingênua, preconceituosa e sectária**.

Talvez, da janela dele, pareça realmente isso. Pena que ele não possa visitar minha janela pra ver o que eu vejo, sentir o que eu sinto, passar o que eu passo. Quando isso aconteceu eu não respondi nada, mesmo quando alguém na sala (era durante uma aula e havia outras pessoas presentes) perguntou se eu queria dizer alguma coisa. Acho que na hora eu não acreditei que aquilo estava acontecendo. Hoje, pensando sobre isso, sinto que naquele momento eu fui silenciado, ou pelo menos passei por uma tentativa de silenciamento tentando me fazer acreditar que minha fala e militância estavam equivocadas. Isso é uma violência psicológica. Isso é assédio. Hoje eu consigo identificar isso, embora ainda tenha dificuldade de reagir da forma devida. Foi ruim passar por isso, ainda mais em um ambiente de trabalho, em um lugar e com pessoas que se supõem contra-hegemônicas. Mas eu determinei uma coisa: Eu não me calo. E não me calarei. Não se pode conter o vento, nem as águas. O meu trabalho continua.

Eu até consigo entender o desconforto dele que me disse aquilo. A Letícia Nascimento, a quem muito admiro, me ensinou algo sobre isso. Ela disse, inspirada no que Grada Quilomba escreveu, que o padrão tem medo e reprime os saberes da subalternidade, pois esses saberes revelam coisas que o padrão não quer ver, nem aceitar, como por exemplo, a sua identidade opressora. O padrão aqui, acredito, que seja a figura do 'senhor do ocidente', que se serve da branquitude, do machismo e do patriarcalismo para se manter na sua posição. Acho que é sobre isso, no fim.

A segunda coisa sobre a qual quero refletir: lembra quando falei da contradição que há em pessoas negras ascenderem nessa estrutura capitalista? Aqui está um jeito de subirmos sem ocuparmos o lugar do explorador: quem subir puxa outres consigo. É o que *Viola Davis* diz com *Muito obrigada por nos levar para o outro lado da linha.*

Quem subir puxa outres consigo. Quantes puder e quanto mais, melhor. Assim, do outro lado da linha, ao trazermos mais e mais pessoas como nós, vamos deixando o lado de lá com a nossa cor e a nossa cara. Não importa qual foi a brecha que você teve que se agarrar pra chegar lá, não importa o quanto você teve que se esforçar, ou mesmo se, porventura, se sentiu sozinhe, ou se teve menos apoio do que gostaria. Não dá pra esquecer que, por mais que a luta seja individual, ainda assim, tudo se refere a uma existência coletiva. Esse é o convite da aldeia. Esse é o convite do quilombo. Esse é o convite do terreiro. Não dá pra chegar lá e não querer puxar mais alguém.

Assim, encerro agradecendo àquelus que me trouxeram até aqui, dos que se foram e ainda vivem, dos que estão, dos que já vivem mas ainda estarão.

Que eu possa trazer outres mais comigo.

"Cota não é esmola". Bia Ferreira.

Referências

Ani, M. *Yurugu*: Uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento Cultural Europeus. Indianapolis, IN: Africa World Press, 1994.

Corrêa, A. *Harriet Tubman*: a abolicionista negra que escapou da escravidão, ajudou a libertar dezenas e deverá estampar a nota de 20 dólares. BBC Brasil, 2021. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55824157

Fanjul, S.C. *A meritocracia é uma armadilha*. El País, 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/economia/2021-07-18/a-meritocracia-e-uma-armadilha.html

Lugones, M. Colonialidade e Gênero. In: Hollanda, H.B. *Pensamento feminista hoje*: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

Eu não me calo. **Colagem por Carlos Pereira, 2023.**

Nascimento. L. *Estudos (in)disciplinares de gênero*. [notas de aula]. São Paulo: BRAVA, 2021.
Njeri, A. *Palestra na Semana de Culturas, Artes e Ciências da Baixada*. Quilombo do Mangaba, Magé, 2022.

Músicas

Lugar/Tenente, de Paulo César Pinheiro na voz de Glória Bonfim e Leonardo Pereira
Cota não é esmola, de Bia Ferreira, na voz de Bia Ferreira.

Páginas no Instagram

Dandara Suburbana: Post “Nos recusamos a abolir a raiva”. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CfkC7UDpCD9/?utm_source=ig_web_copy_link
Tatiana Nascimento: Post “antirracismo manso é delírio colonial da branquitude”. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cd_Pb2Qlw8U/?utm_source=ig_web_copy_link

Vídeo

Viola Davis 67TH EMMY AWARDS Discurso Legendado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t8KeubYwNvE

Notas

[12] Interseccionalidade se refere a forma como diferentes eixos de opressão, como machismo, misoginia, gordofobia, racismo, lgbtqiapfobia, dentre outros, se interrelacionam e atuam sobre as pessoas. Os efeitos dessas opressões vão depender do contexto e do poder que cada pessoa detém nos diferentes espaços que ocupa. Isso acaba dificultando a nossa percepção, pois eles atuam de forma distinta conforme a pessoa, o lugar, as relações, o tempo.

O mais importante é perceber que, quanto menos poder eu detenho e quanto mais me afasto do tipo idealizado de pessoa de direito (que muitos chamam de “senhor do ocidente”), para a qual o mundo todo foi organizado, mais suscetível estarei a sofrer os efeitos dessa matriz de opressão. Embora não haja uma hierarquia de opressões, elas se acumulam, criando contextos diferentes de subalternidades.

[13] Maafa é um termo criado por Marimba Ani pra se referir ao processo de genocídio dos povos negros e de sequestro para servirem de escravizados nas colônias. Para saber mais sobre o tema, consulte a obra de Marimba Ani, Yurugu: Uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento Cultural Europeus de 1994.

[14] Senhor do ocidente, conforme aponta Njeri (2022), é a figura representativa do ser ideal no pensamento filosófico ocidental. Logo, a forma como o mundo foi organizado e as relações estabelecidas no ocidente, fazem referência a esse ser padrão e à reprodução do seu modo de vida. O senhor do ocidente é representado na figura do homem, branco, hétero-cisnormativo, endossexual, sem deficiência, judaico-cristão, magro, alto, poliglota e rico.

Catavento
Desenho por Roberta Gil, 2023.

CARTA PARA UMA AMIGA, MULHER NEGRA, QUE ASSIM COMO EU, SOFRE RACISMO NO TRABALHO E SUAS QUESTÕES SÃO CONSIDERADAS “PROBLEMAS DE SOCIALIZAÇÃO”

Querida amiga,

Estive pensando sobre as dificuldades que você me relatou em seu trabalho. Você já pensou que parte do que "está errado e não dá certo" não é necessariamente responsabilidade sua? Às vezes a perseguição "sem motivo" tem uma razão muito invisível ao olhar da maioria. Você sabe que somos mulheres negras, né? Incomodamos só por chegar aos ambientes. Somos más? Fizemos algo errado, falamos errado? Não!

O problema não está em nós. Está no racismo das pessoas. Tem uma colega de trabalho que logo quando eu cheguei ela vivia perdendo as coisas, e me perguntava em tom de brincadeira se "em um momento de fraqueza" eu não tinha pego o objeto perdido. Ela perguntava a todes, mas somente para mim tinha a frase "em um momento de fraqueza" e sempre eu era a primeira a ser questiona e às vezes mais de uma vez.

Isso parou porque uma vez eu respondi que se ela quisesse eu poderia comprar 10 do objeto que ela perdeu e dar a ela, só para que não me questionasse a tal situação. Também relatei a diretoria sobre meu incômodo. Depois, ela me questionava porque eu me arrumava tanto pra ir ao trabalho. Por um longo tempo perdi a vaidade de me arrumar, me vestir bem, fazer maquiagem para ir ao trabalho. Mas a vida me ensinou que precisamos estar em muitos momentos bem apresentadas para tentar não sermos confundidas. Então hoje, quando ela me vê arrumada no trabalho ela pergunta entre risos e elogios para onde eu vou. Essa semana respondi na frente de todes, na hora do café da tarde, que estava arrumada para ir ao meu trabalho e disse o nome da instituição que nós duas trabalhamos.

Todes riram, Fico pensando se a pergunta insistente é por está admirada com a beleza ou incomodada por não aceitar que eu esteja bem vestida, com maquiagem, penteado, etc. Talvez pense que uma pessoa "como eu" não pode/deve se apresentar assim. Ela me pergunta porque eu me arrumo. E é uma feminista, referência para muitas mulheres. E eu adapto o título do livro de Bell Rooks "E eu não sou uma mulher?" para "E não se arrumam as mulheres negras?" Então amiga, nem sempre o incômodo/racismo das pessoas são xingamentos e humilhações.

As vezes são discretos, minando a nossa autoestima. Com risos, falsos elogios, perguntas desconexas. Hoje sigo à risca o ditado popular que diz "Quanto mais a gente se abaixa, mais o fiofó aparece". Não ajudo a ninguém. A ajuda nunca é vista ou valorizada. Eu não ajudo mais. Só trabalho. Então se precisar da minha contribuição profissional, tem que solicitar uma reunião para debater seja lá qual for o assunto. Não quero mais ser a menina gentil, solidária, sorridente.

As pessoas confundem. Infelizmente, no ambiente de trabalho temos que manter mais seriedade. É falsa a ideia de que somos todes amigues. Quero ser a mulher séria com valor. Sou eu quem atribui esse valor. As pessoas acham que devemos estar à disposição. Não esteja! Justifique que não pode. Nunca diga que não quer. A justificativa? Fale sobre as suas atribuições e diga que não pode. Não é inteligente acumular trabalho para agradar. Lembra do ditado!!! As pessoas não são educadas para nos tratar com igualdade. Vamos educá-las.

Silvana Chagas Holanda

Fundo: Imagem disponível no Canva Pró

Oi Mãe! Tudo bem? Espero que sim.

Mãe hoje escrevo para lhe contar que o resultado do concurso público saiu, infelizmente Mãe, não consegui a vaga, talvez não tenha me preparado o suficiente. Mas gostaria de lhe dizer que não queria estar dando essa notícia para você, pois de todas as pessoas que me importo, você é quem realmente me ama , me conhece e sabe o quanto eu quero um trabalho, você Mãe foi quem sempre acreditou em mim e torceu muito.

Mãe hoje eu não consegui, mas juro a você que ainda vou dar essa notícia de que consegui , todos os dias só eu sei o quanto me esforço pra quebrar com o ciclo imposto sobre nosso povo, de que só podemos trabalhar nos piores lugares, vou provar pra você que vou ser uma professora concursada . Prometo dona Val.

Ass: Rayane

Carta de Rayane Freitas para a mãe.

Imagem disponível no Canva Pró

PAZ

“Os açoites cortaram nossa pele.
Sangramos.
Tombamos em cada encruzilhada.
Seguimos.
Os rios com suas veias abertas e com suas lágrimas vermelhas correm pela floresta que uivava por seus filhos.
As montanhas choravam suas dores.
A colonização produziu escravos e cativos sem precedentes.
Genocídios sem fim.
Anularam nossas vozes.
O sistema nos ignoram no seu corpo social marginal.
Segue a colonização encarcerando as mentes em todo território nacional, sexismo, racismo, genocídio de corpos negros, amarelos, indígenas.
Não existe lei que nos proteja de toda violência produzida na necropolítica.

SAÍDA

Queremos viver fora do cercado.
Circular em todo território.
Nosso território.
Espaço sem fim.
Resistir.
Esperança encarnada na desobediência.
Não a esperança que espera, mas aquela que vai à luta, que move as estruturas sociais.
Nosso lugar não é nas margens plácidas Brasil.
Gritemos.
Não somos os subalternos que a casa grande construiu.
Não nos tombemos, fiquemos de pé em homenagem a todos os corpos caídos, esquartejados enterrados na história desse país.
Oh margens diáspora Brasil”

Leiliana Rodrigues, 2021

Fundo: Imagem disponível no Canva Pró

Bara
Colagem digital por Carlos Pereira, 2023.

CORPOREIDADES

CARTA AO MEU CORPO

Ariane Moreira

Querido corpo,

Escrevo essa carta pra ti pela quarta vez nessa semana, nem imaginava que tinha tanto para te dizer e para pensar sobre nossa trajetória. A experiência de pesquisa tem atravessado tua existência por todos os poros da pele que te cobre e tem vezes que a travessia é tão bruta e necessária, que teu estômago estranha e devolve o alimento que te ofereci na tentativa vã de distrair pensamentos indesejados.

Eu preciso cuidar melhor de ti, pois se eu não o fizer o mundo conseguirá te destruir. Não consigo te explicar muito bem o porquê desse desejo insano da sociedade de aniquilação da tua existência.

Temo por ti. Temo que te violem, que te agridam e que te maltratem pelo simples fato de ser como é. Já tivemos medos quase paralisantes, quando vamos a locais que não são convidativos. Já tive medo de te expor à solidão, mas não porque tua presença é ruim, e sim porque sempre podia aparecer alguém com a intenção de te violar, mas hoje te vejo forte. Te vejo capaz de enfrentar esses medos que são da tua versão mais jovem, te vejo tranquilo em não permitir que teus limites sejam ultrapassados, te vejo com autonomia e, cada vez, te conheço mais um pouco, mais intimamente te sinto, e isso diminui os medos.

Gosto muito de pensar sobre território, talvez sejam resquícios de minha convivência com um estudante de geografia viciado em pensar territórios e guerras. Às vezes demasiadamente. Eu não gosto de pensar sobre isso. Quando penso sobre guerras, sempre te vejo na linha de frente delas, nem sempre liderando, mas com certeza agindo. Sei lá... acho que tu foste condicionado a isso e isso se tornou quase que "natural", afinal de contas nunca temos tempo a perder. Parafraseando Emicida, "é tudo pra ontem!"

Mas sabe o que mais gosto em ti? A tua capacidade de "transicionar". Sabe aquela coisa que as pessoas tanto admiram e elogiam em ti? Aquele algo que te faz único e ao mesmo tempo coletivo. Talvez seja isso que a Gloria Anzaldúa descreve como uma nova consciência mestiça ou até mesmo a condição de *outsider* descrita pela Patricia Collins. Tu experimentas o mundo de uma forma diferente, e não porque teus sentidos sejam diferentes dos outros seres humanos, mas porque tua existência está condicionada ao meio em que tu nasceste, cresceste e se desenvolve.

Espelhos
Desenho por Roberta Gil, 2023.

Espelhos
Desenho por Roberta Gil, 2023.

Aprendi contigo a sentir e reconhecer olhares, cheiros, sabores, toques… era preciso para sobreviver. Tu estás inserido num lugar tão paradoxal, num espaço-tempo em que tudo parece conviver, em que tudo é possibilidade e minha maior dificuldade é equilibrar isso sem te perder.

Eu te amo, corpo! Aprendo muito sobre como é tua existência observando a existência dos outros, como um espelho que revela as semelhanças e as diferenças. Não sei se é a forma correta, mas meu pensamento funciona assim e tem sido desafiador não partir do outro para te definir. Aprendi na Yoga a te perceber, e tu és perfeito! Eu quase sempre me emociono quando te sinto, quando vejo o pulmão expandir, quando te vejo por dentro e tudo funciona bem, sem restrições.

Aahh, se o mundo te visse como eu te vejo! As tuas texturas, os teus tons, os teus movimentos e as tuas expressões sempre me trazem memórias, geralmente boas, exceto quando os outros aparecem para "anuviar" o pensamento. Na terapia, te encontrei como minha morada. Já que há uns bons anos não tenho residência fixa, tu tens sido a melhor morada que existe. Por muito tempo, eu tenho tentado te modificar, parecer com o outro, aquele outro que não conhece os becos, os tiros, a insegurança, as ausências, a preterição, o racismo. O que me consola é saber que esse outro também não conhece a magia, a ancestralidade, o axé, o vazio como espaço de criação, os arrepios ao som do tambor, o movimento quase involuntário de teus quadris. As ausências dos outros corpos são diferentes das tuas, a diferença é que te ensinaram o que fazer com as faltas; te ensinaram a procurar onde ninguém procura, olhar para onde ninguém olha...

Me alinhar a ti e aprender sobre teu funcionamento sistêmico, com os ciclos lunares, marés e plantas, torna tua existência menos pesada e dependente do conhecimento dos outros. Eu ainda estou investigando por que a sociedade em que tu vives se dedica tanto a controlar os corpos com útero, sobre as tecnologias que essa sociedade utiliza para ter esse controle e como isso se reflete na tua vivência, querido corpo.

É difícil sobreviver a uma cultura que te odeia tanto, mas tu tens te saído bem. Tudo que é odiado em ti, todo o cerceamento e todas as obrigações que disseram que tu tens, tudo o que chamam de doença e de impuro no que tu produzes é mentira. E aproveita esses territórios que atravessam a tua história, mas não estabilizam a tua presença.

O pensamento de Alex, **por Isis do Carmo**
Aquarela, 2021.

ALGUÉM ME AVISOU PRA PISAR NESSE CHÃO DEVAGARINHO...

Corpo, Ancestralidade, Terra - Dimensões Cosmoperceptivas

por Kaká Portilho

"OHÙN ÈMI NÁ À KÓ. OHÚN ÌYÁ MI NI…"
Essa não é a minha voz, é a voz da minha Mãe!

A palavra como "potência de fala", utiliza o som da minha voz para materializar a Voz da Mãe. A palavra aurática e numinosa, o em-si originário, significado e significante, simultaneamente repercute e ecoa em percussões e rítmicas que incorporam os cantares e imantam o corpo. É assim que a Voz da Mãe ressoa nesta poética de caracteres diante dos seus olhos. Baseada em oralituras, escrevivências e relações sociais, nacionais e internacionais, ao longo das muitas peregrinações em busca da aproximação da *Voz*, fui modelando e (re)descobrindo o conhecimento dentro de mim, ao mesmo tempo em que fui reconhecendo e sendo reconhecida por Vozes "externas", que ecoavam de dentro.

Meu primeiro movimento é de saudação às Mães Ancestrais, presentes em todas as culturas mundiais, independente das diferenças de cada uma dessas culturas. Principalmente àquelas culturas mais antigas do mundo, oriundas do continente africano e das Américas. As que já foram desenterradas do ùtero cósmico da Mãe Terra, as que estão marcadas na História da Humanidade, e as que ainda estão descobrindo-se das múltiplas camadas dos lençóis telúricos que as encobrem. Vamos abordando diversos cantos e contos que revelam essas camadas terrosas.

À minha cabeça, materialização física da comunidade a qual eu pertenço, eu saúdo. Nela amalgamo o presente, o passado e o futuro. Temporalidades conexas que estão incorporadas em minha própria materialidade. Parida de cócoras, nasci olhando para a Mãe, mas não era a mãe biológica. A primeira imagem que meus olhinhos avistaram fora do ventre da minha mãe, foi a da terra, nossa Mãe Ancestral. Escorreguei pela vagina, na força de minha mãe. E ela pariu mais quatro depois de mim. E tudo deu certo, pois eu não nasci pelos pés, mas sim pelo camutuê. Poderia nomeá-la como: orí (yorùbá), camutuê (bantu), tah (ewé-fon), ká (kemetyu), porém, opto por utilizar cabeça, um substantivo mais comum e inteligível para nós afroindígenas brasileiras(os).

A indispensabilidade do feminino, sagrado útero físico-cósmico.
É sobre isso!!!

A concepção e a gestação de um bebê são tão extraordinárias que até fazem do fenômeno um verdadeiro milagre. E porque não? Desde a saga do espermatozoide até a fecundação e, posteriormente, a herança que herdamos no primeiro plasma que irá formar o SNC (Sistema Nervoso Central), e o sequenciamento das etapas que seguem até a jornada do nascimento, é pela cabeça que nós adentrarmos ao mundo externo; trajetória realmente milagrosa, ou algo além da nossa limitada compreensão (até agora)?

E é a essa cabeça, gestada no útero físico, cósmico e espiritual, eternamente ligada à Mãe, pela vagina que pari e (re)pari, primeiramente a cabeça, com essa força que aglutina úteros multidimensionais, reforço que essa é também a minha voz, mas é a *Voz das Mães.*

Meu corpo foi e continua sendo estuprado, incessantemente, todos os dias. É exatamente isso. O corpo assume aqui uma dimensão cósmica, aglutinada, coletiva-social e política. O material e o imaterial amalgamados, num mesmo todo, corporificado, reintegrando o espírito à matéria, a sacralidade à natureza. Tal corporificação emerge de subjetividades que livremente transcrevo aqui como um ensaio corporal, uma tela em branco, com a vantagem de ser uma artista plástica por intuição e formação, deslocado do pronome possessivo singular *meu* para a pluralidade do *nosso,* o nosso corpo, um ente coletivo, um *corpo-tela.*

> **Nas composições a seguir, me proponho lavrar algumas gestas, por meio das quais o tempo espiralar, como estrutura, se manifesta. Nelas, busco explorar suas situações de linguagem, suas produções e seus registros de imagem, a exploração cinética do corpo, suas funções como dispositivo condutor, portal e tela de grafias e de uma sintaxe de adereço; suas expansões espaciais, assim como as escanções de sua duração; sua percepção como dêixis; suas memórias de África. as realizações do tempo espiralar aqui sublinhadas são traduzidas por poéticas matizadas e atravessadas por uma corporeidade constitutiva, expressa pelo corpo-tela (MARTINS, 2021.p.77).**

O corpo-tela é um corpo-imagem, composto por múltiplas linguagens: sonoras e cinéticas, qualidade contíguas. Assim como Leda Martins, o convite à entronização no corpo-tela, é um convite à escuta, para além apenas do olhar. Regaço para o sentir, o arrepio, o cheiro, a dor exprimida, o choro, estou sendo estuprado, aqui e agora. Meu choro é a materialização da conscientização de um cativeiro. Rogo a mim mesma à liberdade consciente da imagem que escutamos e sentimos cosmoperceptivamente no corpo-tela-aglutinado de *eus* que somos *nós*. *Eu* e *Ela*, *Ìyá* Bernardete Pacífico, nossos corpos-tela, gritam a dor do estupro que rasga o nosso útero. Eu morri, quando Ela foi assasinada. Meu corpo, violentado, estuprado. Não cessa a dor. A nossa dor, dororidade melaninadamente pintada. Massa de origem, **Bernadete Pacífico**, presente!!! É sobre nós.

Precisamos acionar nossa capacidade total de percepção sensorial, "pois a escuta das imagens é uma das entradas para o universo em que os movimentos, os sons, a luminosidade e os aromas têm cores e desenham paisagens de saberes, âmbito privilegiado das oralituras" (MARTINS, 2021.p.78). Escutar o corpo é cura. Na escuta do corpo-tela, memórias me devolvem o som de uma importante canção cantada pela grande matriarca Dona Clementina de Jesus:

Pelas nossas divindades, a justiça será negra, **por Carlos Pereira**
Colagem digital, Canva Pro, 2023.

Tava durumindo cangoma me chamou
Tava durumindo cangoma me chamou
Disse levanta povo cativeiro já acabou

Considerada o ”elo perdido” entre o Brasil e o continente africano, dona Clementina, sem ter viajado ao continente, ouviu e cantou **Vozes Ancestrais**, reproduzindo sons de línguas africanas em suas canções. Ao escutar o corpo-tela, inunda-me as vozes uníssonas, informando que o cativeiro mental acabou, visto que nas múltiplas dimensões temporais, espiralares, conscientizamo-nos da imagem que nós mesmas estamos produzindo sobre nós, no corpo-tela, que é nosso. Pintado por milhares de mãos, que em comum trazem-nos de volta a sacralização do universo desde sua origem; a organicidade da vida; a dimensão cósmica do ser, integrado seres humanos como parte de um *Todo*. Conhecer o universo dá-se através do relacionamento e a percepção da presença do espírito presente na matéria e relacionamo-nos intimamente com todos os seres cósmicos. Amalgamo-nos novamente a única força que une o universo, e nos tornamos uma unidade. É essa a força que está em todo ser, o *mooyo*, o axé.

Nossa realidade é apenas parte dessa força. E para expressá-las uso a lógica metafórica e muitos complexos simbólicos, deixando de lado o modo epistemológico europeu que determina "roube as riquezas do universo, negue a importância do simbólico, simplifique fenômenos até que se tornem mero objetos que você tenha a possibilidade de discerni-los" (ANI, 1994. p.29).

Nas memórias incorporadas em minha carne, o cativeiro representa o período em que fomos obrigadas a assumir uma realidade ilusória (ética retórica), imagética e representacional como verdade axiológica (valores), pressupostos epistemológicos que nos estrangulam. Enfatizaram a função ideológica da cultura europeia, a cultura como uma ideologia que nos aproxima, muitas vezes por uma linguagem aparentemente não-violenta, à própria cultura europeia e sua essência monolítica mascarada como heterogeneidade, enganosa, o sucesso do imperialismo euro-estadunidense (ANI, 1994).

Postular a matriz cultural europeia como ideologia, nos permitirá torná-la “um fenômeno visível, extremamente coeso e bem integrado, em um sentido mais simples do que poderíamos supor” (ANI, 1994.p.3). E esse é o pressuposto de assumir um corpo-tela-coletivo, que nos despe da imagem projetada de, e por, outros, por aqueles que se baseiam na fonte da *asili* europeia para elaborar e refletir suas questões. Dessa forma, em definitivo, manter a matriz cultural europeia como única e universal base para nossas reflexões e análises, não é parte do que nosso amalgamado corpo escreve.

A musicalidade de mulheres e homens afroindígenas descendentes é potente ferramenta de resgate de memórias; é um caminho trilhado do início ao meio e do meio ao início, o princípio das Mães. Afrografias e pindoramografias que reformulam o corpo axiológico pela práxis na qual venho sendo experimentada. O cativeiro ontológico e epistemológico acabou. Essa é a afirmativa de onde a corpa parte.

Os atravessamentos, processos de socialização, instrumentalização educacional e outros estruturantes que fizeram parte da minha formação, sendo o Brasil um país modelado pela matriz civilizatório-cultural indoeuropeia, são partes dos conflitos, tensões, ambivalências e ambiguidades do que eu escrevo. Nosso grande propósito é questionar até que ponto as imposições culturais germinadas no norte, podem ser empregadas à experiências civilizatório-culturais aglutinantes, agregadoras e não-separatistas?

Rainha Colorida, **por Beatriz Matos Teixeira**
Tinta óleo sobre papel A4, 2022.

Quando assumimos que a objetificação de uma dinâmica social é ilusória e a causa de muitos "equívocos" conceituais ocidentais que temos sido obrigadas a reproduzir em nossa escrita, trilhamos o caminho da libertação do cativeiro ontoepistemológico ocidental, e o corpo, literalmente, incorpora a unidade Natureza e Cultura, num sentido da manutenção da sua indissipabilidade, politicamente anti-platonista.

O corpo presente é vivo, dinâmico e se constitui de muitos outros corpos e corpas físicas, espirituais e cósmicas, além das diversas temporalidades (in)fronteiriças, transcendentes. A Natureza é o corpo e o corpo é a Natureza, impartida, apaziguável, mas que não pode ser domada ou dominada. Toda vez que acionarmos a corpa como palavra, ela trará em si o *poli* e a *multi* dimensionalidade semântica.

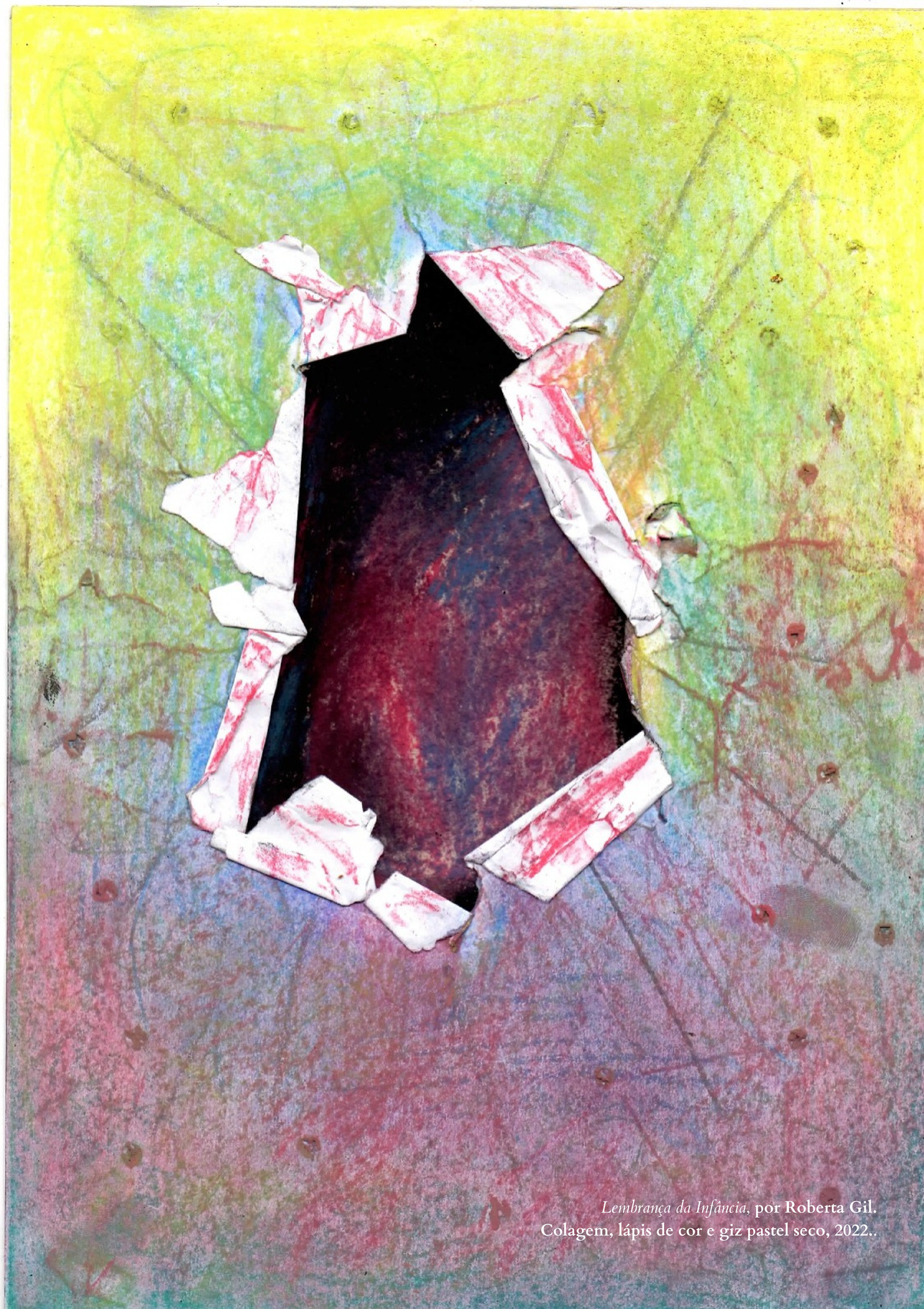
Retornando ao início, quando me referi ao estupro, falando do meu corpo individual, ao mesmo tempo em que falo do nosso corpo, das mulheres e dos homens negros e indígenas, estuprados física, psicológica, cósmica e espiritualmente. A *Voz* que imprimo nas folhas desta revista são polivocalizadas. No corpo físico, um toque rude e violentamente fálico, rígido, feriu-me num ato sexual não autorizado. Na minha dor, ressoa a mesma dor intactamente preservada pelo *continuum* da inenarrável violência que esse aglutinado de corpos têm estado submetido.

Meu uivo ressoa aos quatro cantos do mundo. Em cada nova cidade, estado ou país que tenho visitado ao longo das minhas pesquisas, eu ouço ressoar uníssono o som da dor, que dói, toda vez que as memórias são acionadas pelo que ressoa deste corpo-coletivo, que também sou eu. De um caráter individualizado para um caráter social, sem se perder de mim.

Nas idas e vindas da construção dos textos que compõe minha tese doutoral, retorno dos Estados Unidos da América com a certeza de que a dor que me rasga, rasga também *las hermanas* e *los hermanos*: colombianas(os), peruanas(os), cubanas(os), caribenhas(os), argentinas(os), chilenas(os), venezuelanas(os), paraguaias(os), bolivianas(os), uruguaias(os), panamenhas(os), afroindígenas descendentes. Foram três dias intensos, escuta ativa de painéis e *papers*, além das múltiplas obras de arte expostas nos espaços da conferência. Em cada exposição, o aglutinado de vozes, as nossas, no presente, as de nossas mães, avós, bisavós, tataravós…, no passado, que também é o presente, que têm em suas entranhas o futuro, na ideia de uma concepção conjunta que cria o que está sendo realizado.

Nesse movimento plurivocal, em português, inglês, espanhol, castelhano ou portunhol, o que ecoou foi a polifonia harmonizada pelo fio condutor e indutor, a melanina fenotipicamente exposta. Doía em mim como um espremer das roupas lavadas na pedra da Bica da Olaria, antes de serem estendidas no varal, em cima da laje dos barracos que nos serviam de abrigo, no Morro da Mangueira.

Cada voz ali, independente do idioma, ressoava uma só voz. Nossos corpos aglutinados infronteiriços, "*ohùn èmi ná à kó. ohún ìyá mi ni, li ohùn awọn arabinrin ati awọn arakunrin mi*" (não era a minha voz, era a voz das mães, as vozes das minhas irmãs e irmãos). Dentro da Voz das Mães, ecoava todas aquelas vozes, das que eram, das que foram, das que estavam e das que seriam, sendo seu *ara-obirin* ou *okunrin*, cunhã ou tybira, estávamos todes lá. Nos relatos, o tom das vozes era dor. Cada uma, dentro de seu contexto, narrava dores atravessadas. Similitudes para corpos tão diferentes, todavia tão iguais. Unidos pela dororidade. Em nós um em comum, a coisidade, a objetificação, a desumanização, a anti-negritude; inclusas na dororidade, coletivo.



Lembrança da Infância, **por Roberta Gil.**
Colagem, lápis de cor e giz pastel seco, 2022..

Lembrei-me da violência que sofri, ao ter meu corpo abusado sexualmente. E de cada lágrima que derramei ao ler documentos que relatavam cada uma das detalhadas atrocidades praticadas contra o corpo-coletivo, que é o nosso, nosso corpo melaninado. Eu remontei os pedaços da dor. Estava lá, doía como no ato, ou talvez mais… eram muitas dores numa só.

Escrevendo estas linhas, sinto a dor; sua intensidade rasga a alma, transcende o físico. Escrever é curar nosso corpo coletivo, retornar corpos como o de *ìyá* Bernadete Pacífico à massa de origem. Rememorar é político.

Seguindo o aglutinado de vozes, não vos escrevo só. Aglutino em mim a Voz da Mãe, na qual, a minha e a sua também ecoam. Nesta semântica, o corpo já deixou de ser um, mas sem perder a sua individualidade. Bricolado a milhões de corpos físicos, cósmicos e espirituais, que não são outros corpos, mas partes de um mesmo *Todo*, o corpo-dos-corpos, ou a corpa-das-corpas, que já não é mais uma, mas performa múltiplas linguagens polifônicas que também são mudas.

Respiramos entre silêncios e ensusrecedores sons. São cantos, batuques, ofertas de vendas, gritos, lamentos, lamúrias, ladainhas… São mainhas, úteros, ventres…somos nós em nós, entrelaçades, juntes, mesmo que separades geograficamente por fronteiras, relevos, distâncias, afetos.

Nós somos uma Voz de vozes, a Voz da Mãe – *ohún ìyá mi ni…*

REFERÊNCIAS

ANI, Marimba. **Yurugu**: Uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento Cultural Europeus. Trenton: Africa Word Press, 1994.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: Poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Nkonsonkonson – Símbolo Adinkra da unidade, da interdependência, da cooperação, da fraternidade e das relações humanas.
Provérbio associado: "*Yɛtoatoa mu sɛ nkɔnsɔnkɔnsɔn; nkwa mu at, yɛtoa mu, owuo mu a, yɛtoa mu; abusua mu nnte da*." [Estamos atados como os elos de uma corrente; Estamos ligados na vida e na morte. Os homens que compartilham de uma relação de sangue comum nunca se separam uns dos outros].

Fontes: Ipheafro (https://ipeafro.org.br/acervo-digital/imagens/adinkra/), Afro&África (http://claudio-zeiger.blogspot.com/2012/02/nkonson-konson-simbologia-adinkra.html).

Sem título, **por Ísis do Carmo.**
Desnho em grafite e aquarela sobre papel, 2021.

E esta corpa aqui,

O que ela te diz?
Vc consegue ver?
Consegue ver, além das feridas?
Eu sei... é difícil, eu também não conseguia, por isso tive de aprender sobre sinestesia.

Só assim me desperto vagarosamente daquela anestesia.
Não você não entendeu errado, não estou viajando ou demasiadamente empolgado.
É assim mesmo que me parece a colonialidade, uma anestesia da possibilidade de existência.
Pera lá, eu não disse resistência, eu disse existência.
Essa coisa que tentaram tirar de nossa consciência e, sejamos sinceros, com uso de muita violência.

Paro por um instante, repenso, olho as borboletas, as folhas que caem num dia típico de outono, não faz muito que acordei de sonho.
Nele, eu sabia como era o amor, eu tbm sabia como era não ter medo, eu sentia como é voar e nadar e flutuar.
Parece clichê, do estilo "I have a dream", só mais um...
Mas não se engane, pq meus sonhos são oráculos.
Oráculos de Oxum... e é através deles que me permito esperançar, brincar, gingar e gozar.

São meus sonhos que me mostram a plenitude de ser quem se é.
Também foi dançando como meus ancestrais
que permiti a minha corpa que relembrasse nossos ideais;
Foi escrevendo e lendo que meu encanto pelo mundo foi se refazendo;
Foi contemplando a Natureza
que compreendi a força que tenho em minha inteireza.

Mas foi nos encontros e nas trocas,
que me encontrei com a potência que com gosto carrego nas costas.
E foi assim mesmo que despertei da anestesia, sentindo, ouvindo, fluindo, permitindo...
Por isso quando você me vê, sempre me vê sorrindo!

Poema de Ariane Moreira

Oxum na Cachoeira, **por Beatriz Matos Teixeira**
Tinta Acrílica sobre papel A4, 2022.

Escrevivência

por Cecília Esteves

A escrevivência é um conceito que nos foi presenteado por Conceição Evaristo. Como já descrito pela própria, a escrevivência nos propõe relatar situações do cotidiano, sentimentos positivos e negativos, a forma como somos afetados por diferentes aspectos da vida. A palavra escrevivência traz a junção de escrita e vivência; é, literalmente, escrever o que se vivencia, assim como Carolina Maria de Jesus fez em "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada", evidenciando todas as suas emoções perante as dificuldades que enfrentam as mulheres negras e pobres, muitos anos antes da Conceição Evaristo nos apresentar o conceito de escrita-vida. Logo, entende-se que a escrevivência sempre esteve presente na trajetória de pessoas negras e indígenas em nosso país; Conceição Evaristo nomeia essa prática, destacando a necessidade de poder posicionar-se, expor suas vivências, anseios, indignações, felicidades, etc, trazendo para o debate a perspectiva positiva da escrita explicitamente pessoal, porém comunitariamente compartilhada.

Vai além da necessidade da população negra e indígena de poder se expor por si mesma. Escravizados não deveriam ter sentimentos, o propósito da sua condição não era esse. Escrevivenciar se contrapõe à lógica colonialista onde foi negado às pessoas negras e indígenas escravizadas o direito de terem e exporem seus sentimentos e opiniões. Historicamente, qualquer tipo de manifestação como indivíduos dotados de experiências próprias foram tolhidas de diferentes formas em cada momento do tempo, afinal, dentro dessa lógica colonial, as pessoas negras e indígenas só estavam ali para seguir ordens, sua vida deveria ser de subserviência. E na lógica colonialista, tais pessoas, na condição de subalternizados, são massa de trabalho para fins do sistema ocidental capitalista. Entretanto, é evidente que esse ideal foi combatido pelas populações negras e indígenas de cada época.

É, no mínimo, ingênuo pensar que as pessoas de tais populações mantinham-se inertes a todas as violências às quais eram submetidas. Se desse modo fosse, não teríamos em nossos registros históricos tantas personalidades, organizações e revoltas contra o regime escravocrata e contra a exploração do sul global, como a carta de Esperanza Garcia denunciando os maus tratos a que fora submetida, ou mesmo a vida de Clara Camarão, indígena que lutou pela liberdade e contra a colonização.

Porém é preciso pensar que, apesar das manifestações contrárias, a lógica de repressão se propagou por séculos e isso reflete até os dias atuais, inclusive no que se refere ao acesso à escrita. Através dos anos as pessoas negras e indígenas tiveram suas vivências reprimidas e colocadas como alheias à intelectualidade, e isso ficou marcado em nossa sociedade. Nossa história ainda é contada pela perspectiva do colonizador. Para que as pessoas negras e indígenas sintam-se no direito de concordar ou de se contrapor foi e ainda é necessário o movimento de emancipação. Pois a todo momento é posto que suas vidas e vivências são irrelevantes. Para que possam falar é preciso, primeiro, reconhecer a repressão e questionar o porquê de serem silenciados.

Então, quando Conceição Evaristo nomeia a prática da escrevivência, ela nos dá caminhos e respaldo para que possamos falar e escrever a partir da nossa ótica. Distanciando-nos e criticando a perspectiva eurocêntrica tão referenciada de neutralidade axiológica. A concepção de ciência e de escrita neutra é oriunda da lógica eurocentrista, que não só é dotada de parcialidades, como de referenciais e pressupostos que excluem e desvalorizam conhecimentos de outras culturas. Não há escrita que não seja marcada pelos ideais de seu/ sua autor/a. A questão é quem pode ser autor/a e quem não pode, e os motivos de não poder.

Quem continua se beneficiando com o silenciamento das populações negras e indígenas?

Embrião do Mundo, **por Roberta Gil.**
Aquarela em papel 300g, 2023.

Baú das minhas lembranças!

O desafio da minha escrevivência talvez seja o maior de toda a minha vida. Tirar do baú das minhas lembranças as dores, saudades, risos, choros e todos os sentimentos reprimidos que meus anos de vida guardam. Nasci no ano de 1973 na cidade de Eunápolis, Bahia, filha de uma adolescente de 17 anos e mãe solteira. Cresci no lar dos meus avós e recebi dos mesmos seus nomes como pais, afinal, era inadmissível uma família ter uma filha mãe solteira em casa. Minha mãe conta que meus pais (avós) não a queriam em casa, então ela entregou para eles sua filha recém-nascida e foi trabalhar e morar sozinha. Não tenho muitas lembranças da minha infância e, as que tenho, são a partir dos meus sete anos.

Aos sete anos perdi meu avô para um infarto e meu mundo caiu, literalmente. Vi minha avó ficar trancada em um quarto por dois anos e, ao sair dali, ela teve que enfrentar todas as adversidades da vida presente. Isso não quer dizer que ela não tivesse enfrentado anteriormente, até porque ela também tinha sido mãe solteira de dois filhos antes do meu pai (avô) morar com ela. Vivi e cresci com a casa cheia de crianças e mulheres fortes, guerreiras e que lutavam diariamente para trazer o pão de cada dia.

Entrei na adolescência e tive aqueles velhos problemas que nós mulheres sofremos: hormônios, desejos, religiosidade, violência psicológica. O mais divertido é que não namorei cedo, preferia brincar de bola, gude, baleado, pião, estilingue (bodoque) e tudo que fosse brincadeira de menino, por isso era chamada de Maria João, menina macho. Gostava de ser menino, porque eles podiam tudo e nós, meninas, nada. Tinha que andar, vestir, falar, ter postura como uma boa menina, mas eu queria mesmo era andar de bermuda, calça, camisa de homem, cabelo curto e brincar, brincar com os meninos da minha rua.

Na minha infância conheci e frequentei, com minha avó, terreiros de umbanda e candomblé, e tudo que envolvia religião de matriz africana. Brincava de tocar tambores na casa de minha tia que era filha e protetora dos tambores da casa do seu pai. Naquela época não me diziam que era pecado ou abominação ir a um terreiro, não existia o sincretismo religioso na minha vida. Mas como saber se naquela época eu estava certa ou errada, eu era apenas uma criança! Posso ousar a afirmar que já conhecia o significado da palavra religião na prática. Aprendi que toda crença na existência da força ou forças sobrenaturais não eram pecado, e todas as manifestações dessa crença e rituais eram normais. Minha vida seguia tranquila como a vida de uma criança que ainda não estava moldada pelos estereótipos da sociedade.

Ainda por terminar.

Erick Cristian Carneiro

As minhas lembranças

Eu guardo tantos momentos de afetos, de lembranças boas desde a infância e adolescência. Porém, como alguém que mora em Favelas do Rio, também guardo muitos históricos com contextos dolorosos que, ao mesmo tempo que te traz a dor, te traz trás a força da resistência em busca de mudanças.

Gosto de guardar as lembranças de festas culturais que ainda resgatavam e guardavam histórias de culturas do nosso povo que, com o tempo, foram se perdendo; hoje já não se comemora mais como antes as folias de Reis, que eram presentes em minha vida; as festas juninas tradicionais... O progresso que chegou no Complexo na década de 80 foi afastando nosso céu estrelado, escondendo nossos vaga-lumes que bailavam na escuridão das ruas. Sinto falta dos momentos em que brincávamos de roda. Hoje já não se vê mais as crianças brincando, o rodar dos piões, as amarelinhas, as bolas de gude... Saudades.

Hoje se restou o medo de caminhar a noite, de ir na cachoeira pegar girinos. O progresso é bom, a tecnologia é maravilhosa; porém temos que evoluir sem nunca esquecer dos momentos inesquecíveis da nossa infância e juventude, da história da liberdade antes conquistada e, agora, limitada por uma violência de quem deveria trazer segurança. Na minha mente transita o ontem e o hoje, que ainda deveriam estar em evolução, mas nunca perdendo de vista o que os antepassados viveram. Por isso a importância do resgate da nossa ancestralidade na nossa vida.

Nossos jovens precisam saber como foi nossa jornada e valorizar a troca de saberes. Uma coisa que quero sempre é guardar esse respeito aos meus que vieram antes de mim porque é através da história deles que resistimos, existimos e crescemos como pessoas mais empoderadas.

Lúcia de Fátima Oliveira Cabral

Meus queridos ancestrais,

Escrevo essa carta para mandar notícias de mim, quero compartilhar como tenho vivido essa existência.

Eu tive uma infância que deve ter sido muito difícil, digo isso porque tenho poucos fragmentos de lembrança que me chegam depois de muito esforço para recordar. Diferente dos momentos bons e felizes que vivenciei e a recordação é muito fresca na memória independente do tempo que passou. Sei que meus pais tiveram muitas dificuldades, tanto financeiras quanto de maturidade emocional, para dar conta das demandas familiares para cinco filhos.

Eu era muito pequena quando meus pais se mudaram para longe de meus avós e demais parentes. Por conta disso, tive pouco contato com minhas raízes, fato que ao longo da vida me distanciou das minhas origens e dificultou o estabelecimento de vínculos sociais e comunitários, ao ponto de experimentar, na vida adulta, uma sensação de ser uma "estrangeira" sem nenhum pertencimento em muitos locais.

Contudo, quando me tornei mãe aos 21 anos e precisei cuidar do meu filho, fui surpreendida com uma sabedoria, leveza e cuidado com que podia dar conta das necessidades de meu filho. Fui inundada por "um saber fazer" que me intrigava, assim como em muitos momentos desafiadores pelos quais passei e a intuição do caminho a seguir me chegava com naturalidade. Hoje sei que são conhecimentos ancestrais que foram despertados nos momentos que precisei; acessei esses recursos e tecnologias que estavam registradas no meu ser, no meu DNA.

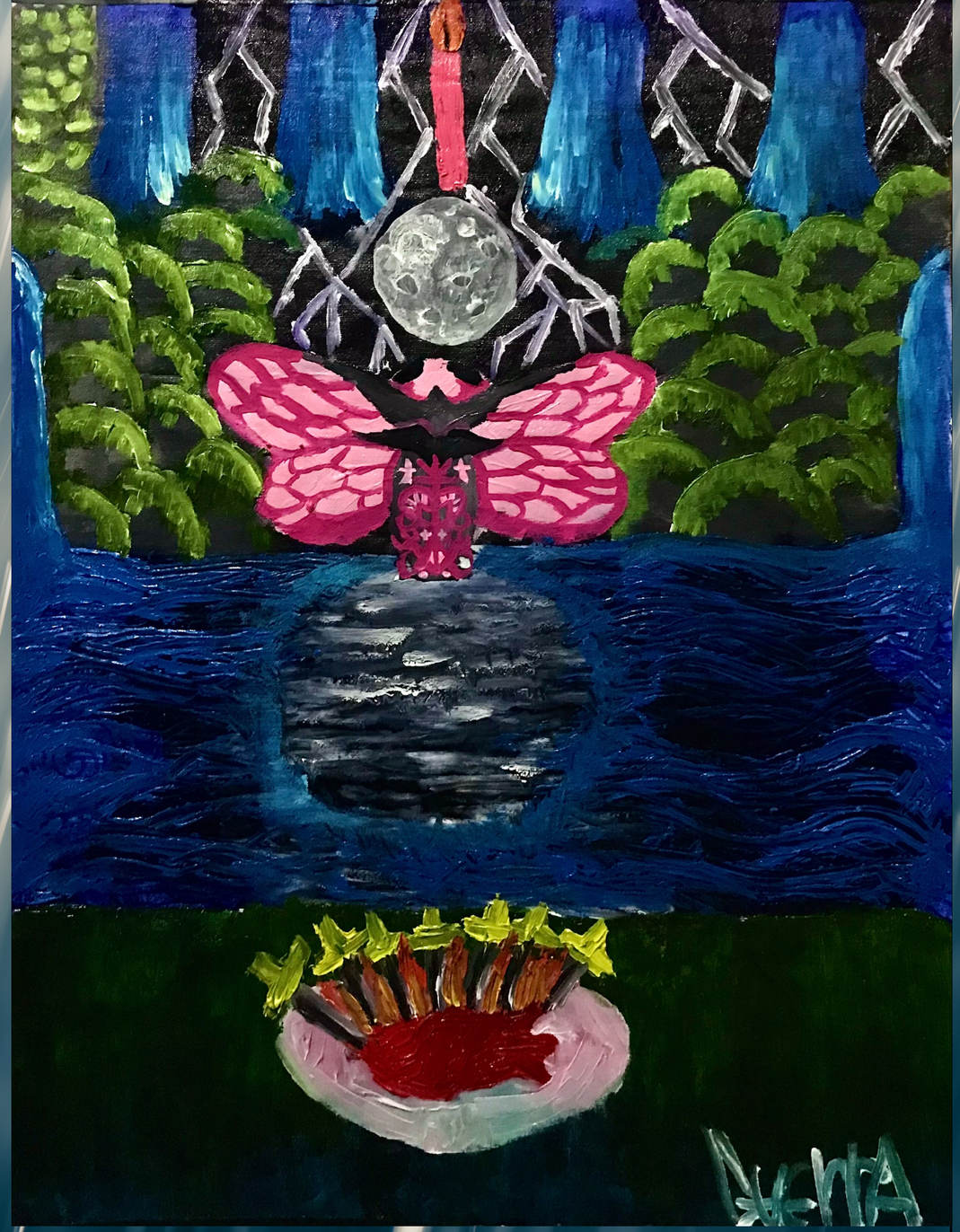
A sensação de ser uma "estrangeira" entendo que foi o apagamento e a tentativa de invibilizar a nossa história afropindorâmica. Quando comecei a conhecer nossa história e saber que o colonizador usou de todas as formas para eliminar e desqualificar, apesar de toda revolta por tamanha atrocidade, tenho a sensação de estar voltando para casa, dá um calorizinho gostoso no peito e uma imagem surge na minha mente, vou descrevê-la: vejo vocês, meus ancestrais, com seu cabelo preto enrolado e também escorrido, sua pela da cor da terra, seu sorriso largo a me receber! Eu retribuo com um sorriso, abro os braços para o abraço! Estou de volta em casa!!

Eu agradeço todo esforço de vocês para que eu chegasse até aqui e seguisse adiante! Eu honro cada um que abriu o caminho facilitando minha jornada já percorrida e do porvir. O elo está reestabelecido. A resistência se fortalece na comunidade afropindorâmica!

Marlene Teresinha da Silva

Artes gravadas em uma das paredes da Escola de Belas Artes (EBA), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de autorias desconhecidas. Na parece, a frase: “escureça os lugares que transita”. Foto tirada por Carlos Pereira em 2023.

AMOR



6 de Copas, **por Guerra Tapuio**
Pintura, 30 cm x 41 cm, técnica mista sobre tela, 2023.

6 de Copas é uma pintura onde há uma cigarra posicionada no meio, abaixo um prato com um coração fincado a 7 punhais, subindo a tela temos 6 quedas d'água que representam a carta de tarot 6 de copas, onde a energia da saudade, das lembranças dos momentos íntimos e o apego ao passado contam a história de dor e amor sobre o que é amar.

SEM PROBLEMAS

por Bitta Bardo

MEU CORAÇÃO...

NÃO SEI PORQUÊ...

SORRI E SORRI

SEMPRE QUE A VÊ

EU TE AMO, Ó CHUVA

SE POUCA
SE MUITA
SÊ POUCA

SÊ MUITA
SÓ SEJA
VOCÊ, MINHA

MÚSICA

MINHA TODA, MINHA TUDO
EM MEU TÃO PEQUENO
CORAÇÃO

VOCÊ, MEU GRANDE AMOR,
É SEMPRE LINDA
E SEMPRE TÃO BEM VINDA
TANTO, TANTO
TANTO

QUANTO AOS DIAS DE SOL...

PORQUÊ TE AMO...

NADA SEI

SÓ SEI QUE

AMO

Fundo: Imagem disponível no Canva Pró

Flores morrem e florescem ao meu redor.
Sei onde estou e sei que poderia estar pior.
Minha lágrimas têm sido acalanto para alma, mas ainda lembro quando você chegava eu sentia a Calma.

Hoje o amor se tornou cinza, os beijos que encontro não têm mais sabor, a água ardente purifica a dor e o ardor do amor que floresce, porém não é colhido.

O silêncio dói como uma faca que atravessa minha mão, mas como em todo silêncio é preciso chorar em silêncio, pois a alma se envolve numa concha reluzente quando está em silêncio.

Não quero ir, mas acho que é o melhor momento, pois haverá um momento que a nuvem que chora sobre nós se dissipará e retornará ao seu ciclo natural, de qualquer forma terá um fim.

Guerra Tapuio

Coração coroado que arde e queima, **Colagem por Carlos Pereira, 2022.**

Amado,

Ainda não sei teu rosto, teu nome, teu corpo, teu cheiro, tua risada, teus gostos, teus medos, teu tempero, ainda assim dentro de mim, tem amor que cabe uma vida inteira. Na minha alma que escorre poesia, tenho esperado, presentificado, vivido intensamente, para quando você vier, tenha eu prazer em te dedicar tempo, para quando chegar, pousar no ninho em que meu coração tem tecido para lhe acolher e acalentar. Talvez essa seja minha maior virtude e desespero: sentir urgentemente e improrrogável, descrever, transcrever, ferozmente sensível e criativamente o que latente se sente, e eu sinto muito.

Te espero com a alma ardendo, como quem aguarda ansiosamente para saciar-se do que deseja e ainda não se tem. Te pretendo, acima de tudo que já me foi negado pelo ébano que belamente me contempla, na esperança que encontre, que me acalente, que me transborde. Eu tenho estado completa nas faltas e ainda sim te quero, com o que tens, com o que virá.

Quando chegar só te peço que não parta, não me parta, que escolha ficar. Meu coração é bom, sensível, forte, e cansado da hipérbole da minuciosidade sensitiva da percepção de todo poeta. Me diga incontestavelmente a verdade e eu decidirei e lidarei com o que virá por então.

Pelo amor que ainda é vislumbre, de todo amor que sou, como quem é grandemente comtemplado pelo sagrado divino da poesia. Até o dia que nossas almas se cruzem. Até o acontecimento, na esquina do lugar onde nossa existência coexista. Ao amor que tenho, ao amor que ainda não conheço, esses são meus votos.

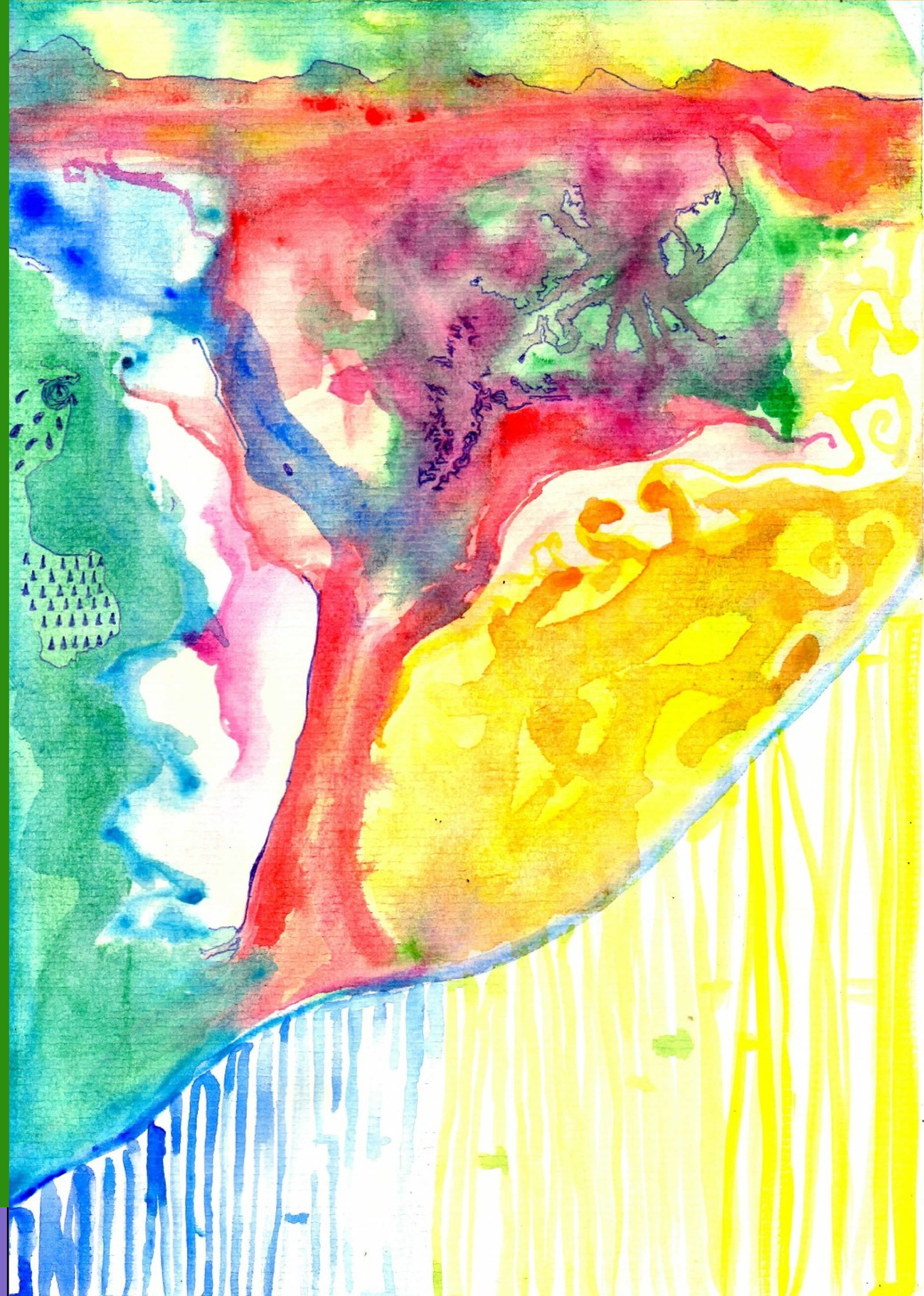
Carinhosamente,
Quem você há de encontrar.

(Texto de Estefanne Nascimento)

Declaração de amor

Olá Milu, você é uma pessoa muito especial, amiga, boe companheire, cordial e ume excelente parceire. Amo estar com você, carismátique, divertide, simpátique e, além de tudo, artista. Sou apaixonado por você, te amo todos os dias. Amo como você constrói suas ideias, sua vivência e principalmente seu trabalho. Cada dia me apaixonado mais ainda pela forma que você busca se relacionar com a outras pessoas. Sei que nem sempre você é o melhor que as pessoas esperam mas pra mim você é ótime. Você é um amor para somar, você é um amor para construir, você é um amor para ter amizade e além de um amor para ser amade. Te amo Milu 🖤🪩💫

Milu Almeida



Mundo Particular, por Roberta Gil.
Aquarela e caneta esferográfica 0.3 em papel vergê A4, 2022.

Querida Bitta

Espero que esteja bem!
Saudades de você, minha querida!
Há quanto tempo não conversamos, hein?
Soube que estava triste, doente…
Tenho umas dicas para esses dias de chuva intensa…
Posso?
Se abrace beemmmm forte, meu amor.
Se olhe no espelho e lembre-se de quem você é.
Ahhh…
Minha estrela querida, cante bem alto…
Chore, grite, pule…
Dance e clame por seus Orixás….
Sei que não pediu ajuda, cara!
Mas sou atrevida e falei mesmo assim.
Quero muito bem a você.
Qualquer coisa, grite.
Um grande beijo,

Bitta Bardo.

Xamego, por Isis do Carmo.
Pintura sobre metal, 2023.

"ODO NNYEW FIE KWAN"

"O AMOR SEMPRE ENCONTRA O CAMINHO DE CASA"

Arte e Expressão

por Carlos Pereira

A arte sempre foi um instrumento de expressão cultural e, por meio dela, podemos identificar e até mesmo distinguir tempos, territórios e sociedades. Por meio da arte podemos conhecer um pouco dos costumes, da língua, dos símbolos, do sagrado, dos modos de vida, das cosmopercepções, dos acontecimentos que marcaram os povos. Por isso, a arte também é uma forma de registro histórico da vida em contexto, pois ela, a vida, existe em um tempo, em um espaço e a partir de interrelações de troca entre diferentes formas de existência. Entre comunidades negras e indígenas do passado não foi diferente. Prova disso são as peças de arte de comunidades negras e indígenas antigas e modernas que integram, aos montes, os mais famosos museus da Europa, o que não deixa de ser, também, prova da grande espoliação das artes das diversas culturas negras e indígenas, por parte dos europeus colonizadores.

Pessoas negras e indígenas seguem fazendo arte, embora com menos espaço e oportunidades que a arte em perspectiva eurocentrada. Felizmente, hoje temos acesso à música, à dança, à literatura, ao teatro, ao cinema, à pintura, à escultura produzidas por artistas negres e indígenas, a partir de cosmopercepções tradicionais negras e indígenas. Não se trata de negres e indígenas produzindo arte à greco-romana, mas sim de artistas negres e indígenas produzindo arte a partir de seus próprios processos, falando de si. Mas isso não aconteceu, contudo, sem grande resistência e persistência. Este campo é ainda muito desigual e árido para negres e indígenas.

Muitas vezes, ouvimos dizer que a criação artística como habilidade humana e a arte como campo de saber de produção estruturado não existia entre comunidades negras e indígenas antigas e modernas, que se encontravam, segundo tal argumento colonialista, em uma fase anterior à arte. Naif, primitiva, espontânea são adjetivos ainda hoje empregados para designar a arte negra, indígena e popular (não acadêmica) num esforço de diferenciá-la da arte conforme padrões eurocêntricos e acadêmicos. A arte também foi hierarquizada e, nessa hierarquia, produções de sociedades africanas e indígenas não se encontram, ainda, no mesmo patamar que a produção que segue a estilística e a estética eurocentrada. A arte negra e indígena, quando fala a partir de suas cosmopercepções e de seus modos de vida, ainda que seja produzida hoje, em 2023, será chamada de primitiva, atrasada. Eu, pessoalmente, já vi isso acontecer com as obras de brilhantes artistas do meu tempo.

A arte gera pensamentos, ideias e povoa a imaginação das pessoas. Por meio das artes (re)produzimos e transmitimos narrativas que podem ser internalizadas nesses pensamentos, ideias e sentimentos que são gerados nas pessoas. Por isso, o campo das artes é um campo sob disputa, porque a arte é um instrumento de socialização, de aculturação. E o colonizador já sabia disso. Por isso ele utilizou das obras de arte como instrumento de colonização e de catequização. Em meio a um grande número de pessoas que não dominavam a língua do colonizador, foi através da arte assinada que muitas mensagens de colonização foram transmitidas. Por exemplo, as artes sacras que contavam a vida dos "santos", que explicavam o que era o pecado e que ensinavam o que era considerado belo e correto naquele projeto societário. Digo arte assinada porque na concepção de culturas tradicionais negras e indígenas não se vê a assinatura de autoria, porque para elas nenhuma produção tem sentido individual; toda produção é coletiva e ganha sentido comunitário.

Mas agora queremos assinar nossas artes. Não porque aderimos aos preceitos de autoria e de individualidade ensinados pela eurocentralidade, mas porque desejamos reafirmar nossa existência e produção neste mundo das artes. Enegrecer e indigenecer os circuitos culturais com obra, teor e nome. Para fazer justiça histórica para com artistas negres e indígenas que não puderam colocar seus nomes em suas artes durante o período colonial. Para que as experiências, sentimentos, expectativas, percepções, dores, alegrias e adereços representados nas artes tenham nome e endereço e que tais atributos sejam conhecidos e honrados mundo a fora, em nome de nosses ancestrais e de nossas comunidades. Para também ser ponto de partida conhecido para a criação de projetos de mundo na mente das pessoas.

Neste sentido, incentivamos es participantes do curso de extensão Pedagogia da Ancestralidade, projeto que deu origem a esta revista, a produzirem artes. Nesta seção você vai encontrar algumas delas, em diferentes formatos: desenho, colagem, fotografia, pintura, artesanato... Convidamos a você, leitore, a interagir com essas obras e reconhecer nelas um pouco da vida e dos sentimentos de quem as produziu. Cada arte traz uma mensagem e se refere a um contexto. Esperamos que seja para você uma palavra boa, um conectar com a unidade que nos liga e relaciona. Que seja um convite a pensar:

o que eu preciso e quero expressar, sabendo que eu posso?

Argila do Quilombo - traços ancestrais
Artesanato em argila e fotografia por Rayane Freitas, 2022

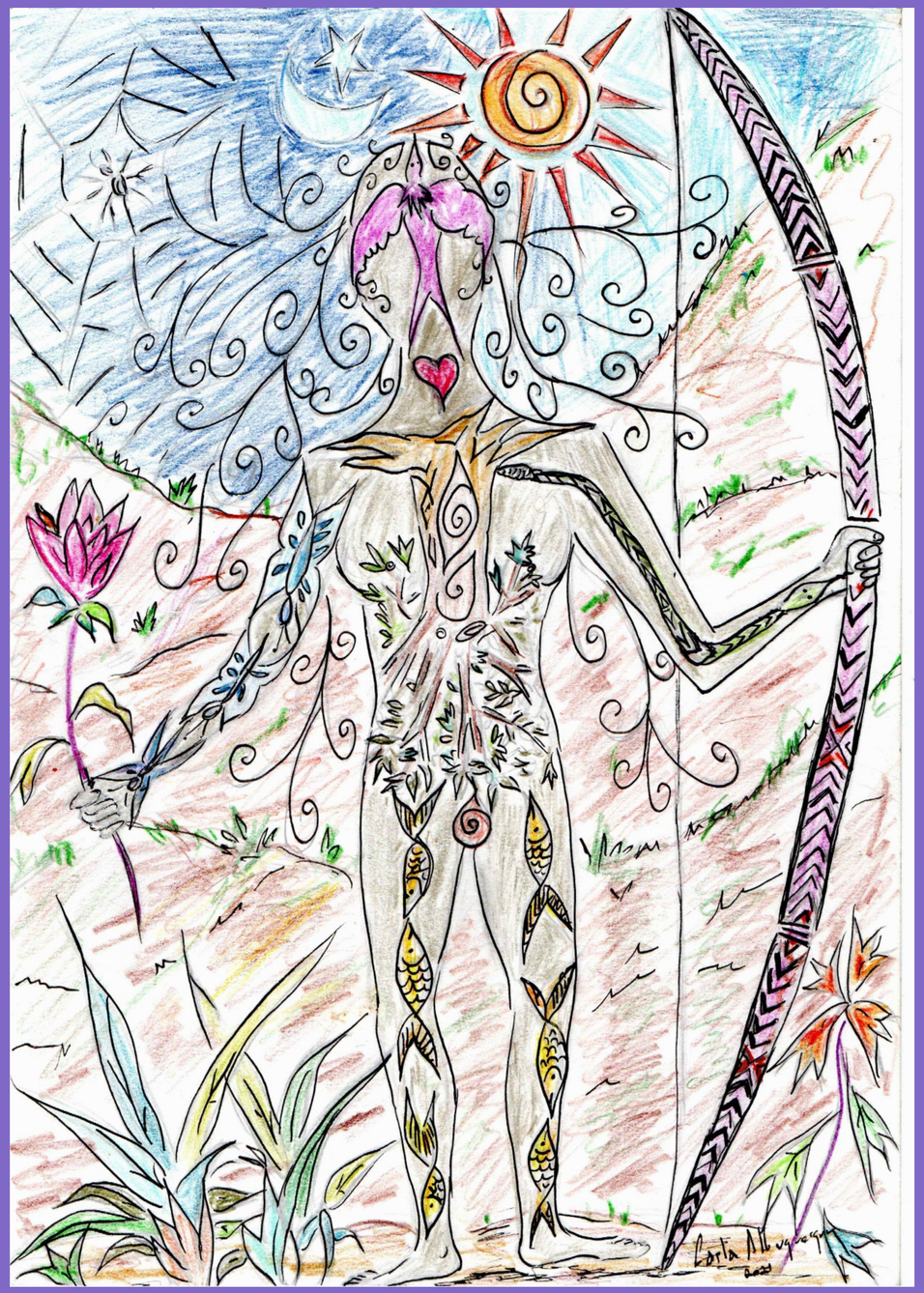
Fundo: Imagem disponível no Canva Pró

Barulhos silenciosos

SE EU DISSER QUE SEI O'QUE SINTO
MINTO
E NÃO POUCA VEZES ME FALTA PALAVRAS
SÓ SEI QUE SINTO

SINTO COMO SE O MUNDO COUBESSE EM MIM
SINTO COMO SE EU NÃO COUBESSE NO MUNDO
E O QUE SINTO NEM SEMPRE ENTENDO
E ENTENDO QUE SEMPRE SINTO TODOS OS SENTIDOS DO MUNDO

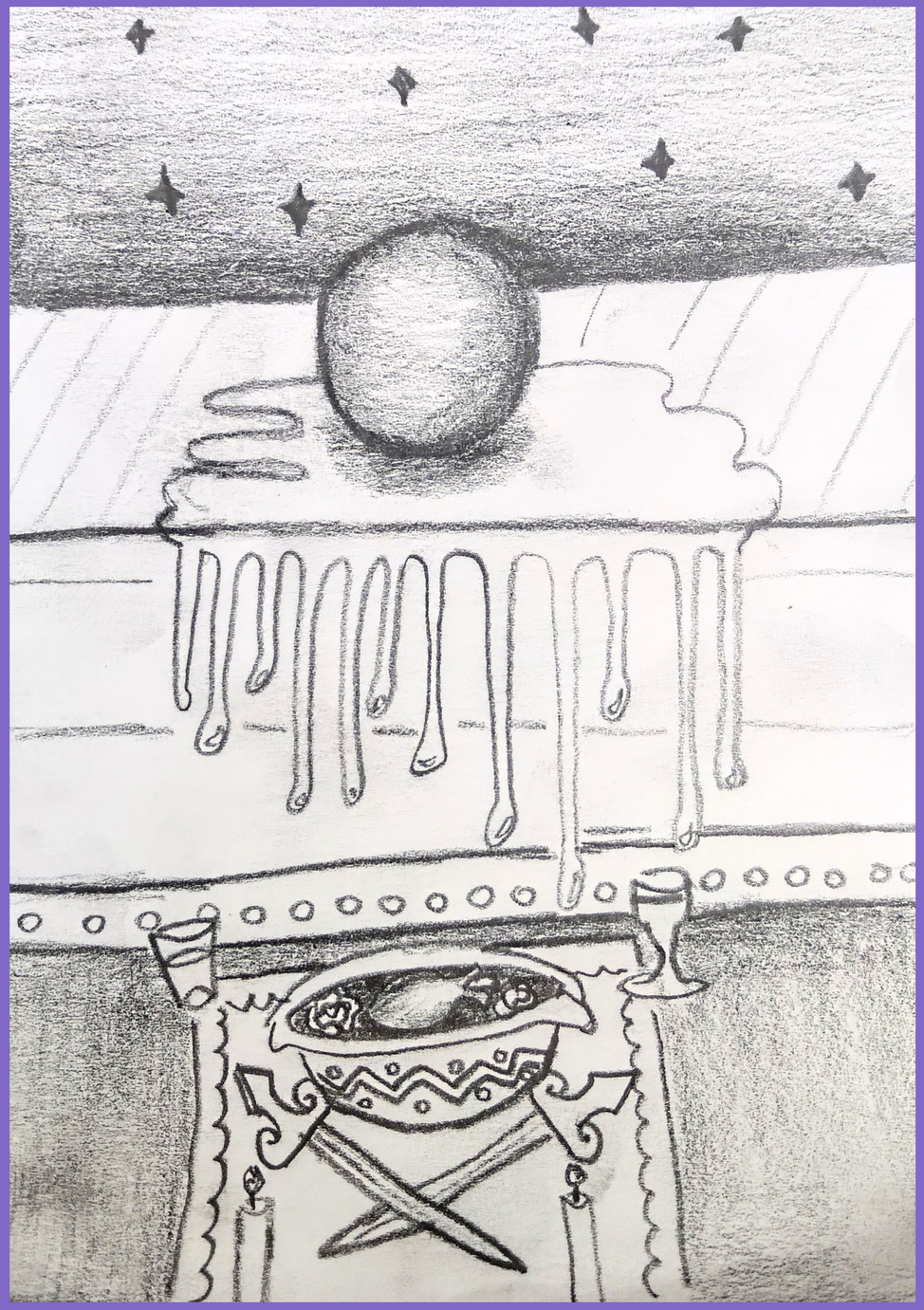
ESTEFANNE NASCIMENTO



Poética Florestal
Desenho, por Carla Albuquerque, 2022

Pé de quê?
Pintura, por Claudia Lima, 2022

COISIS
Desenho por Natan Duarte, 2022



Sem título
Desenho, por Guerra Tapuio, 2022

toda confusão que há em mim,
por Fernanda Gonçalves, 2022.
Pintura sobre casca da Jussara

A minha arte é uma peça de artesanato criada por mim e minha mãe, que é artesã. Minha avó materna foi uma excelente costureira profissional, autodidata. Minha mãe é uma artesã. Confeccionamos bonecas negras e brinquedos de tecido educativos. Eu estou na fase de aprendiz. Comprei uma máquina e estou aprendendo sozinha, como minha avó e minha mãe. Com a ajuda delas. Há alguns anos trás, devido a uma necessidade financeira comecei a produzir artesanato. Passados 10 anos, voltei a ter a mesma necessidade. Faço almofadas de tecido decorativas com a temática infantil. Produzir essa peça não é apenas para vender. É ativar a minha criatividade. É delicioso a escolha dos tecidos, combinar cores. É também uma forma de me conectar com minha avó, traz lembranças da infância, quando ela costurava e ao deixar a máquina por alguns minutos eu já corria e sentava e costurava meu retalhos sem moldes definidos. É uma forma de me aproximar de minha mãe, para valorizar o trabalho dela de artesã. Digo que ela é a mestre. Sentar para costurar na máquina me dá vontade de cantarolar, como minha avó fazia, me dá vontade de fazer cada vez melhor, como minha mãe me ensina. Ela diz: "Não pode fazer mal feito, tem que ter bom acabamento".

Coruja Mundica
Artesanato em tecido e fotografia, por Silvana Holanda, 2022

Fotoarte
Instalação e fotografia, por Daiane Eilert, 2022

Mimos para Ninar Meninos de Buruquê
Fotografia por Bitta Bardo, 2022.

Sem título,
Colagem por Ariane Moreira, 2022.

"fiz uma colagem para entregar a uma pessoa querida que mudou-se pra outra cidade, utilizei a foto dele durante exercício de capoeira e utilizei elementos que me lembram a pessoa dele. Um homem de Ogum, capoeira, percussionista, dreadmaker e que experimenta o mundo através de um corpo negro dito masculino trazendo em seus movimentos, gestos e formas toda a ancestralidade que o compõem. Tornam-se assim um dos seres mais incríveis que tive a oportunidade de conviver neste ano"

Amem a Amazônia!

AS LÁGRIMAS DA AMAZÔNIA
CHORAM SEMPRE EM MAIRI
NÃO DIGA QUE TÁ TUDO BEM,
BELÉM
CHORAM RIOS, SEM PARÁ
DO AMAZONAS AO GUAMÁ

NÃO TEM VOZ O TAPAJÓS
ALTAMIRA SOB A MIRA
AS DORES TEM ANAPU
EMBALA TUA MARABÁ
DE UM TEMPO QUE NÃO PASSOU

LEVANTA, TUPINAMBÁ!
SANTARÉM PERTENCE A QUEM?
MATAM O MUNDURUKU

YANOMAMI É MINAMATA
ONDE O CÉU JÁ DESABOU

CHORA O UIRAPURU
CHORAM BOTOS, CHORA IARA
CURUPIRA, MAPINGUARI

Fundo: Imagem disponível no Canva Pró

LUTAM ARAPIUNS E ARARA
GRITAM OS KUMARUARA
RESISTEM OS GUARANI!
CLAMAM OS ASSURINI!
AVANTE OS BORARI!

PARAKANÃ, SEM AMANHÃ
NÃO TOMBA, TEMBÉ
KAYAPÓ, NÃO CAIA!
XINGA, XINGU
XIPAYA NÃO CALA

CHORAM AOS MONTES,
NÃO SÃO BELOS
NEM SÃO FORTES OS TEUS CASTELOS

INFELIZ, OH LUSITÂNIA!
TEUS PRESÉPIOS, OURO, REIS
TUA CRUZ, ETNOCÍDIO
LIVRAI-NOS DE VÓS, ECOCIDAS
AGORA QUE POUCO NOS RESTA
NA HORA DO GENOCÍDIO
AMEM A AMAZÔNIA
AMEM!

Por Socorro Brasil.
"Minha arte inspiração vem em forma de poesia. Vou colocar um rascunho que iniciei... Ainda em fase de conclusão, pretendo musicalizar".

Amazônia
Colagem por Carlos Pereira, 2023.

Crianças
Pintura em tela, por Bitta Bardo, 2016

BRINCADEIRAS

O jogo das concas
Conca é a semente de uma trepadeira que tem bastante aqui na região. Suas sementes são grandes e arredondadas. Quando secas, seleciona-se entre 5 e 6 sementes e espalha-se num pequeno círculo. Joga-se sentado no chão. O desafio consiste em jogar uma conca para o alto e nesse intervalo retirar outra que esteja no circulo e aparar a conca jogada para o alto sem deixar cair no chão. Na primeira etapa as concas vão sendo colocadas na outra mão,na segunda etapa devem permanecer na mesma mão que aparará a conca jogada para o alto.
Há outros desafios como passar entre os dedos enquanto a conca que foi jogada esta no ar.
Essa brincadeira foi ensinada por minha mãe e permanece na minha memória como uma lembrança afetiva. Ao tentar colocar a forma de brincar no papel, me veio lembranças bem gostosas e a vontade de ensinar a brincadeira para as crianças aqui da comunidade.

Fernanda Gonçalves

Gostei muito da brincadeira da apostila, saltando feijão. Quando vi o vídeo me lembrou muito a brincadeira de pular corda que eu adorava brincar. Prepararei meu material e brinquei dentro de meu apartamento, foi uma brincadeira muito prazerosa que deixou meu coração saltitando também, rsrsrsr... Adorei retomar essas brincadeiras pois depois pulei corda também, porém vou precisar praticar mais para aumentar o ritmo do coração!

Marlene Teresinha da Silva

depois desse encontro me lancei a brincar de dançar na minha sala . Foi muito prazeroso e potente! Tinha tempo que não dançava em conexão com a ancestralidade. Outra brincadeira foi brincar com os cabelos do milho. Fazia isso na roça em minha infância e neste dia estava com desejo de comer canjica e mingau de milho. Comprei na feira e foi uma delícia brincante!

Lidiane Guedes

As minhas brincadeiras são tantas brincadeiras: de roda, pique pega, carniça rsrs, pique bandeira que ainda brinco com meus alunos, elástico mas só no baixinho pois o joelho não deixa passar da terceira altura rs. Gosto de construir brinquedos com recicláveis, então crio jogos de boliche com pet, andar na lata, telefone sem fio, vai e vem no chão, desenho, jogos de labirintos, jogos acerta o copo com copos presos na mesa e numerados com pontos, rolar bola de ping pong e jogar, caixa com numeração e acertos por pontos na jogada de bolas, montar ábaco colorido para adedanha da matemática, competição de meninos e meninas com adedanha das palavras qualificando objetos. Montar teatro de fantoche e brincar de montagem de peças teatrais, bolas de gute, pipa, pique esconde, pescaria das letras com acetos falando as palavras com início das letras e os brinquedos do vídeo (acesse aqui) montando com as crianças. O montar os brinquedos é maravilhoso! usar a didática através do brincar usando o material que tiver em mãos. Eu aprendi assim quando criança e ainda uso essa forma. É construtivo e didático. Agora o campeão é o queimado como uma competição que diverte aqui na favela tendo até campeonatos entre crianças, jovens e adultos. Eu sou favelas do brincar!!!

Lúcia Cabral

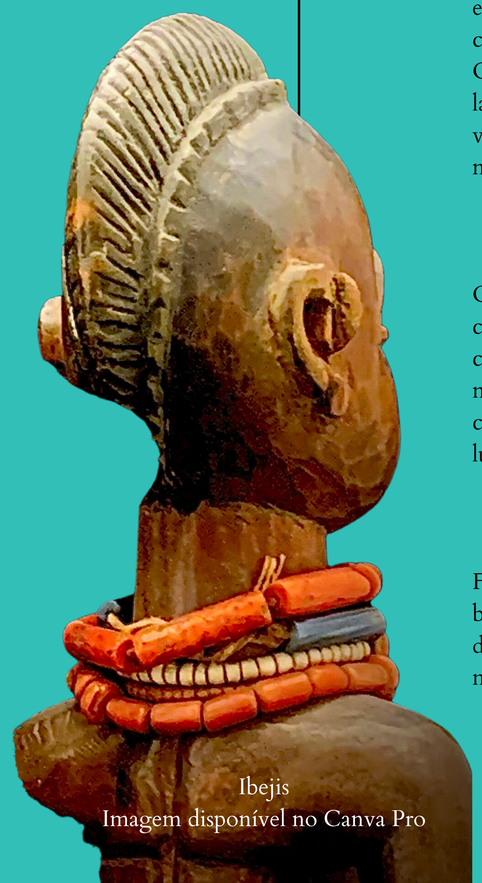
BRINCADEIRAS

O período pandêmico trouxe novas roupagens para avida de todos nós. Tudo se encontrou: pais com filhos, esposa e marido, profissional e patrão e parecia que eu estava vivendo a música de Raul seixas “O dia em que a terras parou”. Tivemos que nos repaginar para não pirar. Resgatei algumas brincadeiras de minha infância, cinco pedrinhas e “onoum” (elástico), que fizeram sucesso e foram uma válvula de escape. As brincadeiras consistem em:

Cinco pedrinhas
Pede-se brincar quatro pessoas para manter a dinâmica do jogo. A ordem dos jogadores deve ser predefinida para poder dar início a partida. O jogador pega uma pedrinha e joga para cima enquanto pega outra no chão, depois de duas em duas, três, quatro e finalmente jogar a pedra para cima enquanto arrasta uma a uma, por baixo dos dedos da outra mão. O jogador não pode derrubar, encostar em outra pedra ou ainda deixar alguma no chão. Essa ordem se repete até que haja alguma infração ou o jogador complete o ciclo tornando-se o vencedor.

“Onoum” ou elástico
O ideal é brincar com três participantes, dois deles fica com o elástico posicionado no tornozelo enquanto o terceiro inicia a dança pulando dentro, fora e pisando nas duas partes do elástico. O jogador passa de fase sempre completa anterior e o elástico é posicionado no joelho, quadril, busto e pescoço. Os movimentos realizados pelo jogador se modificam de acordo com a posição do elástico. Quem cumprir as etapas sem pisar ou soltar o elástico em determinado movimento será o vencedor.

Irá Santos



Ibejis
Imagem disponível no Canva Pro

BRINCADEIRAS

Quando criança

"Quando criança, os brinquedos e brincadeiras dependiam única e exclusivamente da imaginação. Mainha, mulher negra, mãe solo de quatro filhos e empregada doméstica, não tinha condição alguma de comprar brinquedo. Então, brincávamos com tudo e de tudo; não havia uma delimitação. Em tudo existia uma possibilidade criativa de transformação: um milho se transformava em uma boneca, um galho virava uma espada, o mundo era o nosso território de brincadeiras. Sem perceber, repetíamos brincadeiras e brinquedos que vinham de tempos ancestrais. Éramos coletores, desbravadores; tudo estava ligado à natureza. Brincávamos com a terra, com o fogo, com a água e com o ar. Como uma falange de erês, saíamos à rua para escalar árvores e comer frutas no pé, fazíamos periquito de papel (pequena pipa) para ver bailar no ar, no mar nadávamos e apostávamos corrida até o mourão (estaca de prender barco); cozinhávamos comidas improvisadas sobre o fogo e moldávamos panelinhas, copos e brinquedos com a argila da terra, já que não tínhamos recursos para comprá-los. Hoje, percebo o quanto essas brincadeiras moldaram a minha essência. Entendi que posso modificar o meu entorno e que, mesmo na escassez, existem infinitas possibilidades de transformação."

Elba Brito do Nascimento

Não é fácil escolher uma brincadeira quando todas eram muito divertidas, posso dizer que tive infância, e todos os dias fazíamos as brincadeiras de roda na rua onde eu morava. As minhas prediletas eram exatamente as brincadeiras cantadas, pois estimulavam as expressões corporais, a voz/canto acompanhado de gestos e movimentos, e tudo sempre com todes juntes de forma coletiva. Então, além das cantigas de roda, eu gostava da Corrida do Saci, brincadeira originariamente indígena que consistia em correr só com um lado da perna até uma distância definida, e assim jogávamos contando pontuação ou, ás vezes,, com pagamento de prendas. Todas essas brincadeiras inesquecíveis eu repassei para meus filhos e agora também para os meus netos.

Socorro Brasil

Cabra cega. Um nome um tanto cruel, gostaria de rebatizar como a lua girou girou. Era com esta música que eu brincava, já adolescente, quando ia para Salvador, com primas crianças. As girava com os olhos vendados e corria por entre os móveis antigos na casa de minha tia avó, até ser capturada por pequenas mãos. Sinto até hoje, o perfume da maresia com traços de acarajé. Ouço o berimbau, as vozes entoadas da ginga e da roda girando. A lua vista de Mont Serrat, prateando a criança sisuda em mim que aprendia a sorrir.

Carla Albuquerque

Foi muito difícil conseguir brincar. Socialmente, ao adentrar na vida adulta, as práticas de brincadeiras não fazem parte do prescrito. Várias tentativas, acabou que eu e meus colegas de turma jogamos cartas no intervalo das aulas. Gostaria muito de brincar mais, de curtir mais, de viver com menos encargo. Espero que um dia consiga.

Estefanne Nascimento

Caboclo, por Beatriz Matos Teixeira.
Giz pastel seco sobre papel A4, 2022.

Povos e comunidades tradicionais em defesa da memória e ancestralidade

por Socorro Brasil

O desconhecimento acerca de nossos povos originários tem contribuído, sobremaneira, para promover o preconceito e o racismo vigentes, pois a visão etnocêntrica, incentivada por uma mídia que promove a cultura eurocêntrica no país, favorece a ignorância sobre a diversidade cultural, e contribui para o desrespeito à diferença. Nas escolas, os livros continuam a reproduzir a imagem do indígena de 1500, sempre com um cocar, semi-nu, vivendo em oca, dentro de uma aldeia, no meio do mato, pintado, "exótico", "selvagem" e, de preferência, com os fenótipos intocáveis desde os tempos do "descobrimento". Não bastasse, o perfil da mulher indígena ainda é o da Iracema de José de Alencar, que romantiza e sexualiza o seu corpo e, dessa forma, muitos vulgarizam a nudez que faz parte de muitas culturas originárias.

Quando se trata de povos e comunidades tradicionais, aqui também se incluem, além dos indígenas e quilombolas, todos os que até hoje sobreviveram preservando as suas tradições, mesmo sendo agora reconhecidos sob diferentes classificações, entre as quais podemos observar: andirobeiras, castanheiras, seringueiros, extrativistas, ribeirinhos, pescadores artesanais, e muitas outras. Contudo, é importante observar que, grande parte dessas comunidades traz em suas histórias a ancestralidade indígena, assim como também a afro-descendência, e as mantêm presentes nos seus costumes, crenças e tradições, embora tais comunidades tenham sido dispersas e classificadas sob nomenclaturas que visam facilitar à políticas públicas oferecidas pelo Estado, enquanto demandas específicas. Mas, as histórias que essas comunidades tradicionais preservam até os dias atuais, e o vínculo vital que esses povos mantêm com a terra, com a água, com a natureza, com a floresta, merecem ser escutadas e reconhecidas como parte da tentativa de apagamento e extermínio sofridos pelos indígenas, enquanto povos originários dessa Terra.

É sabido que o etnocídio indígena perdurou não apenas o período colonial, mas teve continuidade até os nossos dias – inclusive com os projetos integracionistas e assimilacionistas impostos pelo próprio Estado brasileiro – e, sobretudo, pelo pardismo forçado, em consequência de uma mestiçagem violenta, e não "harmônica" e romantizada como a história insiste em narrar. A partir de uma amostra de 1.247 brasileiros que estudou os genomas de diversas regiões do país, recente pesquisa (Projeto DNA do Brasil/USP), iniciada em 2019, confirmou que o país apresenta uma herança genética materna majoritariamente indígena (34%) e africana (36%), enquanto a paterna (75%) se confirmou majoritariamente europeia. Conforme os resultados, os homens africanos deixaram 14,5% do seu DNA, e os indígenas menos ainda, apenas 0,5%. Em outras palavras, isso vem corroborar que houve, sim, um extermínio dos homens indígenas, e que as nossas mulheres foram vítimas de estupro. Não é motivo de orgulho ter que reconhecer e afirmar essa dor, mas é motivo de resistência.

Entretanto, a romantização dessa miscigenação forçada tentou ocultar a violência da "avó pega no laço", naturalizando o estupro, assim como a do indígena "pego a dente do cachorro", arrancado brutalmente de seu território. Lamentavelmente, mesmo com todas as formas de apagamento e silenciamento, sofridos pelos povos originários, a sociedade não-indígena insiste em impor seus estereótipos, assim como também insiste em definir os indígenas a partir de fenótipos. É necessário desconstruir essa imagem estereotipada e, por vezes, romantizada e fetichizada, do que é ser indígena hoje, desmistificando e decolonizando essa visão do século XVI que subsiste. Conforme bem analisa o escritor indígena Daniel Munduruku:

> (…) povos indígenas inteiros tem sofrido as consequências de viver em contato permanente com uma sociedade que lhes prendem em conceitos que os tornam menores e marginalizados. A isso se inclui a negação da identidade cultural. Se, por um lado, manter-se indígena é condição fundamental para o reconhecimento étnico – pois assim a sociedade complexa pode manipulá-lo – aprender e conviver com a sociedade em igual condição é considerado um abandono de identidade. Em outras palavras: se vou para a universidade e compreendo a lógica do ocidente, acabo desqualificado como membro de uma sociedade indígena. Ser indígena, na lógica ocidental, é manter-se no atraso cultural. Ao pertencer ao mundo globalizado, perco minha afirmação étnica. Essa forma de pensar tem ocasionado sérias crises de identidade em nosso meio. (…) As conseqüências disso são o sofrimento, a dor, o suicídio. (Mundurukando. São Paulo: U'Ka Editorial, 2010. p.67).

Não a toa, o indígena que utiliza tecnologias da sociedade ocidentalizada, e/ou adota costumes dessa cultura, é visto e considerado como "não-indígena", sofrendo assim todos os tipos de discriminação, pois essa concepção perdura como parte de um projeto integracionista, assimilacionista, imposto pelo próprio Estado, que buscou "aculturar", "civilizar", para assim concluir o etnocídio iniciado pela colonização, e finalmente poder sentenciar o fim dos povos indígenas. Esses preconceitos que, em muitos casos, se configuram enquanto racismo precisam ser combatidos a partir de um rompimento de paradigmas a serem decolonizados, pois indígena é indígena em qualquer lugar, em qualquer contexto, livres de imagens estereotipadas, fenotipadas, impostas por heteroidentificação.

O fato de se encontrar fora de seu território, ou mesmo despossuído de um território, fazendo uso de instrumentos e de cultura que não sejam as suas próprias, em nenhum momento devem colocar em dúvida a identidade indígena, pois isso jamais implicaria em "perda de identidade", e/ou perda de suas tradições e cultura originárias. O **saber tradicional** é o que preserva a existência de cada etnia que resistiu até hoje, e que ainda re-existe a todas as formas e tentativas de apagamento e etnocídio. A cosmologia, espiritualidade, costumes, formas e organização de vida coletiva, mantém a sobrevivência da cultura originária. E, por outro lado, o conhecimento acadêmico e científico apreendido na escola não-indígena é utilizado para contribuir e fortalecer os saberes originários, e não para substituílos. Bem como, os indígenas buscam ocupar espaços na sociedade dominante para também poder afirmar a sua própria cultura, torná-la conhecida e respeitada e, ao mesmo tempo, através do incentivo à troca de conhecimentos, contribuir para promover outras formas de ver e bem-viver, e permitir que essa sociedade ocidentalizada possa acreditar que outros mundos são possíveis.

Os povos originários são o maior exemplo de que outros mundos são possíveis, e sempre alertaram os não-indígenas a enxergarem que não há vida alguma sem a nossa Mãe Terra, e de que já se atingiu o ponto quase que irreversível de não-retorno, evidentes na crise climática instalada, assim como nas doenças decorrentes do desequilíbrio e da exploração destrutiva e predatória do planeta. Os indígenas vêm tentando denunciar que o modelo eurocêntrico antropocêntrico dominante falhou drasticamente, e que vem conduzindo a humanidade ao seu próprio extermínio. A forma predatória de se relacionar com a natureza trouxe graves consequências para o planeta, haja vista ser tratada como um supermercado, sempre a partir de uma relação consumista, e ignorando as suas próprias leis naturais, desrespeitando as sociedades dos animais que a integram, as vidas que se inter-relacionam para que se mantenha esse ecossistema em toda a sua plenitude.

A Mãe Terra é tratada como fonte inesgotável, de onde se arranca sem escrúpulos mais e mais, poluindo, contaminando, desmatando e matando. Nessa perspectiva, o Bem Viver dos povos originários vem conduzindo parte da sociedade ocidental a repensar seus modelos de "vida", pois mesmo sob esse sistema capitalista predador, há os não-indígenas que resistem e lutam por alternativas a esse paradigma dominante, tentando decolonizar essa forma de pensar o mundo. Porém, em geral, os saberes tradicionais dos povos originários sempre foram desprezados, considerados inferiores, "atrasados", "primitivos", "selvagens", pois a supremacia da cultura ocidental se impôs a partir dos processos colonizatórios, ou seja, resulta da relação de poder, da exploração e domínio que se fez através do epistemicídio e glotocídio dos povos originários. Embora sob novas roupagens, esse sistema se estendeu até hoje, e por toda a Abya Yala, perpetuando desde os períodos de colonização, e tendo continuidade com regimes ditatoriais, usando sempre de muita exploração e violência.

Após a conquista de uma democracia no Brasil, e com a Constituição Federal de 1988 estabelecendo que a demarcação de terras indígenas se cumpriria no prazo de cinco anos – assim como garantindo o direito à autodeterminação e a autonomia dos povos – vê-se que pouco ou nada se cumpriu. Entretanto, mesmo frente a todas as formas de etnocídio, e tentativas de apagamento, os povos originários vem resistindo e, por vezes, buscando ocupar espaços na própria sociedade não-indígena, como forma de luta e enfrentamento, já que seus espaços foram e são permanentemente invadidos e usurpados. O desconhecimento sobre a diversidade cultural aliado à história contada a partir do colonizador contribuem para os preconceitos, discriminações, e racismos, por isso faz-se necessário que hoje a história seja narrada pelos seus protagonistas, que aqui sempre viveram e sofreram todas as tentativas de extermínio e apagamento com as invasões.

Arte africana,
por Rodrigo Barreto.
Colagem digital, 2022.

Nesse contexto, observa-se o indígena desterritorializado, aquele que vem resistindo, ao longo da história, à invasão pela cidade, com a urbanização, tal qual a árvore que rompe mesmo sob o concreto, e consegue sobreviver. O indígena que sobrevive se autoafirmando, cotidianamente, sob a invasão do concreto, mesmo lançado à margem dessa sociedade excludente, onde o não-lugar que lhe foi reservado é o da periferia da cidade.

Mas, a sua memória ancestral sobreviveu aos invasores, e a oralidade manteve a história viva em suas tradições culturais. Através de partes da sua cultura que sobreviveu – seja na sua espiritualidade, nos seus rezos e benzeduras, na sua culinária, no cultivo de plantas medicinais, nas curas que os mais velhos ensinaram, e nos seus costumes diferenciados –, o indígena que teve o seu território ocupado pela cidade, preserva a sua história em memória viva, que precisa ser contada e recontada sempre, para não sucumbir. Por mais que sofrendo diariamente todas as tentativas de invisibilização e silenciamento, e sob a dor de um passado etnocida que ainda se faz presente, e insiste em negar seus direitos, arrancando o direito à terra, ao seu corpoterritório, à sua memória ancestral e à sua afirmação identitária, o indígena em contexto urbano subsiste e resiste na cidade que invadiu violentamente o seu território, mas que não conseguiu apagar a sua força ancestral, pois não apagou a sua essência, e o que se é: indígena.

A reparação histórica que se reivindica é o direito à retomada ancestral, em poder resgatar o reconhecimento do seu passado, da sua história, e de poder reconectar com as suas memórias vivas. Nesse processo de afirmação identitária de suas origens, os indígenas remanescentes dos que resistiram ao etnocídio no passado, embora sendo expulsos de seus territórios, hoje se autodeclaram pela consciência indígena, e re-existem nesse processo de autoafirmação e pertencimento. É justamente nesse contexto que a consciência indígena, critério definido pela Convenção 169 da OIT/Organização Internacional do Trabalho, se torna fundamental para determinar um coletivo. E o coletivo que se constrói, nesse contexto urbano, une todos os que buscam o caminho de volta pra casa, pois esse indígena não está isolado, há muitos outros também conscientes de suas origens e de sua ancestralidade. Assim nasce a *Wyka Kwara*, permitindo reafirmar o compromisso coletivo de continuidade e preservação das tradições, crenças, e cultura originárias, pois os indígenas não são apenas os 0,47% das estatísticas. Os corpos-território não foram usurpados, resistiram afirmando a memória ancestral a todas as tentativas de apagamento. A *Wyka Kwara*, que se traduz como "força no caminhar", se estende em toda a *Pindó Rama*, reunindo quem se encontra nesse processo de autoafirmação, ou ainda, no despertar dessa consciência indígena, por tantas vezes silenciada, mas jamais apagada. E por ser um coletivo que se desenvolveu a partir de afirmações identitárias em conexão com os seus antepassados, proporciona o reencontro e pertencimento com o que se é, pois a consciência indígena se determina pelo sentimento de pertencimento àquele povo com o qual se manteve vivos os vínculos ancestrais.

Arte Indígena,
por Rodrigo Barreto.
Colagem digital, 2022.

SOBRE A REVISTA

Esta revista foi idealizada pela primeira turma do curso de extensão "Pedagogia da Ancestralidade", como uma forma de publicar e compartilhar as produções realizadas ao longo do curso.

Essas produções buscavam abordar a ancestralidade a partir de aspectos da vida de cada participante, considerando a história do nome de cada participante, a história da família e des antepassades, e a história dos territórios. A turma produziu registros escritos e audiovisuais, bem como várias artes, algumas delas apresentadas ao longo deste número.

Tais atividades se tornaram matérias nos dois números já publicados desta revista. No primeiro número apresentamos algumas artes (colagens, pinturas, cerâmicas, desenhos, fotografias), falamos sobre o curso, sobre o que é ancestralidade, sobre os nomes, sobre as famílias, linhagens e antepassades, sobre os territórios. Neste segundo número, continuamos a apresentação da produção da primeira turma do curso, abordando alimentação, ervas e plantas, ancestralidade afetiva, oportunidades, corporeidades, escrevivência, brincadeiras, artes e expressão, amor, ancestralidade e memória. Todos temas abordados, de alguma forma, ao longo do curso.

Os textos foram produzidos peles extensionistas, cursistas e peles convidades que, ao longo do curso, nos ajudaram a pensar temas e abordagens, participaram dos encontros, ou mesmo serviram de inspiração para o que foi feito, falado e compartilhado.

Com os materiais produzidos pela primeira turma será produzido ainda mais um número desta revista, que focará em outras reflexões sobre ancestralidade, como por exemplo: sexualidade, cuidado em saúde, religiosidade, relação com o tempo e as experiências na área da educação. Próximos números poderão ser produzidos por próximas turmas do curso.

Esperamos que esta revista seja inspiradora no seu processo particular de construção da sua identidade e pertencimento. Esperamos você no próximo número da revista!

Onça, **por Isis do Carmo**
Aquarela em papel, 2023.
Arte da capa deste número.

Autories neste segundo número

Ariane Fernanda Moreira
Beatriz Matos Teixeira
Bitta Bardo
Carla Albuquerque
Carlos Alexandre Rodrigues Pereira
Cecília Espírito Santo
Claudia Maria Miranda Lima
Daiane de Oliveira Eilert
Elba Brito do Nascimento
Erick Cristian Carneiro
Estefanne Nascimento
Felipe Sousa de Souza
Fernanda Gonçalves
Guerra Tapuio
Irá Santos
Isis do Carmo
Kaká Portilho
Leiliana Maria Rodrigues dos Santos
Lidiane de Fátima Guedes
Lucia de Fátima Oliveira Cabral
Maria do Socorro Brasil Xavier
Marlene Teresinha da Silva
Milu Almeida
Mônica Dias
Natan Duarte
Potyra Krykati Guajajara
Rayane Freitas
Roberta Tomaz Cendon Gil
Rodrigo Barreto
Silvana Chagas Holanda

Cores Primárias
por Beatriz Matos Teixeira
Aquarela sobre papel A4, 2022.

Nossos agradecimentos

A todes que se empenharam para que o curso fosse criado e oferecido

A todes que participaram do curso

A Felipe Sousa de Souza por ter contribuído no preparo das imagens e por ter criado a identidade visual da Coletyva Pyndorama

A Matthew Spiteri e Pedro Miguel Aires pelas imagens disponibilizadas por eles para uso gratuito no Unsplash, as quais utilizamos na produção de colagens.

Cores Secundárias
por Beatriz Matos Teixeira
Aquarela sobre papel A4, 2022.

ÍNDICE ARTÍSTICO

Onça Capa, 135

Aquarela em papel por Isis do Carmo

Arara 05

Pintura em madeira por Isis do Carmo

Sempre Vivas 08

Colagem digital por Carlos Pereira

Peixinhos 10-11

Desenho por Roberta Gil

Pupunha cozida 12

Fotografia por Carlos Pereira

Cuia com Tacacá 12

Fotografia por Carlos Pereira

Banca de peixes no Mercado de Macapá 13

Fotografia por Carlos Pereira

Banca de ervas e temperos no Mercado de Macapá 13

Fotografia por Carlos Pereira

Legumes e tempeiros na feira em Macapá 14

Fotografia por Carlos Pereira

Cuia com Bacaba e farinha de tapioca 14

Fotografia por Carlos Pereira

Cuia com Açaí e farinha de Tapioca 14

Fotografia por Carlos Pereira

Paisagem do centro histórico de Belém, próximo à região do Ver-o-peso 15

Fotografia por Carlos Pereira

Frutas 16-17

Aquarela em papel por Isis do Carmo

Maracujá 18

Aquarela em papel por Isis do Carmo

Boldo de Jardim 18-19

Fotografia por Carlos Pereira

Potyra durante aula sobre plantas medicinais na Aldeia Maracanã 19

Fotografia cedida por Potyra Guajajara

Ora-pro-nobis em flor 20

Fotografia por Carlos Pereira

Potyra na Quinta da Boa Vista durante ensaio que faz parte de uma pesquisa sobre monumentos em espaços de memória indígena na cidade do Rio de Janeiro 21

Fotografia cedida por Potyra Guajajara

Cajus 22-23

Pintura em madeira por Isis do Carmo

Bél Fènm 24

Pintura por Guerra Tapuio

Arruda 27

Imagem disponível no banco de imagens do Canva Pro

Zane Zapopyr 29

Desenho a mão digitalizado, por Felipe Sousa de Souza

Ancestralidade e Pertencimento 32

Colagem feita com recursos e imagens do Canva Pro e imagem Adobe Stock licenciada para uso, por Carlos Pereira

Lança indígena feita em madeira e adornada com penas, etnia e autoria desconhecidas 34

Fotografia por Carlos Pereira

Cachimbo em madeira, autoria desconhecida 35

Fotografia por Carlos Pereira

Corpas, música e dança 37

Colagem feita com recursos e imagens do Canva Pro e imagens de Matthew Spiteri e Pedro Miguel Aires (ambas disponíveis para uso no Unsplash), por Carlos Pereira

O Batuque como Cura e Memória Ancestral 41
Fotografia por Bitta Bardo
Fraternidade Malunga 42–43
Pintura por Isis do Carmo
Harriet Tubman 44
Colagem digital por Carlos Pereira
Não foi ela, foram elas e muitas outras como elas 46–47
Colagem digital por Carlos Pereira
Não lembro meu sonho 50
Desenho por Roberta Gil
Visão ingênua, preconceituosa e sectária 53
Colagem digital por Carlos Pereira
Eu não me calo 140
Colagem digital por Carlos Pereira
Catavento 57
Desenho por Roberta Gil
Encruzilhada 60–61
Imagem disponível no Canva Pró
Bara 64–65
Colagem digital por Carlos Pereira
Espelhos (I) 67
Desenho por Roberta Gil
Espelhos (II) 68
Desenho por Roberta Gil
O pensamento de Alex 70
Aquarela em papel por Isis do Carmo
Pelas nossas divindades, a justiça será negra 73
Colagem digital por Carlos Pereira
Rainha Colorida 75
Tinta óleo sobre papel, por Beatriz Teixeira
Lembrança da Infância 77
Colagem, lápis de cor e giz pastel seco, por Roberta Gil

Nkonsonkonson 79
Desenho inspirado no acervo de Adinkras do Ipheafro
Sem Título 80–81
Desenho em grafite e aquarela por Ísis do Carmo
Oxum na Cachoeira 82
Tinta Acrílica sobre papel A4, por Beatriz Matos Teixeira
Embrião do Mundo 85
Aquarela em papel 300g, por Roberta Gil
Artes gravadas em uma das paredes da Escola de Belas Artes (EBA), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de autorias desconhecidas 89
Foto tirada por Carlos Pereira
Adinkras 90
Fotografia disponível no Canva Pró
6 de Copas 92
Pintura por Guerra Tapuio
Coração coroado que arde e queima 95
Colagem digital por Carlos Pereira
Mundo Particular 99
Aquarela e caneta esferográfica 0.3 em papel Vergê, por Roberta Gil
Xamego 101
Pintura em metal por Isis do Carmo
O amor sempre encontra o caminho de casa 102–103
Arte digital por Carlos Pereira
Argila do Quilombo – traços ancestrais 105
Artesanato em argila e fotografia por Rayane Freitas
Poética Florestal 108
Desenho por Carla Albuquerque
Pé de quê? 109
Pintura por Claudia Lima
COISIS 110–111
Desenho por Natan Duarte

Sem Título 112

Desenho por Guerra Tapuio

Toda confusão que há em mim 113

Pintura sobre casca de Jussara, por Fernanda Gonçalves

Coruja Mundica 114

Artesanato em tecido e fotografia por Silvana Holanda

Fotoarte 115

Instalação e fotografia por Daiane Eilert

Mimos para Ninar Meninos de Buruquê 116

Fotografia por Bitta Bardo

Sem Título 117

Colagem digital por Ariane Moreira

Amazônia 120–121

Colagem digital produzida com imagens disponíveis no Canva Pró, por Carlos Pereira

Crianças 122

Pintura em tela por Bitta Bardo

Ibejis 124–125

Imagem disponível no Canva Pró

Caboclo 126–127

Colagem digital produzida com imagens disponíveis no Canva Pró, por Carlos Pereira

Arte Africana 131

Colagem digital por Rodrigo Barreto

Arte Indígena 133

Colagem digital por Rodrigo Barreto

Cores Primárias 136–137

Aquarela sobre papel, por Beatriz Teixeira

Cores Secundárias 138–139

Aquarela sobre papel, por Beatriz Teixeira

pedagogia da

ANCESTRALIDADE

Volume 01, número 02, ano 2023